



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MESTRADO EM MUSEOLOGIA

**Relatório de Estágio**

**O Museu Municipal e a Rede de Património de Portalegre – política de conservação e valorização de bens museológicos (2006-2012)**

Autor  
Paula Cristina Breites Moreira Freire

Orientador  
Professor Doutor João Carlos Pires Brigola

Setembro de 2012

## **Mestrado em Museologia**

### **Relatório de Estágio**

#### **O Museu Municipal e a Rede de Património de Portalegre – política de conservação e valorização de bens museológicos (2006-2012)**

Autor

Paula Cristina Breites Moreira Freire

Orientador

Professor Doutor João Carlos Pires Brigola

## **Agradecimentos**

Gostaria de deixar um agradecimento à Câmara Municipal de Portalegre pela possibilidade de poder estagiar no Museu Municipal, sem esquecer a dedicação dos seus funcionários, à Dra. Sónia Alves, ao Sr. António Sequeira, à D. Margarida Mendes Carvalho e à D. Margarida Oliveira, que me forneceram todas as informações necessárias para a realização deste trabalho e que me apoiaram durante a realização do estágio integrando-me naquela equipa.

Também não posso deixar de agradecer a todos os funcionários dos Museus analisados, principalmente à Dra. Maria José Maçãs da Casa Museu José Régio, à Dra. Paula Fernandes do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino e à Dra. Laura Romão da Fundação Robinson por toda a informação prestada durante a investigação.

Agradeço ainda ao Dr. António Curvelo, filho Herculano Curvelo, que me disponibilizou toda a informação sobre o seu pai.

Um agradecimento muito especial, ao meu orientador, Professor Doutor João Carlos Brigola, pelos ensinamentos, sugestões feitas e paciência demonstrados durante este percurso.

Por último um inestimável agradecimento à minha família, bem como à Ângela, à Inês e à Lisete, pois sem o seu apoio e amizade este longo processo não teria chegado ao fim.

## Resumo

O Museu Municipal de Portalegre foi o local escolhido para realizar o estudo aqui apresentado, enquanto espaço de acolhimento da coleção antoniana de Herculano Curvelo e também como uma das unidades museológicas de Portalegre. Uma vez que o museu faz parte da Rede de Património de Portalegre, achámos pertinente analisar as restantes unidades museológicas desta cidade, no sentido de entender as sinergias criadas por esta Rede.

A avaliação do estado de conservação do acervo dos museus deve ser feita aquando da sua inventariação, pois é um aspeto indispensável em qualquer sistema documental. O Museu Municipal de Portalegre não dispõe de técnicos especializados para desenvolver este trabalho, pelo que a parte prática deste estudo incide sobre a avaliação do estado de conservação da coleção antoniana.

Desta forma, apliquei os conhecimentos da minha formação inicial em conservação e restauro, contribuindo para uma caracterização do estado desta coleção.

A análise de todos os aspetos a que nos propusemos permitiu concluir que as unidades museológicas existentes em Portalegre sofreram melhorias significativas ao longo dos últimos anos.

Palavras-Chave: Museu Municipal de Portalegre; Coleção antoniana; Conservação e restauro de bens museológicos; Rede de Património de Portalegre.

## **Abstract**

The Municipal Museum of Portalegre was chosen to conduct this study, as the host place of the Antoniana collection of Herculano Curvelo and also as a part of Portalegre museums. Since the museum is part of the Portalegre Heritage Network, we considered relevant to analyze the remaining museums of this city, in order to understand the synergies created by this network.

The evaluation of the conservation status of the collection of a museum should be made as a part of its inventory as it is an indispensable aspect in any documentary system. The Municipal Museum of Portalegre lacks technical expertise to develop this work, so the practical part of this study focuses on the assessment of the conservation status of the Antoniana collection.

Thus, I applied the knowledge of my initial training in conservation and restoration, contributing to a characterization of the state of this collection.

The analysis of all aspects allowed concluding that the existing museums in Portalegre suffered significant improvements over the recent years.

Keywords: Municipal Museum of Portalegre; Antoniana collection, Conservation and Restoration of museum property, Portalegre Heritage Network

### **Lista de Abreviaturas**

CMJR – Casa Museu José Régio

CMP – Câmara Municipal de Portalegre

FR – Fundação Robinson

MMP - Museu Municipal de Portalegre

MTP-GF – Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino

RPM – Rede Portuguesa de Museus

RPP – Rede de Património de Portalegre

## Índice

Introdução .....	8
1- Museu Municipal de Portalegre .....	10
1.1- Breve história do Museu .....	10
1.2- O Acervo do Museu Municipal.....	14
1.3- Análise Crítica à Unidade Museológica .....	16
1.4 – Museu Municipal de Portalegre janeiro de 2007 a janeiro de 2012 .....	26
2- Coleção Antoniana .....	34
2.1- O Colecionador e a Coleção .....	34
2.1.1-O Colecionador - Herculano Madeira Curvelo .....	34
2.1.2 – A coleção .....	35
3-Relatório das atividades desenvolvidas durante o estágio .....	43
4- Unidades Museológicas de Portalegre e a Rede de Património de Portalegre.....	49
4.1- Casa Museu José Régio de Portalegre .....	49
4.2- Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino .....	56
4.3- Fundação Robinson .....	63
4.4- Rede de Património de Portalegre .....	77
Considerações Finais .....	82
Fontes e Bibliografia .....	85
Anexos .....	90
Anexo I – Fotográfico .....	I
I.I – Fotografias do Museu Municipal de Portalegre .....	I
I.II – Fotografias da Casa Museu José Régio .....	XXIX
I.III – Fotografias do Museu de Tapeçarias de Portalegre .....	XXX
I.IV – Fotografias da Fundação Robinson .....	XXXII
Anexo II – Plantas .....	XXXVI
II. I – Museu Municipal de Portalegre .....	XXXVI
II.II – Casa Museu José Régio .....	XLI
II.III – Museu de Tapeçarias de Portalegre .....	XLIII
I.IV – Fundação Robinson .....	XLIV
Anexo III – Fichas .....	XLV
III.I.I – Fichas de Verificação – Tipo 1 .....	XLV
III.I.II – Fichas de Verificação – Tipo 2 .....	XLVI
III.II – Fichas de Verificação – Baixos Relevos .....	LII
III.III – Ficha da Base de Dados <i>In Arte</i> .....	LXII
Anexo IV – Textos Complementares .....	LXIV
IV. I - Breve biografia de Santo António de Lisboa.....	LXIV
IV.I.II - Iconografia do Santo .....	LXV
IV. II - José Régio o Poeta Colecionador .....	LXVI
IV. III - Fábrica de Manufatura de Tapeçarias de Portalegre .....	LXXI
IV.IV - Fabrica Robinson .....	LXXVI

## **Introdução**

O presente relatório é a súmula do trabalho realizado, durante o Estágio Curricular, no âmbito do Mestrado em Museologia da Universidade de Évora.

Este estágio decorreu no Museu Municipal de Portalegre (MMP) sob a orientação de Sónia Alves, pela instituição de acolhimento, e de João Brigola, pela Universidade de Évora.

Em final de 2006, início de 2007, foi efetuado o Estágio I incluído na via académica (88 horas) com vista à conclusão da parte curricular do Mestrado. Como nessa altura não foi realizada a dissertação e uma vez que atualmente é possível a realização do Estágio II, via profissionalizante (300 horas), e assim obter o grau de mestre em Museologia, optei por esta solução.

Para poder reformular o relatório houve a necessidade de voltar à unidade museológica, em 2011 e 2012, e realizar nova análise e investigação.

A escolha do MMP para Unidade Museológica de Acolhimento prende-se com o facto de exercer funções técnicas num museu municipal do Norte Alentejano, em Avis, que enfrenta muitas dificuldades semelhantes a outros pequenos Museus do interior do País. Esta realidade pesou muito na escolha porque é essencial trocar experiências com pessoas que todos os dias se deparam com problemas semelhantes e tentam ultrapassá-los, contribuindo assim para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

Após o primeiro contacto com a sua Conservadora, e uma vez que o Museu se encontrava numa fase de transição, foi acordado que o meu estágio iria assentar na análise do estado de conservação de uma Coleção Antoniana, doada ao MMP por Herculano Curvelo em 1985. A coleção em causa encontrava-se já inventariada e inserida em base de dados. No entanto, uma vez que o Museu não possui um Conservador Restaurador, o seu estado de conservação não tinha sido avaliado. Este aspeto é fundamental em qualquer sistema documental, visando a correta conservação do acervo. Neste caso ainda se tornava mais pertinente e urgente uma vez que se estava a proceder à sua total transferência para novas instalações, devido às obras de remodelação de que entretanto foi alvo.

Apesar do Museu ter várias coleções e de, na sua maioria, nenhuma ter ficha de verificação do estado de conservação, optou-se por esta, porque as restantes já se encontravam embaladas e à espera de serem transportadas.

O MMP tem por hábito, e devido à falta de pessoal, nomeadamente no que diz respeito a técnicos superiores, aceitar estagiários de forma a poder colmatar, por períodos curtos de tempo, estas carências. Assim, no âmbito da minha formação de base – Conservadora-Restauradora - mas nunca esquecendo a componente museológica e o contacto com essa realidade, integrei-me na equipa de trabalho.

Em 2006/2007 o estágio assentou assim, de um modo geral, na elaboração das fichas de verificação e na embalagem da coleção Antoniana, a pesquisa sobre a história, o acervo e o funcionamento do museu, a coleção em estudo e o seu colecionador.

Em 2011/2012 voltei a analisar a coleção que já havia regressado ao Museu, após as obras de remodelação, e se encontrava desembalada. A pesquisa levada a cabo, nesta altura, permitiu chegar a conclusões que não havia chegado devido à urgência anterior.

A metodologia seguida neste trabalho pode ser dividida em dois campos bem distintos. O primeiro prende-se com a observação direta da coleção escolhida e do preenchimento das respetivas fichas de verificação do estado de conservação, bem como registo fotográfico dos casos mais pertinentes. O segundo é referente à investigação realizada para a elaboração deste trabalho, que passou por diversas fases:

- Consulta de obras genéricas na área da conservação e restauro e da museologia. Em bibliografia própria, na Biblioteca da Universidade de Évora e em sítios na internet.

- Pesquisa bibliográfica sobre as diferentes unidades museológicas, realizada na Biblioteca Municipal de Portalegre, nos arquivos internos de cada instituição e sítios na internet.

- Visitas a todas as unidades museológicas, com vista à análise das diferentes realidades e métodos de trabalho, e a realização de entrevistas não formais aos responsáveis e restantes funcionários. Recolha de material gráfico e fotográfico.

- Pesquisa bibliográfica, na Biblioteca Municipal de Portalegre, nos periódicos existentes em Portalegre, de 1918 a 2012. Respetivamente, *A Voz de Portalegre* (de 1959 a 1965); *A Rabeca* (de 1918 a 1985); *O Distrito de Portalegre* (de 1918 a 1985) e *Fonte Nova* (de 1985 a 2011). A partir de 1985 optou-se por analisar somente o jornal *Fonte Nova*. No entanto, quando surgia alguma notícia relevante, verificava-se se os restantes jornais faziam alguma referência. Para notícias posteriores a 2008 foi também consultado o jornal *Alto Alentejo*.

Durante este estágio foram ainda analisadas de forma sumária as restantes unidades museológicas existentes na Cidade de Portalegre, a Casa Museu José Régio e o Museu da Tapeçaria – Guy Fino, bem como a Fundação Robinson, porque todas elas, a par do Museu Municipal, desde 8 de agosto de 2011, fazem parte do que a autarquia chamou de Rede de Património de Portalegre. Foram deste modo avaliadas as sinergias proporcionadas por este sistema reticular.

Por último, a análise efetuada permitiu, de uma forma sucinta, traçar um retrato do panorama museológico desta cidade do *interior*, afinal tão rica e diversificada a nível de ofertas culturais e de bens patrimoniais.

## 1- Museu Municipal de Portalegre

O Museu Municipal de Portalegre (MMP) situa-se junto à Sé de Portalegre no coração do centro histórico da cidade, mais precisamente na rua José Maria da Rosa, antiga rua do Seminário.

O Museu Municipal é público, tutelado pela administração local, com campos temáticos que abrangem a arte, a história, a arqueologia e a etnografia. Estamos perante um museu pluridisciplinar com uma vocação internacional devido ao tipo de coleções que apresenta - cerâmica europeia e várias peças de arte indo-portuguesa - estabelecendo relações com os restantes museus municipais bem como regionais, nacionais e, até, internacionais. Desde 8 de Agosto de 2011 que, pela declaração nº203/2011, publicada no Diário da República 2ª série, n.º 151, faz parte da Rede de Património de Portalegre.

A missão do MMP é preservar e dar a conhecer o acervo à sua guarda<sup>1</sup>.

A exposição permanente que se encontrava patente em Junho de 2006, altura em que o Museu encerrou provisoriamente para obras de remodelação, mantinha-se inalterável desde final da década de 80 do século XX. O espólio à guarda do Museu Municipal é riquíssimo, levando a que seja muito procurado por investigadores e solicitado para inúmeras exposições no país e no estrangeiro.

### 1.1 - Breve História do Museu

A primeira referência ao MMP data de 1901<sup>2</sup>, quando o Presidente da Câmara Municipal de Portalegre, Dr. Severiano Sant'Anna Marques, propôs a sua criação. No entanto, somente em 1918 em reunião da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Portalegre, o Vereador Dr. Laureano António Picão Sardinha levou a sessão a sua criação. A Comissão “deliberou criar nesta cidade um Museu e Biblioteca Municipal para o qual nomeava uma comissão para levar a efeito estes melhoramentos composta dos Ex.mos S. Vereador Dr. Morreirinha; Dr Sant'Ana; Dr Sardinha; Tomaz Garção.”<sup>3</sup> Assim, a 21 de dezembro de 1918, o Museu é instalado numa pequena sala da antiga Câmara Municipal na Praça do Município.

Devido às condições que esta sala tinha e por se tratar de um espaço exíguo, em 1932 é instalado na Igreja do Convento de São Bernardo. Segundo Luís Keil esta igreja foi “fundada pelo Bispo da Guarda, D. Jorge de Melo em 1518”<sup>4</sup>, sofreu várias alterações principalmente no final do séc. XVI e início do séc. XVIII. Em 1834 foram extintas as ordens

---

<sup>1</sup>Segundo a sua Conservadora Sónia Alves.

<sup>2</sup>Só há pouco tempo, e devido a uma investigação feita por Lúcia Castro, é que esta data passou a ser considerada como o início do Museu, pois até aqui era 1918.

<sup>3</sup>“Câmara Municipal de Portalegre - Comissão Administrativa sessão ordinária de 21 de Fevereiro 1918.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 35, n.º 2542 de 10-03-1918, p.2.

<sup>4</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol. I*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943, p. 139.

religiosas, no entanto como este era um convento feminino só deixou de ter habitantes quando a última freira morreu em 1878. Ficando ao abandono até 1883 altura em que aí passou a funcionar a capela do seminário diocesano, no entanto em “1910 quando o convento é adaptado a quartel, a igreja foi destinada a Museu Municipal”<sup>5</sup>. Como se pode ver pelas palavras de Luís Keil a vontade de instalar o Museu nesta dependência vinha mesmo de antes de ter surgido o Museu. Foi a 16 de Junho de 1923 que:

“a folha oficial e sobre o número 890 publicou um decreto em que, pela pasta da justiça, foi a título precário cedida à Câmara Municipal desta cidade e para a criação do museu, a igreja, os dois coros, as sacristias, casa do capítulo e um pequeno quintal de S. Bernardo.”<sup>6</sup>

Podemos ainda ver que a pequena sala onde funcionou o Museu até 1932, tinha pouca visibilidade, pois o jornal *A Voz Portalegrense* de 3 de Junho de 1961 achava que com a adaptação da igreja a Museu se “preenchia uma lacuna na vida cidadina, que até ali não dispunha dum estabelecimento onde, numa visão retrospectiva e rápida, se pudesse observar os elementos do passado e compará-los com os atuais.”<sup>7</sup> O Padre Diogo Pereira de Sotto Maior defendeu ainda que a escolha do local se prendeu com o facto de que naquele local “ficar à vista da cidade.”<sup>8</sup>

O Museu foi assim instalado na “capela e dois coros. A igreja estava desprovida de tudo o que possuía de carácter religioso. Faltam os altares. Na parte da igreja propriamente dita e no coro - de cima, colocaram-se os objetos dispersos, uns provenientes do próprio convento, outros do núcleo que existia na Câmara Municipal.”<sup>9</sup>

Como no Convento também se encontrava aquartelado o Batalhão de Caçadores nº1, as visitas por vezes tornavam-se difíceis.

Em 1958 por iniciativa do Vereador Raul Galiano Tavares passou para uma antiga casa Nobre do século XVI situada junto à Sé de Portalegre na Rua José Maria Rosa, onde permanece até hoje.

Este antigo edifício foi construído para albergar o Seminário Diocesano fundado por D. Fr. Amador Arrais nos finais do século XVI, no entanto em 1765 foi mandado reconstruir pelo Bispo D. João de Azevedo o que o alterou por completo.

#### O atual edifício

“conserva todas as características de uma casa nobre do século XVIII com cunhais e guarnições de granito escuro da região. Tem pavimento térreo e dois andares. Tem três portais, sendo o principal com frontão interrompido e escudo de armas do bispo

---

<sup>5</sup>Ibidem.

<sup>6</sup>“Assinalando a data de 28 de Maio. Foi inaugurado o Museu Municipal nas suas novas instalações.” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, n.º 1487 de 3-06-1961, p.1.

<sup>7</sup>Ibidem.

<sup>8</sup>Ibidem.

<sup>9</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol. I*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943, p.147.

reformador, abram-se na fachada principal ao edifício da Sé. No andar nobre, na fachada principal estão oito janelas com pequenos balcões apoiados sobre mísulas que saem de um cordão de cantaria que contorna as paredes. Todas estas janelas, assim como as fachadas laterais têm frontões, alternadamente, quadrados e ovalados, com vergas salientes e ombreiras caneladas. As janelas do andar superior são todas de peitoril, excepto uma da fachada principal que tem sacada e grade.”<sup>10</sup>

O interior foi transformado posteriormente para aí se instalarem as Escolas Primárias da Cidade.

De 1958 a 1961 sofreu obras para albergar o Museu. Em 28 de Setembro de 1958 quando João Couto visitou Portalegre, “não havia no edifício do paço episcopal plano de Museu. Existiam várias obras de arte dispersas nas salas do andar térreo, tudo se encontrava em obras”<sup>11</sup>. No andar superior “já estão previstos os compartimentos para as exposições temporárias e para as conferências, dependências indispensáveis numa instituição desta natureza.”<sup>12</sup>

Os melhoramentos que o edifício do antigo Seminário Diocesano foi alvo ficaram a dever-se “aos presidentes da Câmara Municipal S. Dr Martinho de Albuquerque de Azevedo Coutinho, Manuel Fernandes de Carvalho, Engenheiro Fraga do Amaral e Dr António Mira Godinho, assim como ao antigo vereador Sr. Dr Galiano Tavares.”<sup>13</sup>

A 28 de Maio de 1961 é inaugurado então o Museu neste novo espaço. Foram várias as entidades que estiveram presentes desde civis a eclesiásticas. Da parte do governo esteve presente o Ministro do Interior António Gonçalves Rapazote.

A montagem da exposição que contava nesta altura somente com duas salas no piso térreo esteve a cargo de Manuel Cayola Zagallo, conservador do Palácio da Ajuda. Foram várias as personalidades que discursaram neste dia, no entanto temos de destacar quatro nomes o primeiro dos quais o presidente de Câmara António Mira Godinho que salientou que “foram feitas doações por Dr. José Nunes Serigado e por sua esposa Sra. D. Maria Ana Sequela Serigado e pela Sra. D. Catarina Blanco”<sup>14</sup>. Em segundo lugar o Dr. Cayola Zagallo apelou para que “deverão no futuro realizar-se conferências e exposições tendentes a elevar o nível cultural desta cidade”<sup>15</sup> e “afirmar que o Museu é um belo elemento de propaganda Turística para a cidade, pois ele contém peças raras e muito valiosas.”<sup>16</sup> O governado civil Martinho de Albuquerque que realçou a aquisição “da cerâmica e da tapeçaria que

---

<sup>10</sup>Idem, p.134.

<sup>11</sup>COUTO, João – “O Museu de Portalegre” in *Ocidente*, nº 282, Vol LXI, 1961, p.184.

<sup>12</sup>Idem, p.135.

<sup>13</sup>“Museu Municipal” in *A Rabeca*, Ano 46, n.º 2137 de 31-05-1961, p.1.

<sup>14</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol. I*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943, p.134.

<sup>15</sup>“Assinalando a data de 28 de Maio. Foi inaugurado o Museu Municipal nas suas novas instalações”. in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, n.º 1487 de 3-06-1961, p.1.

<sup>16</sup>“Museu Municipal”. in *A Rabeca*, Ano 46, n.º 2137 de 31-05-1961, p.1.

pertenceu ao falecido colecionador Dr. Laureano Sardinha.”<sup>17</sup> E por último o poeta José Régio que declarou “oferecer ao museu as valiosas peças artísticas que a título precário, lhe havia cedido.”<sup>18</sup>

Após os discursos, Cayola Zagallo conduziu uma visita guiada ao Museu onde os convidados puderam admirar:

“diversas e adequadas estantes e mísulas, ver as faianças e as tapeçarias, o armário vindo de S. Bernardo, um jogo de pesos de ferro mandado fazer em 1499 por D. Manuel I, uma enternecedora imagem de Nossa Senhora da Piedade (século XV), um Cristo de marfim do século XVIII, um sacrário de ébano e prata do século XVII, doze baixos-relevos de terracota policromada (1530), quadro outros baixos-relevos de marfim (século XVIII). Numa das salas percorridas pode-se admirar uma curiosa coleção de chávenas e pires oferecidos pelo Sr. Dr. José Serigado, que levou a sua generosidade ao ponto de igualmente oferecer o apropriado armário em que a referida coleção se encontra exposta. No primeiro andar numa das salas podemos admirar a coleção de variados quadros de autores diferentes.”<sup>19</sup>

A nova localização do Museu e conseqüentemente inauguração tiveram ecos na imprensa local, para *A Voz Portalegrense* o “Novo Museu será digno desta cidade que está a valorizar-se de forma notável”<sup>20</sup>, ao passo que para *A Rabeca* “sem dúvida alguma foi uma bela ideia esta adaptação, pois assim o Museu está muitíssimo melhor instalado.”<sup>21</sup>

Em 1961 estiveram patentes no Museu diversas exposições de onde podemos destacar pela sua importância as exposições de pintura a óleo de Júlia da Ressurreição e de Rosa Mendes. No ano de 1963 a exposição mais importante foi a de porcelanas e vidros levada a efeito pela fábrica de porcelanas Vista Alegre.

Em 1965, o Museu foi ampliado com mais 3 salas no primeiro piso do edifício, sala Benvindo Ceio onde foram expostos “dois esplêndidos retratos do artista e telas de Lauro Corado, Miguel Barrias, Renato Torres, João Tavares, D. Júlia da Ressurreição, Arsénio da Ressurreição e Jorge Rodrigues Neves”<sup>22</sup>, sala Abel Santos com “retratos e desenhos ligados ao Alentejo”<sup>23</sup> e a terceira sala formada por peças doadas por José de Andrade Sequeira nomeadamente “mobiliário, loiças, pratos, caixas de rapé, etc. de muito valor artístico e regional.”<sup>24</sup>

---

<sup>17</sup>“Assinalando a data de 28 de Maio. Foi inaugurado o Museu Municipal nas suas novas instalações.” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, n.º 1487 de 3-06-1961, p.1.

<sup>18</sup>Idem, p.1.

<sup>19</sup>“Assinalando a data de 28 de Maio. Foi inaugurado o Museu Municipal nas suas novas instalações.” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, n.º 1487 de 3-06-1961, p.1.

<sup>20</sup>“Museu Municipal.” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, n.º 1486 de 27-05-1961, p.6.

<sup>21</sup>“Museu Municipal.” in *A Rabeca*, Ano 46, n.º 2137 de 31-05-1961, p.1.

<sup>22</sup>“Museu Municipal enriquecido com três novas salas.” in *A Rabeca*, Ano 50 n.º 2352 de 16-09-1965, p.2.

<sup>23</sup>Ibidem.

<sup>24</sup>Ibidem.

Em Julho de 1971 foi aberto ao público a Galeria de Pintura Contemporânea com obras de “João Tavares, Arsénio da Ressurreição; José Rodrigues das Neves; Juan Pablo, Alba Lopes, Júlia da Ressurreição, Italo Violante; Júlia Tuna, Moraes Carvalho, e Manuel Bentes.”<sup>25</sup>

## 1.2 - O Acervo do Museu Municipal

O acervo deste Museu tem aumentado ao longo dos anos através de doações de particulares e aquisições feitas pela autarquia.

O seu espólio é composto por coleções de Arte Sacra, Faiança, Mobiliário, Pintura, Cerâmica e Ourivesaria.

Em 1918, o espólio era composto por uma pequena coleção de Arte Sacra composta por “uma vitrine que continha quatro quadros de marfim representando: o Casamento Místico de Santa Catarina, Anunciação de Nosso Senhor, Santos Mártires de Marrocos e Matança dos Inocentes; uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição; uma imagem de Cristo Crucificado, também estas duas últimas imagens são de marfim”<sup>26</sup> todas estas peças haviam sido trazidas do extinto Convento de S. Bernardo.

Quando da transferência do Museu para o Convento de S. Bernardo o espólio é enriquecido com outras peças de Arte Sacra deste Convento e do de S. Clara. Segundo Luís Keil o museu tinha:

“objectos arqueológicos e outros referentes à história da antiga Vila e Cidade de Portalegre. Curiosidades locais. Inscrições romanas, medievais e modernas, lápides comemorativas e votivas. Entre elas a celebre inscrição votiva de Ammaia. Fragmentos arquitectónicos romanos, românicos, góticos e ainda de épocas mais recentes. Lápides e campas sepulcrais provenientes de várias igrejas demolidas. Azulejos do século XVI, XVII e XVIII. Ferros bronzes e mobiliário.”<sup>27</sup>

E ainda:

“janela cunhal, do renascimento; cruzeiro de S. Bento século XVI; retábulo de altar em mármore do século XVI; armário de castanho com ferragens meados do século XVI com portas e ilhargas esculpidas no gosto renascentistas; porta de carvalho renascentista; grade de ferro forjado do século XVII; dois baixos relevos em madeira dourada e policromada século XVI S. Bento e S. Bernardo; sacrário de ébano com guarnições de prata e painéis pintados sobre madeira representando Cristo preso à coluna, EcceHomo e Cristo Ressuscitado final século XVII; imagem de Nossa Senhora de 1796 obra de Barros Laborão; custódia de prata dourada com quatro contas de cristal do século XVI, da

<sup>25</sup>“Museu Municipal de Portalegre.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 90, n.º 5237 de 31-07- 1971, p.2.

<sup>26</sup>SAJARA, Luís Ferreira - s.t., 1971, policopiado.

<sup>27</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol. I*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943, p.148.

misericórdia de Portalegre; cálice de prata dourada século XVIII da misericórdia de Portalegre; “píxide de prata dourada da misericórdia de Portalegre.”<sup>28</sup>

Antes do Museu reabrir portas em 1961, a Câmara Municipal adquiriu em 1956 uma coleção de Faiança Portuguesa e Espanhola, que vai do século XVII ao início do XX, a Laureano Sardinha. Esta coleção foi ampliada em 1991 através da aquisição de um conjunto de 98 de pratos “ratinhos”, a Emílio Castro. A fim de se dar a conhecer as novas peças da coleção foi realiza na Galeria Municipal de 22 a 26 de Maio uma exposição.

Em 1964 a viúva de Abel Santos, Isaura Correia Santos doou ao Museu “vários quadros da autoria do seu marido.”<sup>29</sup>

Em 1965, o Museu viu alargado o seu espólio com a doação de inúmeras peças por José d’ Andrade Sequeira, nomeadamente, caixas de rapé, porcelanas europeias e chinesas do século XVIII e XIX. Também no mesmo ano, Emílio Augusto Martins e Castro, ofereceu uma “mesa de apreciado valor.”<sup>30</sup>

Em 1980, Manuel Cayola Zagallo fez uma doação de peças de mobiliário e cerâmica, que incluía mobiliário D. João V e loiça de Estremoz.

Em 1985, Herculano Curvelo doou uma diversificada Coleção de Santos António, que foi ampliada em 2001 após a aquisição de 98 peças aos herdeiros do Sr. Rui Sequeira.

Por último, em 1998, a Câmara adquiriu várias obras do Pintor Arsénio da Ressurreição.

A coleção de Faiança Portuguesa e Espanhola vai do século XVII ao início do XX. No que se refere à primeira “traçam-nos a história da faiança feita em Portugal desde o século XVII ao início do século XX, destacando-se a louça azul e branca feita sob influência da ornamentação usada no Oriente e os curiosíssimos pratos “ratinho”<sup>31</sup>. Estamos, assim, perante exemplares das mais “importantes fábricas portuguesas do século XVIII e XIX”<sup>32</sup> onde podendo ser apreciados “aranhões, “contas”, “desenho miúdo”, pratos ratinhos, Fábrica do Rato, Estremoz, Juncal, Viana, Coimbra e Porto.”<sup>33</sup> A faiança portuguesa é considerada “por alguns especialistas como uma das melhores do país.”<sup>34</sup>

A coleção de porcelanas é constituída por xícaras europeias e orientais do século XVIII ao XIX, destacando-se “as peças da Companhia das Índias, Família Rosa”<sup>35</sup>

<sup>28</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol. I*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1943, p.148.

<sup>29</sup>“Nota das principais deliberações da Reunião de Câmara de 10 de Março de 1964.” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXXII n.º 1623 de 14-03-1964, p.5.

<sup>30</sup>“Principais deliberações da Reunião de Câmara de 8 de Junho de 1965.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 82, n.º 4924 de 19-06-1965, p.4.

<sup>31</sup>Alves, Sónia - *História do Museu de Portalegre*, 2006, policopiado.

<sup>32</sup>Alves, Sónia – *Museu Municipal de Portalegre*, 2002, policopiado.

<sup>33</sup>Ibidem.

<sup>34</sup>“Museu Mundial esse ilustre desconhecido.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº954 de 6-04-2002, p.3.

<sup>35</sup>Alves, Sónia – *Museu Municipal de Portalegre*, 2002, policopiado.

A coleção de Arte Sacra é composta por escultura, pintura, mobiliário, ourivesaria e paramentos. As peças são provenientes dos extintos Conventos de S. Bernardo e Santa Clara, podendo ser datadas desde o século XV até ao século XIX, bem como a coleção de Santos António, composta por 728 peças.<sup>36</sup> Dentro da coleção de Arte Sacra destacam-se quatro relevos de marfim do século XVIII, sacrário de ébano e prata do século XVII, Nossa Senhora da Piedade do século XV<sup>37</sup>, 12 baixos-relevos em terracota policromada representativos da vida de Cristo do século XVI, Nossa Senhora da Conceição em marfim do século XVII e uma estante de missal indo-portuguesa do século XVII. Esta coleção foi considerada por Simonetta Luz Afonso “como uma das mais importantes existentes em Portugal.”<sup>38</sup>

A coleção de Mobiliário é formada por móveis de estilo D. João V e D. José, uma porta gótica do Convento de Santa Clara e um armário renascentista.

A coleção de pintura é formada por obras que vão do século XV à atualidade, onde estão representados “pintores portugueses contemporâneos como Manuel d’ Assumpção, João Tavares, Arsénio da Ressurreição, Benvindo Ceia, Abel Santos, Lauro Corado e Artur Bual, entre outros.”<sup>39</sup> Um dos núcleos mais representativos é o do pintor e Professor Abel Santos que doou ao museu as suas obras.

A coleção de tapeçaria é composta por vários tapetes de Arraiolos.

Da coleção de ourivesaria fazem parte uma vastíssima coleção de caixas de rapé datadas do século XVIII ao século XX.

Temos também de referir, e apesar de não fazer parte de nenhuma das coleções, o primeiro automóvel que circulou em Portalegre no ano de 1901. Trata-se de um “voiturett” fabricado pela empresa Clément, Gladiator & Humber, este automóvel fabricado em 1900, foi comprado pelo Marquês de São Payo<sup>40</sup>, que o traz para a cidade no ano seguinte.

### 1.3- Análise Crítica à Unidade Museológica

A análise crítica que aqui propomos remete para o objeto de análise tal como se apresentava em 2007. Optou-se por continuar a apresentá-lo com o objetivo de se compreender o contexto da primeira parte do meu Estágio, bem como para permitir uma medida de comparação com a atualidade do Museu.

---

<sup>36</sup>Entre as quais, esculturas, medalhística, pintura, filatelia, numismática, postais, livros e slides datadas do século XV ao século XX.

<sup>37</sup>Segundo o artigo “Museu Mundial esse ilustre desconhecido.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº954 de 6-04-2002, p.3. A peça esteve exposta em Antuérpia e Valladolid.

<sup>38</sup>“Museu Mundial esse ilustre desconhecido.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº954 de 6-04-2002, p.3.

<sup>39</sup>Ibidem.

<sup>40</sup>Ibidem.

O Museu Municipal de Portalegre (MMP) era composto por três pisos<sup>41</sup>, organizados em espaços públicos (zona de acolhimento), espaços públicos controlados (áreas de exposição, instalações sanitárias) e espaços de acesso restrito (reservas, áreas técnicas e de gestão).

Os circuitos de circulação não eram diferenciados pois as peças, o público e os técnicos utilizavam os mesmos espaços.

No piso térreo, localizava-se o Hall, a área de acolhimento dos visitantes, onde numa pequena mesa (com o preçário e o horário de funcionamento) éramos recebidos pelo vigilante/rececionista que nos iria fazer a visita guiada. Neste piso iniciava-se a visita à unidade museológica pela Sala de Arte Sacra onde também no arcaz da entrada se efetuava o pagamento por questões de segurança. De seguida, passávamos para a sala Herculano Curvelo, a que se seguia o pátio. No primeiro andar ficavam as salas Império ou Sala Dourada, D. José e Dr. Cayola Zagallo. No segundo piso as salas de Cerâmica Portuguesa, Dr. José d' Andrade Sequeira, Abel Santos e Pintura de Portalegre.

Todas as visitas eram guiadas e cada grupo podia ter um máximo de 10 pessoas, permitindo no entanto ter em simultâneo 3 grupos, cada um com um guia destinto. O período de maior afluência era o mês de agosto. Durante um ano o Museu recebia cerca de 3 mil visitantes.

O Museu tem 22 livros de registo, o primeiro teve início em 14 de Setembro de 1932. Através da sua leitura podemos ver que nos primeiros anos, e ainda instalado na igreja do convento de S. Bernardo, era visitado na sua maioria por pessoas da cidade de Portalegre e dos arredores. A peça que mais destacavam era o “túmulo de D. José de Melo”<sup>42</sup>, existente na igreja. Os primeiros estrangeiros que o visitaram eram espanhóis residentes perto da fronteira. No final do primeiro livro de registos podemos ver que em “1936 tiveram 2.945 visitantes”<sup>43</sup> número muito idêntico ao registado quando o museu fechou as portas em 2006.

Do primeiro livro não constava a profissão dos visitantes, no entanto, no segundo podemos ver que eles tinham as mais diversas ocupações desde agricultores, professores, domésticas, estudantes, médicos, soldados, advogados e carpinteiros.

No terceiro livro, com início em 2 de Junho de 1961 e, como tal, já referente à localização atual do Museu, podemos ver que passou a ser visitado por pessoas provenientes dos 4 cantos do Mundo, sul-africanos, italianos, espanhóis, belgas, suíços, canadianos, franceses, holandeses, chineses e norte americanos.

---

<sup>41</sup>Anexo II.I - Plantas do Museu Municipal de Portalegre.

<sup>42</sup>*Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre 14 Setembro de 1932 a 24 de Junho de 1945.*

<sup>43</sup>Ibidem

Em 1965 o Museu já recebia visitantes nacionais e estrangeiros tornando-se assim “num valioso e atraente ponto de turismo.”<sup>44</sup>

Em 1999 uma das vigilantes/rececionistas, Silvina Castro, achava que “infelizmente pouca gente tem visitado o Museu.”<sup>45</sup>

Por vezes, aproveitando os artigos escritos a respeito das exposições temporárias, era perguntado à população “há quanto tempo não revisitamos o nosso belíssimo Museu Municipal e o seu magnífico espólio, bem ali à sombra da Sé?”<sup>46</sup>, induzindo assim a reavaliação do espaço.

Apesar dos esforços que ao longo dos anos foram feitos para o museu ser mais conhecido na cidade, em 2002 o periódico *Fonte Nova* publica um artigo de três páginas com o título bem elucidativo *Museu Municipal esse ilustre desconhecido*. Podemos ver também que “nem os quase 83 anos de vida o tornam devidamente conhecido dos Portalegrenses, e é bem verdade que a maioria dos que aqui nasceram ou habitam nunca tenham franqueado aquela porta que dá para um mundo de beleza, de cultura, de curiosidade e de história de Portalegre, mas também de arte na sua globalidade.”<sup>47</sup> Também os naturais de Portalegre ao visitarem o Museu deixam-nos indicações de que este era desconhecido na cidade, “sou natural desta Terra e nem imaginava as belezas que se encontram neste Museu.”<sup>48</sup>

O museu foi sempre visitado por entidades civis, militares e eclesiásticas tanto de Portugal, como estrangeiras que visitavam a cidade. No museu chegaram mesmo a fazer-se almoços para essas entidades como o que se realizou a 12 de Novembro de 1968 “Visita e Almoço no Museu ao Senhor Doutor Justino Mendes de Almeida Subsecretário de Estado da Administração Escolar com os Senhores Governador Civil, Presidente da Câmara e individualidades militares e eclesiásticas, liceais e escolares.”<sup>49</sup>

Desde sempre que o Museu<sup>50</sup> teve um grande número de estudantes em visitas de estudo ou simplesmente com amigos.

---

<sup>44</sup>“Museu Municipal enriquecido com a instalação de três salas.” in *A Rabeca*, Ano 50, n.º 2352 de 16-09-1965, p.2.

<sup>45</sup>“Gente com Rosto - D. Silvina Castro.” in *Fonte Nova*, Ano XVI, n.º 749 de 9-12-1999, p.25.

<sup>46</sup>“Exposição no Museu Municipal.” in *Fonte Nova*, Ano XIII, n.º 603 de 19-12-1996, p.24.

<sup>47</sup>“Museu Mundial esse ilustre desconhecido.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº954 de 6-04-2002, p.3.

<sup>48</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de Agosto de 1982.

<sup>49</sup>Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre de 29 de Junho de 1968 a 17 de Março de 1970.

<sup>50</sup>O Museu estava aberto ao público de terça a domingo, das 9:30 às 12:30 e das 14:00 às 18:00 horas, encerrando no dia de Natal e Ano Novo. Os ingressos de entrada custavam dois euros. No entanto, para os jovens (dos 14 aos 25), estudantes, reformados e residentes no Concelho este valor era de 1 euro. Para as visitas de grupo (10 pessoas ou mais) os ingressos custavam 1,80 euros para adultos e 1 euro para estudantes e reformados. A entrada era gratuita aos Domingos e Feriados de manhã, bem como para crianças até aos 14 anos, sócios da APOM, ICOM e ICOMOS, Membros da Academia Nacional de Belas Artes, visitas de estudo autorizadas, Funcionários da Câmara Municipal de Portalegre, investigadores, profissionais de Turismo e Comunicação Social, no desempenho das suas funções. No entanto, todos eles tinham que apresentar um comprovativo documental.

No final da década de 60 do século XX os estudantes de Portalegre em visita de estudo já não pagavam ingresso. Nos primeiros meses após o 25 de Abril de 1974, a entrada passou a ser grátis para todos. No entanto, no início da década de 80 do século XX as entradas já eram pagas como se pode ler num dos comentários dos visitantes “voltarei mais vezes e não a 10\$00.”<sup>51</sup>

Os serviços educativos encontravam-se numa situação embrionária, apesar de já existirem desde 1996.<sup>52</sup> Para além das visitas guiadas, tinham apenas uma única atividade destinada ao 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico e ao Ensino Secundário. Intitulava-se “Faiança Portuguesa” e era constituída por uma “visita guiada à exposição temática, focando técnicas de fabrico, influências, centros de produção, formas e motivos decorativos. Caderno didáticos para alunos e professores, atelier de pintura em azulejo.”<sup>53</sup> Em colaboração com a Casa Museu José Régio foi realizada em 2000, para comemorar o Dia Internacional dos Museus, uma visita guiada aos museus da cidade com o objetivo de permitir a cada criança do Jardim de Infância de S. Lourenço em Portalegre “descobrir animais nas coleções”<sup>54</sup> e, desta forma lúdica, “incentivar as crianças a visitar Museus e a apreciar a arte.”<sup>55</sup> Contudo, a técnica Maria José Maças afirmava então que “já foram feitas diversas acções com outros grupos etários.”<sup>56</sup>

O Museu tinha uma exposição permanente desde a década de 80<sup>57</sup>.

De um modo geral, através da leitura dos livros de registo onde por vezes os visitantes deixavam pequenas mensagens, e da leitura dos dois livros de apreciação, vemos que de uma maneira geral o visitante gostava do museu e da disposição das peças, pois “não esperava encontrar nestas paragens coleção tão valiosa, e (...) tão pouco divulgada no país.”<sup>58</sup> Todavia, alguns tinham opinião contrária como se pode constatar por esta apreciação: “boa visita acompanhada em contraste com uma disposição das peças tipo armazém, uma vez que as peças se encontram dispostas segundo um critério alheio a determinadas técnicas museológicas comuns”<sup>59</sup>, “desgostou-me a maneira como os quadros

---

<sup>51</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 2 de Junho de 1981.

<sup>52</sup>“Dia Internacional dos Museus.” in *Fonte Nova*, Ano XVI, n.º 772 de 25-05- 2000,p.24.

<sup>53</sup>ALVES, Sónia - *Acções de Serviços Educativos*, s.d, policopiado

<sup>54</sup>Segundo Sónia Alves in “Dia Internacional dos Museus.” *Fonte Nova*, Ano XVI, n.º 772 de 25-05- 2000, p.24.

<sup>55</sup>Ibidem

<sup>56</sup>“Dia internacional dos Museus.” in *Fonte Nova*, Ano XVI, n.º 772 de 25-05- 2000, p.24.

<sup>57</sup>Ver Anexo III- Registo Fotográfico

<sup>58</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 8 Setembro de 1983 a 23 Junho de 1985. Comentário de Novembro de 1984.

<sup>59</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de Junho de 1981

de Abel Santos estão postos”<sup>60</sup> e ainda sobre esta sala tem pena que “não esteja devidamente organizada.”<sup>61</sup>

No que se refere a exposições temporárias, estas eram feitas somente no átrio do Museu. Na sua maioria, eram realizadas pelo Museu e com acervo próprio, das quais podemos destacar: *Faiança Portuguesa século XVI-XIX* – 1989 e o Ciclo de Exposições Temporárias *No Tempo dos Nossos Avós, O Baú da Avó* – 2006. Deste ciclo, fizeram ainda parte *As cartas do Avó* exposta na Biblioteca Municipal de Portalegre e *Os Avós à Mesa. Cozinha Festiva* no Castelo de Portalegre. Para além das exposições realizadas no exterior já mencionadas, podemos ainda acrescentar a que esteve patente em 1991 na Galeria Municipal de Portalegre *Pratos Ratinhos*. Em 2007, o Museu não possuía uma sala de exposições temporárias. No entanto quando abriu neste espaço, em 1961 existia uma sala de exposições temporárias que entretanto fechou para no seu lugar surgir uma reserva.

Ao longo dos anos muitas foram as exposições patentes, nomeadamente em Maio de 1970, por ocasião das festas da Cidade de Portalegre, durante as quais pôde ser apreciada uma exposição de *Cerâmica da Coleção de Emílio Castro*, que anos mais tarde viria a ser adquirida pelo Museu. Em 1972, as exposições do pintor italiano Ítalo Violante e do aquarelista portalegrense Arsénio da Ressurreição. Em Maio de 1996, *Santo António Padroeiro da cidade e da Diocese* e, em Dezembro do mesmo ano, uma exposição alusiva ao Natal, *Do Humano ao Divino – do Advento à Epifania* visando “mostrar à população algumas peças existentes na Casa Museu José Régio.”<sup>62</sup> Por último, em Abril de 1997, esteve patente a exposição de *Ourivesaria Moderna* de Simone Winkler, Liliana Maia e Jorge Pereira.

O museu foi ainda palco de iniciativas diversas como é o caso de um concerto, realizado em 19 de Junho de 1987 pelo *Trio Trítanos*.

O Museu teve três responsáveis desde 1961: Manuel Inácio Pestana<sup>63</sup>, vereador do pelouro da Cultura, o Padre Francisco António Rosado Belo, na década de 80, e a técnica Sónia Alves, desde o final de 1988 até à atualidade.

O Museu não possui quadro próprio, dependendo, por isso, da autarquia. Deste modo, para assegurar os serviços mínimos, o Museu tinha em 2007, uma conservadora, um técnico profissional de Museologia, 4 técnicos auxiliar de Museologia e uma auxiliar dos serviços gerais (limpeza).

A nível expositivo, o Museu teve poucas alterações desde a sua inauguração, na década de 60. A sua Conservadora, Sónia Alves, alterou a sala de Cerâmica, ficando no seu

---

<sup>60</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 2 Março 1981.

<sup>61</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983.

<sup>62</sup>“Exposição temporária alusiva ao Natal.” in Fonte Nova, Ano XIII, n.º 602 de 5-12 -1996, p. 28.

<sup>63</sup>O Dr. Manuel Inácio Pestana era orientado pelo Dr. Caiola Zagalo.

interior somente a cerâmica portuguesa, estando a espanhola e holandesa exposta no Hall do segundo piso; a sala de Pintura do segundo piso onde apenas deixou a pintura de Portalegre, tendo sido a restante transferida para o corredor deste andar; por último, na sala Cayola Zagallo, as peças foram dispostas por séculos.

O mobiliário expositivo<sup>64</sup> era diversificado e espelhava bem a realidade de um museu local com poucos recursos, que têm de recorrer aos funcionários da autarquia para a realização deste tipo de materiais. Assim, em todas as salas do museu podíamos ver vitrinas e plintos feitos em madeira. No entanto, algumas peças estavam em cima de outras peças da coleção, suspensas em calhas ou diretamente na parede. Nestes dois últimos casos, referimo-nos a quadros e tapetes.

O sistema de iluminação<sup>65</sup> também não era o mais adequado. Por um lado, pelas lâmpadas utilizadas e, por outro lado, devido ao sistema empregue (calhas, luz embutida nas próprias vitrines e pendente do teto).

Nas zonas de circulação e corredores existiam interruptores que eram ligados quando se chegava a cada piso. Nas salas, o vigilante/rececionista, que conduzia a visita, ligava as luzes no quadro elétrico à medida que ia fazendo a visita. No que se refere à luz natural, esta apenas existia nos patamares entre andares, nas salas técnicas e de administração, estando as janelas e sacadas protegidas com portadas de madeira, que se encontravam sempre fechadas.

Os problemas com a luz já eram antigos pois nos livros de apreciação os visitantes salientavam que em “algumas salas a luz não é feliz”<sup>66</sup>, ou que o museu tinha “inegável valor histórico, é pena que ainda não esteja devidamente iluminado e conservado”<sup>67</sup> ou ainda que o “ponto negativo a forma de iluminação e exposição em algumas salas.”<sup>68</sup>

O estado de conservação do edifício<sup>69</sup> era preocupante, apesar dos esforços e relatórios da sua Conservadora, nada tinha sido feito para melhorar a situação. Desde 1999 que se aguardavam obras de remodelação, o que levou a que os responsáveis nada tenham feito para melhorar as condições existentes. Em 2007, previa-se que a obra arrancasse em breve e que deveria durar três anos. Durante este período, o acervo, que em grande parte se encontrava ali desde a década de 60, teve que sair do edifício.

Desde 1965 e até 2007, realizaram-se no Museu apenas obras mínimas de manutenção, o que levou a que o edifício se tivesse vindo a degradar ao longo dos anos.

---

<sup>64</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 14 a 17.

<sup>65</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 18 e 19.

<sup>66</sup> *Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983.* Comentário de 21 de Maio de 1983.

<sup>67</sup> *Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983.* Comentário de 1983.

<sup>68</sup> *Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983.* Comentário de 20 de Julho de 1983.

<sup>69</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 19 e 20.

Uma das intervenções foi feita em 1974 e passou por “obras de conservação e reparação.”<sup>70</sup> O principal problema que este enfrentava até ao encerramento no final de Julho de 2006, era a infiltração de água das chuvas através das janelas e sacadas, como refere a descrição: “algumas paredes interiores encontram-se tão atacadas de humidade, que só picando, tratando e rebocando de novo se solucionará o problema”<sup>71</sup>. O mau estado de conservação das janelas permitia a infiltração da água da chuva, principalmente na sala Império (ficando o tapete de Portalegre molhado) e na sala da Cerâmica.

A pintura exterior do museu estava bastante degradada. O mesmo se passava no hall de entrada onde se podia ver vários destacamentos. Apesar disto, as salas de exposição tinham a pintura das paredes em bom estado.

Como afirmava a Conservadora do Museu, as condições ambientais não eram adequadas à correta conservação e preservação das coleções. Um dos maiores problemas era a grande disparidade de humidade e temperatura que o Museu sofria ao longo do ano. Ou seja, muito frio e níveis elevados de humidade no inverno, o que contrastava com humidade baixa e temperaturas altas no verão. Nas salas de exposição e nos corredores existiam sistemas de controlo ambiental, mais especificamente, termómetros e higrómetro, todos os dias eram retiradas as leituras. Através da análise dos dados recolhidos podemos ver que os valores das temperaturas durante os meses de Verão eram bastante elevados, cerca de 30 C<sup>a</sup>, aumentando no andar superior. Por seu lado, a humidade rondava os 37 – 65Hr. Nos meses de Inverno, o andar superior era mais frio e húmido (6 C<sup>o</sup> - 70 / 80 Hr). Os dados podem apresentar alguma margem de erro pois estes equipamentos nunca tinham sido calibrados.

Em 1966, num dos livros de registo do Museu, podemos ler que já nessa altura existiam problemas de humidade, “parabéns... bom material. Excelente montagem. Não esqueçam os absorvedores de humidade. Para já coloquem ácido fénico dentro das vitrinas”<sup>72</sup> ou “pés gelados.”<sup>73</sup>

No Jornal *O Distrito de Portalegre* de 12 de janeiro de 1974 podemos ver que na reunião de câmara do dia 2 desse mês, a Câmara tomou conhecimento na sua reunião ordinária que “sua Ex.a o secretário de estado da Instrução e Cultura concedeu para o Museu Municipal o subsídio de 80.000\$00, para a aquisição de aparelhagem de

---

<sup>70</sup>“Principais deliberações da Câmara Municipal de 21 de Maio.” *Distrito de Portalegre*, Ano 95, n.º 5383 de 8-06-197, p.5.

<sup>71</sup>ALVES, Sónia – *Museu Municipal como Fonte de Desenvolvimento Local*, s.d., policopiado.

<sup>72</sup>Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre de 4 de Setembro de 1964 a 27 de Julho de 1968.

<sup>73</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 8 Setembro de 1983 a 23 Junho de 1985. Comentário de Março de 1984.

desumidificação”<sup>74</sup>, no entanto em 2007 este aparelho já não se encontrava em funcionamento.

As condições climatéricas no interior do edifício provocavam segundo a responsável “grande problema para a conservação das peças, [...] tínhamos peças a degradar-se, [...] uma magnífica imagem de Nossa Senhora das Dores que há 20 anos tinha uma rachadela, mas hoje já quase faz com que essa imagem se divida em duas”<sup>75</sup>

Também alguns visitantes mais atentos referem que o Museu tinha “algumas falhas no que respeita a conservação de algumas peças”<sup>76</sup>, ou que “muitas peças sobretudo em madeira precisam de trabalhos de restauro”<sup>77</sup> ou ainda que “falta uma temperatura constante para a boa conservação das peças.”<sup>78</sup> Outros lamentam que encontraram “obras extremamente ricas é pena o estado lastimável de peças em madeira, das telas, etc. outro aspeto é a ausência de legendas de obras.”<sup>79</sup>

No que diz respeito ao sistema de segurança, o Museu não possuía nenhum sistema de deteção de incêndio e de intrusão. A vigilância presencial era feita pelo vigilante/rececionista durante as visitas guiadas. Para combater um possível incêndio existiam por andar dois extintores. Não existia nenhum plano ou saída de emergência nem sinalética de orientação dentro do Museu.

No que se refere à sinalética de rua, esta só existia na entrada da cidade. No entanto, no centro histórico esta era inexistente tornando-se quase impossível chegar ao Museu sem saber onde este se situava. Na fachada do edifício, junto à porta da entrada, exibiam-se três placas de sinalização, uma da Região de Turismo do Norte Alentejo onde se podia ler a história do edifício. As outras duas eram do Museu, e davam informação sobre o horário e os dias de funcionamento. O estacionamento junto ao museu também era quase inexistente, facto que se prende com a sua localização no centro histórico de Portalegre. No entanto, nas proximidades existem vários parques de estacionamento. Mas como atrás foi mencionado, como não existe nenhuma sinalética que oriente até ao Museu, o visitante tinha que percorrer a cidade um pouco ao acaso até encontrar elementos de interesse para visitar.

Já em 1962 a opinião pública achava que o museu não estava bem identificado como se pode ver por numa notícia do Jornal *A Rabeca* onde se apelava para ser “afixado e

---

<sup>74</sup>“Deliberações camarárias de 2 de Janeiro de 1974” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 94 n.º 5362 de 12-01-1974. p.2.

<sup>75</sup>“Museu Municipal pode fechar.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº954 de 6-04-2002,p. 5.

<sup>76</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 28 de Agosto de 1980.

<sup>77</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 1983.

<sup>78</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 8 Setembro de 1983 a 23 Junho de 1985. Comentário de 1984.

<sup>79</sup>Livro de reclamações de 30 de Janeiro de 1999 a 28 de Setembro de 2002. Comentário de 28 de Setembro de 2002.

visível ao público o horário de abertura e encerramento do Museu na praça do Município. Assim se obteria a que as pessoas desejosas de o visitar e conhecer principalmente turistas. Topem com as portas fechadas por desconhecimento das horas em que está a franqueado ao público.”<sup>80</sup> Também em 1963 no dia 18 de Setembro um visitante faz um comentário bem evidente sobre a falta de sinalética do museu “vim ao Museu por acaso, um feliz acaso! Digo isto por não existir na cidade indicação do belo Museu da Cidade!”<sup>81</sup>

Décadas mais tarde, nos anos 80, este problema ainda existia pois os visitantes diziam que “devia estar sinalizado para que os turistas mais facilmente o possam encontrar.”<sup>82</sup>

O Museu Municipal não estava equipado para receber pessoas com deficiência ou dificuldades motora devido às inúmeras escadas que ligam os diferentes pisos, ficando por isso o seu acesso condicionado.

No que se refere às legendas das peças, existiam poucas e situavam-se por baixo destas. Em todo o museu não existia mais nenhum texto de apoio ao visitante. Como tal, era o vigilante/rececionista que conduzia a visita, que ia destacando as peças da exposição ou esclarecendo alguma dúvida do visitante. Nestas visitas “o discurso geralmente depende do interesse que as pessoas demonstram.”<sup>83</sup>

O Museu não possuía nenhuma publicação. Contudo, aquando do 1º Encontro Transfronteiriço de Museologia em 2002 foi feito um folheto, mas que já não existe. Há quase vinte anos que a sua Conservadora tem vindo a solicitar a realização de uma coleção de postais das peças do Museu, o que nunca foi concretizado. O Museu Municipal fazia a sua divulgação através do *site*, da agenda do Município e dos folhetos promocionais da região.

O apelo para que a coleção pudesse estar legendada e existisse material de apoio vinha desde o início da instalação do Museu no antigo seminário diocesano como notícia o jornal *A Rabeca* de 1964 “o nosso Museu Municipal é rico em peças várias. Algumas só conhecidas dos entendidos. Como os visitantes podem não conhecer”<sup>84</sup>, seria de “maior utilidade até para valorizar o Museu que existisse um catálogo descritivo e justificativo do valor dessas tais peças.”<sup>85</sup> Como achavam que podia ser caro sugerem “caso pudesse ser remediado com a afixação em cada peça de uma descrição pormenorizada.”<sup>86</sup> No entanto, no mesmo ano também o Município teve esse intento como se pode ver no Relatório do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Portalegre pontos:

---

<sup>80</sup>“Museu Municipal” in *A Rabeca*, Ano 47, n.º 2177 de 29-03-1962, p.2.

<sup>81</sup>Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre de 2 de Julho de 1961 a 4 de Setembro de 1964.

<sup>82</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 16 de Julho de 1983.

<sup>83</sup>“Gente com Rosto - D. Silvina Castro.” in *Fonte Nova*, Ano XVI, n.º 749 de 9-12-1999, p.25.

<sup>84</sup>“Museu Municipal.” in *A Rabeca*, Ano 49, n.º 2273 de 20-02-1964, p.2.

<sup>85</sup>Ibidem.

<sup>86</sup>Ibidem.

“8- Organização de um catálogo do Museu (por secções) serviço a confiar a pessoas especializadas.

9- Propaganda do Museu, estimulando os turistas e os próprios portalegrenses a visitá-lo: cartazes em autocarros, nas montras comerciais, indicativos em diversos pontos da cidade, avisos ou anúncios nos jornais.”<sup>87</sup>

Os anúncios de jornais a que o Relatório se refere surgiram logo, no dia 25 de janeiro de 1964, no jornal *A Voz Portalegrense*, que publica pela primeira vez o slogan “Visite O Museu Municipal”<sup>88</sup> mas também os outros dois jornais de Portalegre<sup>89</sup> o fizeram.

Este *slogan* iria manter-se nos jornais até 1975. Quando em 1971 é inaugurada a Casa Museu José Régio passamos a ter dois *slogans* “Viste o Museu Municipal e a Casa Museu José Régio.”<sup>90</sup>

A 30 de janeiro de 1965 o jornal *O Distrito de Portalegre* inicia a publicação de um artigo escrito por dois jovens do 6º ano do liceu de Portalegre, António Rovisco e Carlos Mourão que se intitulou *O Roteiro de Portalegre – O Museu Municipal*. O artigo foi dividido por vários números do jornal<sup>91</sup> e fazia uma visita guiada e explicativa ao museu municipal.

Se estes anúncios aparecem na imprensa local, as restantes propostas do Relatório do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Portalegre de 1964 nunca foram realizadas. Mesmo assim, na década de 80 do século passado, alguns visitantes achavam que era pena o Museu “não ser mais difundido na imprensa para conhecimento dos Portugueses.”<sup>92</sup>

Nos livros de apreciações os visitantes referem a necessidade de um catálogo: “lamentámos apenas que não haja ainda um catálogo”<sup>93</sup>, “pequeno catálogo para recordar um tão rico Museu”<sup>94</sup> e “falta um catálogo das belas peças expostas.”<sup>95</sup> Alguns visitantes vão ainda mais longe ao dizer: “um guia muito bem informado e documentado. Lamenta-se no entanto que ainda não tenha sido possível a elaboração de tabelas e de um catálogo”. Este último comentário leva-nos a supor que a maioria dos visitantes conseguia entender o que estava a ver pelos comentários dos vigilantes/rececionistas.

O livro de reclamações do Museu abrange um limite temporal que vai de 1999 a 2002. Contudo, ele funciona mais como outro dos livros de apreciações pois os comentários dos

---

<sup>87</sup>“Relatório do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Portalegre” in *A Voz Portalegrense*, Ano XXXII, n.º 1616 de 25-01-1964, p.4.

<sup>88</sup>*A Voz de Portalegre*, Ano XXXI, n.º 1616 de 25-01-1964.

<sup>89</sup>*O Distrito de Portalegre e A Rabeca*.

<sup>90</sup>*O Distrito de Portalegre*, Ano 90, n.º 5231 de 19-06-1971.

<sup>91</sup>ROVISCO, António e MOURÃO Carlos; “O Roteiro de Portalegre – O Museu Municipal” in *O Distrito de Portalegre* Ano 81 n.º 4905 de 30-01-1965; n.º 4906 de 06-02-1965; n.º 4910 de 6-03-1965; n.º 4915 de 10-04-1965.

<sup>92</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 30 de Julho de 1981.

<sup>93</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 1 de Julho de 1982.

<sup>94</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983. Comentário de 21 de Abril de 1983.

<sup>95</sup>Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 8 Setembro de 1983 a 23 Junho de 1985. Comentário de 1984.

visitantes em geral são positivos. Falam das descrições feitas pelos guias “que riqueza tem este museu! É pena não haver espaço suficiente para que sejam valorizadas as obras que cá existem. Por exemplo a pintura necessita de muito mais espaço. Devia ser valorizada esta coleção com publicações atraentes.”<sup>96</sup>

Encontramos todavia uma única reclamação efetiva:

“À Câmara Municipal de Portalegre. Este Museu Municipal tem uma coleção de escultura e pintura muito valiosa que honra a arte sacra portuguesa.” .... “Sendo eu de museologia e história da Arte lamento sinceramente o péssimo estado de conservação em que elas se encontram (as que vierem de S. Bernardo). As autarquias têm um importante papel na valorização conservação e divulgação do vosso património e ele não pode degradar-se desta maneira, ainda por cima as entradas são pagas”<sup>97</sup>

Nos livros de registos, apreciações e reclamações encontramos diversas palavras para descrever a visita que os visitantes tinham acabado de realizar: *gostei muito, fiquei encantado, muito muito interessante, verdadeiramente surpreendido, muito agradados, satisfeito com a visita, muito prazer, agradável surpresa, impressionados, gostei imenso.* Salientam também *o asseio do edifício, a amabilidade e a competência dos funcionários.*

Apesar de não ser uma casa-museu, o modo expositivo e o tipo de visita faz-nos lembrar uma unidade museológica com estas características. A maioria das salas estava conotada com a pessoa que fez a doação. De facto, era como se estivéssemos a entrar numa parte da casa de cada doador.

#### **1.4- Museu Municipal de Portalegre janeiro de 2007 a janeiro de 2012**

No final de janeiro de 2007, altura em que acabei a primeira fase do meu estágio nesta unidade Museológica, o MMP encontrava-se encerrado desde 30 de junho de 2006. Na altura procedia-se à embalagem de todo o acervo para ser transportado para outras instalações e finalmente se proceder a obras de remodelação que há anos este espaço necessitava e dotá-lo assim de novas valências e exigências museográficas e museológicas.

Ainda durante o meu estágio em janeiro de 2007, o Vereador da Cultura José Polainas em entrevista ao jornal *Fonte Nova* dizia que “prevê-se que a obra demore ano e meio e que o Museu esteja fechado durante 2 anos”<sup>98</sup> e que enquanto as obras decorressem “as peças do Museu, como a coleção de Artes Sacra que a autarquia comprou o ano passado serão

---

<sup>96</sup>Livro de Reclamações de 30 de Janeiro de 1999 a 28 de Setembro de 2002. Comentário de 30 de Janeiro de 1999.

<sup>97</sup>Livro de Reclamações de 30 de Janeiro de 1999 a 28 de Setembro de 2002. Comentário de 10 de Agosto de 2000.

<sup>98</sup>“Museu Municipal e Arquivo Distrital Reabilitados em 2008.” in *Fonte Nova*, Ano XXVIII, n.º1420 de 9-01-2007,p. 3

tratadas em termos de preservação, espólio, desparasitação e tratamento através da estrutura da Fundação Robinson.”<sup>99</sup>

Dois anos depois dessa data, ainda não tinham começado as tão aguardadas obras e de novo o jornal *Fonte Nova* de 11 julho de 2009 publica uma entrevista com o Vereador José Polainas onde se pode entender o porquê da obra não ter avançado até aqui. Em primeiro lugar “não havia perspectivas de financiamento”<sup>100</sup> depois “quando houve apoio a empresa que havia ganho o concurso abdicou, devido ao facto de ter havido um lapso de tempo grande”<sup>101</sup> por último a Câmara renegociou o contrato com a empresa São José que havia concorrido mas que não tinha ganho e a obra começa então a “3 de Agosto e está prevista para um ano”<sup>102</sup>.

O projeto arquitetónico é da autoria da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, e já se encontrava na Câmara há vários anos tendo por isso sido necessário “retocá-lo, reestruturá-lo”<sup>103</sup>, estava previsto que se fizessem “reformulações profundas a nível interior, várias demolições e reforço estruturais a nível das lajes e de novas compartimentos de modo a dotar o Museu para novas realidades.”<sup>104</sup>

O acervo esteve assim desde final de 2006 até julho de 2009 embalado e com a exposição completamente desmontada no Museu a aguardar que fosse transferido para outras instalações. As peças de madeira, as faianças, a escultura em pedra e as peças de arqueologia ficaram nas instalações da Fundação Robinson. As peças mais pequenas e de maior valor estiveram noutro local.

As peças em madeira foram alvo de uma intervenção de conservação a fim de se eliminar o ataque de insetos xilófagos que algumas apresentavam e prevenir um futuro ataque nas outras. Este tratamento foi feito pela empresa Rentokil que utilizou a técnica da atmosfera controlada<sup>105</sup>. As peças estiveram assim nas instalações da Fundação dentro de bolhas herméticas de PVC<sup>106</sup>. Entraram assim em agosto de 2009 mas somente em novembro teve início o tratamento que durou 4 meses, ficando no entanto dentro das bolhas por questões de segurança até maio de 2011 altura em que voltaram para o Museu Municipal. Optou-se assim por deixar as peças nas bolhas por uma questão de segurança e

---

<sup>99</sup>Ibidem

<sup>100</sup>“Museu Municipal obra Revolucionária avança em Agosto. Após dois anos fechado vão arrancar as obras.” in *Fonte Nova*, Ano XXV, n.º 1668 de 11 Julho 2009, p.2

<sup>101</sup>Ibidem

<sup>102</sup>Ibidem

<sup>103</sup>Ibidem

<sup>104</sup>Segundo João Silva responsável pela empresa São José em entrevista ao Jornal *Fonte Nova*. Museu Municipal obra Revolucionária avança em Agosto. Após dois anos fechado vão arrancar as obras. *Fonte Nova*, Ano XXV, n.º 1668 de 11 Julho 2009, p.2

<sup>105</sup>A técnica da atmosfera controlada tem várias vantagens, combate todas as fases dos insetos (ovos, larvas), não utiliza pesticidas nocivos para as peças e para a saúde, pode ser realizado em qualquer local, é seguro para os objetos de valor e não deixa resíduos nas peças.

<sup>106</sup>O oxigénio foi retirado das bolhas e introduzido azoto, os insetos morrerem assim por desidratação e asfixia. Durante os 45 dias que durou este tratamento, a empresa contratada teve que semanalmente vigiar os níveis de azoto, de pressão, a temperatura e humidade relativa nas bolhas.

também para as proteger das poeiras exteriores. Enquanto estiveram nas bolhas a técnica de conservação e restauro da Fundação Robinson foi controlando alguma possível alteração que ocorresse.

Na tentativa de continuar a divulgar o acervo que tem à sua guarda e mantê-lo presente na cidade foram realizadas durante estes anos diversas iniciativas, a primeira das quais a exposição “Os Santos Visitam a Casa”<sup>107</sup> que esteve patente na Biblioteca Municipal de Portalegre durante a Feira de Doçaria Conventual que decorreu em abril de 2008. Durante o ano de 2009 foram realizadas mostras mensais de peças pertencentes ao acervo do Museu. Esta pequena exposição intitulada *Peça do Mês* era formada por uma vitrina com uma ou mais peças e esteve patente em simultâneo na Casa Museu José Régio, na Biblioteca Municipal, no Museu da Tapeçaria e na Câmara Municipal. Em 2010 a exposição permaneceu somente na Biblioteca e na Câmara Municipal. Por fim em 2011 centrou-se somente na Câmara Municipal onde irá permanecer até ao final de 2012.

A peça, ou peças, do mês são escolhidas de acordo com a época do ano. Para além da vitrina de proteção junto às peças encontra-se a respetiva legenda e um pequeno texto com uma curiosidade sobre elas ou sobre a temática.

Para além desta iniciativa, durante o período em que o Museu esteve de portas fechadas algumas faianças e esculturas em barro foram cedidas para figurarem em exposições temporárias. Os doze baixos relevo em terracota foram alvo de uma intervenção de conservação e restauro, pela Escola Superior de Tecnologia de Tomar, ao abrigo do protocolo que existe entre as duas entidades.

Durante este período o Museu viu aumentado o seu acervo com a aquisição de 100 Santos António aos herdeiros de Rui Sequeira e cerca de 200 aguarelas e desenhos de Arsénio da Ressurreição.

A obra de recuperação e ampliação decorreram de agosto de 2009 a agosto de 2010.

A 23 de maio de 2011, dia da Cidade de Portalegre, o Museu, ou melhor as novas instalações, abriu a porta ao público. No entanto somente estava instalada a parte administrativa. Os convidados e os visitantes tiveram assim oportunidade de ver as instalações do Museu depois do longo período de encerramento e conhecer uma obra que alterou por completo o seu interior. No dia seguinte teve início a transferência do acervo para as instalações agora renovadas e adaptadas à nova realidade museológica.

Após as peças serem desembaladas pôde constatar-se que não sofreram alterações significativas durante o período em que estiveram noutras instalações. No entanto, a escultura em madeira de Nossa Senhora das Dores que anteriormente sofria algumas

---

<sup>107</sup>“Os Santos Visitam a Casa.” in *Fonte Nova*, Ano XXIV, n.º 1550 de 29-04-2008.

debilidades nomeadamente uma grande fenda foi a que mais sentiu esta mudança o que fez com que a fenda tenha aumentado de dimensão.

A reabilitação do edifício passou para além das alterações sofridas no interior das salas expositivas por uma ampliação para o edifício contíguo e que pertencia ao Município bem como uma ampliação para um piso subterrâneo com a escavação de uma área que ocupa o edifício anexo e parte do pátio interior.

No edifício contíguo foram construídos a sala de exposições temporárias e a cafetaria. No novo piso subterrâneo foram construídas as instalações sanitárias de senhoras, homens e deficientes motores, a casa das máquinas e as duas reservas. Para poder colocar o elevador que liga todos os pisos foi construído no pátio interior um novo volume.

O programa museológico e museográfico foi realizado pela Fundação Robinson e pelo gabinete da Arquitecta Teresa Nunes da Ponte, a produção e arquitetura de interiores pelas empresas, Construções J. C. Sampaio Lda; Albino Martins - Projecto Vidro Lda; António José Rodrigues, Lda e Manuela V. A. Delgado e a iluminação pelo engenheiro Vítor Vajão. A Conservação e Restauro do acervo ficaram a cargo da Conservadora Restauradora Laura Portugal Romão da Fundação Robinson.

Por questões legais e devido à candidatura ao programa INALENTEJO de que foi alvo o MMP tem atualmente o nome de Espaço Cultural – Museu Municipal de Portalegre. As obras tiveram um “investimento total de cerca de 1,4 milhões de euros, tendo 80% do valor sido participado por fundos comunitários do Programa INALENTEJO – Rede de Património de Portalegre – Edificado, Móvel e Imaterial”<sup>108</sup>.

Antes de sofrer obras de ampliação e remodelação o Museu contava com 3 pisos e atualmente tem mais dois pisos. O Museu está assim dividido por 5 pisos, são eles: piso -2 com duas reservas, sala das máquinas, duas instalações sanitárias uma para o público outra para os funcionários; piso -1 onde está instalada a cafetaria; piso 0 com a receção, sala do colecionador, gabinetes técnicos, sala de serviços educativos, instalações sanitárias de serviço; piso 1 com a sala de exposições temporária; piso 2 e 3 com as salas de exposição permanente.

O MMP abriu por fim as portas ao público no dia 23 de maio de 2012<sup>109</sup>.

Ao visitar o Museu Municipal podemos ver expostas 686 peças de diferentes categorias, respectivamente 105 pinturas, 74 esculturas, 61 elementos de mobiliário, 185 de cerâmica e 335 outras.<sup>110</sup>

---

<sup>108</sup>Catarina Lopes – “(Re) Abertura do Museu Municipal infra-estrutura cultural de “ fazer inveja”.” in *Fonte Nova*, Ano XXVIII, n.º 1876 de 29-05-2012, p.6.

<sup>109</sup> Atualmente o Museu funciona de terça a domingo das 9:30 às 18:00 encerrando para almoço das 13:00 às 14:30 e devido à falta de pessoal o Museu encerra aos feriados.

<sup>110</sup> Nesta categoria estão englobadas caixas de rapé, leques, têxteis, ourivesaria entre outras.

Todas as peças que estão expostas foram alvo de conservação e em certos casos mesmo de restauro. No total foram intervencionadas 323 peças pela conservadora restauradora Laura Romão, sobre a sua supervisão as pratas expostas foram limpas pela equipa do Museu Municipal.

Desde a sua abertura e até 30 de junho de 2012 a entrada foi gratuita<sup>111</sup>.

A visita ao Museu inicia-se no piso 3 onde o visitante tem oportunidade de ver peças de mobiliário e artes móveis, segundo o texto de sala “as peças expostas neste piso encontram-se distribuídas por grandes categorias: mobiliário (estilo D. João V, D. José I e Império), faianças, cerâmicas, xícaras de porcelana, caixas de rape e pinturas.”<sup>112</sup> Neste piso destacam “a coleção de pratos “ratinhos”, num total de 145 peças, apresentando decorações de motivo vegetalista, geometrizantes ou figurativos.”<sup>113</sup> Foi também desta coleção que saiu a inspiração para o novo logotipo do Museu.

A visita continua no piso 2 (Imaginaria Sacra, Ourivesaria e Mobiliário Eclesiástico) onde o visitante pode encontrar peças pertencentes aos conventos e capelas da cidade. De acordo com o texto da sala as peças expostas “ilustram, também, aspectos da devoção local e da vivência religiosa desde finais do século XVI até ao XIX, traduzidos na imaginária, na pintura, ou ainda na talha dourada, produto de oficinas regionais e de artistas anónimos.”<sup>114</sup>

Na sala de exposições temporárias, para onde se dirige a visita de seguida, pode ser vista, de momento, a exposição *Portalegre e os seus Pintores*. Nesta estão representados artistas como Abel Santos, Arsénio da Ressurreição, Benvindo Ceia, Lauro Corado, João Tavares e Manuel Trindade d'Assumpção entre muitos outros. Para todos eles “a cidade de Portalegre seria o grande tema de inspiração, alvo de olhares distintos e reinterpretações constantes.”<sup>115</sup>

A visita termina na sala do colecionador onde se presta homenagem a todos os que ao longo dos anos doaram peças ao Museu. Atualmente podem ser vistas peças da coleção José António de Andrade Sequeira que é composta sobretudo por peças orientais.

---

<sup>111</sup>A partir dessa data o preço dos bilhetes passou para 2,50€, no entanto e redução de 50% Jovens portadores do Cartão Jovem Municipal de Portalegre; estudantes (mediante comprovativo documental), reformados; professores e alunos de qualquer grau de ensino, quando integrados em visitas de estudo, desde que efetuem a marcação previa e mediante aprovação da Câmara; grupos organizados desde que efetuem a marcação prévia e mediante autorização da Câmara Municipal. Grupos com mais de 10 pessoas.

Isenções: crianças com idade inferior a 14 anos (comprovada por documento de identificação e acompanhada por adulto); pessoas coletivas de pública administrativa ou utilidade pública; instituições particulares de solidariedade social (outras entidades equiparadas, isentas de IRC e conforme apresentação de documento comprovativo); investigadores, jornalistas e outros profissionais que pretendam realizar trabalhos de investigação pi divulgação, desde que autorizados; doadores de peças inclusas nas coleções dos Museus e respectivos familiares, desde que acompanhados pelos primeiros; visitantes a título individual ou em grupo desde que autorizados pela Câmara Municipal de Portalegre; todos os visitantes até às 13 horas aos domingos e feriados; sócios da APOM, ICOM e ICOMOS, Membros da Academia Nacional de Belas Artes.

<sup>112</sup>Texto de sala Mobiliário e Artes Móveis.

<sup>113</sup>Ibidem

<sup>114</sup>Texto de sala *Imaginaria Sacra, Ourivesaria e Mobiliário Eclesiástico*.

<sup>115</sup>Texto de sala *Portalegre e os seus Pintores*.

No núcleo interpretativo está exposto o primeiro automóvel que circulou em Portalegre. No entanto, de futuro podemos apreciar uma maqueta da cidade onde estarão assinaladas os diferentes parceiros da Rede de Património de Portalegre, bem como as casas brasonadas e um áudio visual que contará a história da cidade.

Ainda dentro do discurso museológico que o Museu adotou pode ser visto em cada um dos andares da exposição de longa duração, duas peças que fazem parte das reservas do Museu e que se intitulam *A Reserva é um Museu*. Uma das peças está em bom estado de conservação mas a outra necessita de intervenção, apesar de se manter estável. Esta iniciativa pretende alertar para o facto de uma reserva guardar peças “que não estão esquecidas”<sup>116</sup> e que “permitem variações expositivas futuras quer na exposição permanente, quer dando origem a exposições temporárias”<sup>117</sup> ou ainda “as peças a necessitar de intervenção mais profunda de conservação, aguardando que as condições económicas ou os mecenas as resgatem.”<sup>118</sup> Desta forma o visitante pode ver uma realidade bem presente em todos os Museus Portugueses, mas que normalmente não é exibida.

No que se refere à periodicidade, está previsto que a exposição temporária esteja patente durante um ano, a sala do colecionador 6 meses e que na de longa duração a coleção de Santos António e as Faianças Portuguesas do século XVII e XVIII possa ir rodando devido à sua dimensão.

Atualmente o Museu pode ter em simultâneo 3 grupos de visitantes sempre acompanhados por um vigilante/rececionista. Quando os grupos têm até 8 pessoas, o percurso da visita é feito por elevador, nos outros casos é feito pelas escadas. Os visitantes são na sua maioria nacionais numa média de 3 a 100 por dia. Apesar dos portalegrenses durante os anos em que o Museu esteve fechado terem contestado a sua abertura e mesmo se especular na Cidade que as peças tinham sido vendidas não têm mostrado grande interesse em visitar este espaço remodelado.

A remodelação do Museu veio dotá-lo de acessos a pessoas com mobilidade reduzida.

No que se refere ao pessoal afeto ao Museu este encontra-se bastante reduzido, contando apenas com a sua conservadora, um técnico profissional de Museologia e mais duas pessoas não especializadas que se encontram no Museu devido à mobilidade interna da autarquia e como tal ainda não estão totalmente adaptados às novas funções o que levanta grandes problemas no seu funcionamento.

Neste momento, apenas as peças principais se encontram legendadas, no entanto está previsto que num futuro próximo todas elas possam ter tabelas. Em todas as salas encontramos textos explicativos, no entanto alguns ainda vão ter de ser alterados,

---

<sup>116</sup>Texto de sala *A reserva é um Museu*.

<sup>117</sup>Ibidem.

<sup>118</sup>Ibidem.

nomeadamente o dos doadores pois não menciona todos os que contribuíram para enriquecer o acervo do Museu Municipal.

Desde maio de 2011, que o MMP tem uma publicação, intitulada *Rede de Património de Portalegre: edificado, móvel e imaterial. Museu Municipal: História do Edifício e do Museu*, da autoria da arquiteta Susana Bicho. Trata-se do nº 16 das Publicações da Fundação Robinson e pretende ser um contributo para a história do Museu.

Está também prevista a instalação de um sistema de bilheteira eletrónica que fará a contagem dos visitantes, o lançamento de um catálogo da coleção e de diversas peças de merchandising.

Em questões de segurança, o MMP possui alarme contra incêndios e intrusão, portas corta-fogo, sinalética de emergência em todas as salas e num futuro próximo contará também com videovigilância.

A nível ambiental, o Museu possui sistema refrigeração através de ar condicionado e aquecimento instalado no pavimento através de pisos radiantes que conseguem manter a temperatura constante.

O sistema de iluminação é artificial e feito por meio de calhas suspensas ao teto estando as lâmpadas estrategicamente direcionadas para as peças e reguladas de acordo com as necessidades específicas de cada uma. Este sistema tem de ser ligado em cada piso e é permanente. Em duas vitrinas de ourivesaria a iluminação está encastrada no próprio sistema expositivo. A luz natural não entra nas salas de exposição de longa duração pois as portadas das janelas encontram-se fechadas. No entanto, na zona das escadas existe luz natural e sem qualquer proteção nas janelas, estando previsto que possam vir a ter um filtro UV e cortinas de proteção. Na sala de exposição temporária para além das calhas de iluminação existe luz natural. Mas esta janela dispõe de um filtro UV.

O mobiliário expositivo é diversificado e foi realizado tendo em conta as peças expostas. Assim, existem plintos e vitrinas feitas em MDF e vidro todas elas amovíveis, com vista a se poderem fazer novas leituras do espaço.

Os serviços educativos ficaram à responsabilidade da Fundação Robinson, sendo que, no entanto, só são realizados quando solicitados por alguma instituição ou entidade. A primeira aconteceu no passado dia 27 de junho de 2012 e teve a colaboração da Conservadora Restauradora Laura Romão, e o público-alvo foram as crianças do ATL do Centro de Artes e Espetáculos de Portalegre. Neste ateliê para além da visita ao Museu, as crianças puderam contactar com os diferentes matérias de que uma peça pode ser feita, bem como observar ao microscópio os insetos xilófagos que atacam a madeira.

Apesar do Museu ter sido remodelado e ampliado a pensar na coleção a expor e nas novas exigências da museologia, do nosso ponto de vista possui algumas debilidades nomeadamente ao nível da reserva. Como existia um projeto para fazer no Espaço

Robinson uma grande reserva que pudesse albergar todas as coleções dos Museus de Portalegre, que até à data não foi realizado, o espaço do Museu Municipal contemplado para esta função não tem as dimensões para poder albergar todas as peças, o que levou a que se tivesse de recorrer aos armários de parede que existem um pouco por todo o Museu para poder guardar a coleção. Este facto pode levantar problemas de segurança nomeadamente em caso de incêndio. Também o facto das portas das duas salas da reserva abrirem para dentro pode ser um problema futuro.

A sinalética de rua não foi remodelada nem acrescentada, o que continua a ser um entrave a quem quer visitar o Museu. Deste modo, ao fim de 6 anos os visitantes continuam a ter dificuldade em encontrar este espaço.

No dia 23 de maio de 2012 foi também inaugurado o Núcleo Rural – Museu Municipal de Portalegre Coleção Emílio Relvas. Trata-se de uma coleção de peças em madeira esculpidas à mão por Emílio Relvas.

Emílio Relvas começou a esculpir as suas peças quando “aos 65 anos de idade, depois de uma vida de agricultor [...] começou a transformar pedaços de madeira em bonecos, fazendo deste um passatempo para ocupar o seu tempo entretanto mais livre.”<sup>119</sup>

Esta exposição pode ser vista no edifício contíguo à Junta de Freguesia de Reguengo terra natal do artesão que durante toda a vida sonhou ver as peças que esculpia com um simples canivete expostas para que todos as pudessem ver. Da coleção fazem parte 2 mil bonecos que têm como temática ““o quotidiano e a festa”, bestiário”, imagens e Cristo” e “imagens da Virgem e dos Santos”<sup>120</sup> bem como algumas ferramentas de trabalho. No entanto, nem todos estão expostos, estando previsto que periodicamente possam ir rodando. As peças são “propriedade da Junta de Freguesia, a quem foram doadas pela filha.”<sup>121</sup> Na inauguração o presidente da Junta de Freguesia fazia votos para que o Museu possa ser um “motor de desenvolvimento, trazendo mais gente à freguesia, contribuindo para o desenvolvimento económico.”<sup>122</sup> O facto de a coleção exposta ser renovada periodicamente leva a que os visitantes tenham sempre um novo motivo de visita.

O projeto de reabilitação do edifício ficou a cargo do “arquiteto Hugo Espanhol, da Fundação Robinson”<sup>123</sup> e teve “um investimento de cerca de 500 mil euros”<sup>124</sup>.

---

<sup>119</sup>Fundação Robinson - Rede de Património de Portalegre | edificado, móvel e imaterial (2ª fase) Memória descritiva e justificativa. Olhar o Horizonte. Consolidar as memórias, 2010, p.10. (policopiado)

<sup>120</sup>Ibidem

<sup>121</sup>BRANCA, Manuela Lã – “Museu do Boneco é já uma realidade.” in Fonte Nova, Ano XXXVIII, nº 1876 de 19-05-2012, p.6

<sup>122</sup>Ibidem

<sup>123</sup>Ibidem

<sup>124</sup>Ibidem

## 2- Coleção Antoniana

### 2.1- O Colecionador e a Coleção

#### 2.1.1- O Colecionador - Herculano Madeira Curvelo

Herculano Madeira Curvelo nasceu em Avis a 20 de junho de 1913. Era filho de António Rodrigues Curvelo e de Rita da Luz Madeira Curvelo. O pai era um conceituado republicano que, para além da administração de uma farmácia, trabalhou na administração local em vários concelhos do distrito de Portalegre. Quando Herculano Curvelo tinha um ano de idade, a família mudou-se para Portalegre onde se dedicou também ao comércio farmacêutico.

Herculano estudou no Liceu de Portalegre, no seu trajeto diário, tinha de passar por um arco onde se encontrava uma imagem do Santo António de Lisboa. Quando fazia algum exame, pedia o auxílio do Santo a quem prometia um tostão, se fosse bem-sucedido. Como nunca o cumpriu, a coleção que iniciou anos mais tarde terá sido uma maneira de satisfazer a promessa. A família Curvelo não tinha posses para proporcionar aos filhos estudos superiores, pelo que Herculano Curvelo estudou somente até ao antigo 5º ano, findo o qual começou a trabalhar nas finanças locais.

Em Nisa, conheceu Maria Amélia Seabra de Mascarenhas Paralta, casando com ela no final dos anos trinta. Deste casamento nasceram dois filhos, Maria Amélia e António Carlos.

Herculano Curvelo foi subindo na carreira até ter sido nos anos cinquenta nomeado Diretor de Finanças, e destacado para Bragança e para Castelo Branco.

O Jornal *A Voz Portalegrense*, de 9 de setembro de 1961, noticiou que “no cargo de Adjunto do Director Geral das Contribuições e Impostos foi recentemente empossado o nosso conterrâneo, o Senhor Herculano Madeira Curvelo a quem felicitamos por tal motivo, desejando-lhe as maiores felicidades no desempenho da sua nova missão.”<sup>125</sup> Devido a este novo cargo, toda a família foi viver para Lisboa.

Herculano Curvelo desempenhou estas funções com inúmeros Diretores Gerais, antes e depois do 25 de Abril de 1974, tendo-se reformado em 1983, com 70 anos de idade. Nunca teve qualquer tipo de atividade política, facto que pode explicar a longevidade de permanência no cargo. No entanto, ainda jovem integrou, em Portalegre, um grupo progressista ligado à publicação de um jornal, bem como ao estudo e divulgação do esperanto.

Foi sempre um democrata, tornando-se católico, embora não muito praticante.

---

<sup>125</sup>“Herculano Madeira Curvelo.”in *A Voz Portalegrense*, Ano XXIX, nº 1499 de 9-9-1961.

Em 1979, faleceu-lhe a mulher, Maria Amélia Curvelo. Curvelo contraiu novo enlace, nos inícios da década seguinte, com uma senhora italiana de nome Adriana, ligação matrimonial que cedo se desfez.

O seu gosto pelas artes desde cedo se manifestou, tendo feito desenho e pintura mas sempre como autodidata. O convívio com o meio cultural das cidades onde viveu e o gosto em aprender proporcionou-lhe os ensinamentos que não conseguiu adquirir na escola, por ter começado a trabalhar tão cedo.

No campo artístico colaborou com algumas das suas ilustrações em várias “publicações designadamente em “*A Rabeca*” e “Os Nossos Filhos” colaborou nas festas do IV Centenário de Portalegre em 1950, executando trabalhos como a ampliação do foral de Portalegre e a maqueta do emblema comemorativo das mesmas festas.”<sup>126</sup>

O trabalho também lhe deixou pouco tempo para estas atividades, tendo por isso somente após a aposentação retomado a pintura em aquarela e a óleo e o desenho.

Ao longo dos anos participou em diversas exposições nomeadamente “exposição dos novos artistas de Portalegre” organizada por *A Rabeca* em 1947, na exposição “Artistas de Portalegre” promovida pelo Museu Municipal de Portalegre em 1984; “Salon de L’ âgre d’or” 1985, na Acropolis - Palais des Expositions de Nice, sendo premiado com “Mention d’ Encouragemene”; exposição de Artes Plásticas – Professores de 1987 na galeria de Artes do Casino Estoril e no salão de Sócios da NBA em 1989.”<sup>127</sup>

De 12 a 21 abril de 1991 realizou uma exposição retrospectiva da sua obra na Galeria Municipal de Portalegre “essencialmente composta pelas suas obras de pintura a óleo à qual se dedicou a partir de 1983 e também de alguns desenhos a nanquim.”<sup>128</sup>

Herculano Curvelo encontra-se ainda representado em várias coleções particulares, tendo mesmo feito um cartão para uma tapeçaria que mandou fazer na Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.

Herculano Curvelo era um colecionador de selos, moedas, emblemas e Santos António, esta última, alvo deste trabalho, é a de maiores dimensões e qualidade.

### 2.1.2 - A Coleção

O gosto por colecionar Santos António despertou em Herculano Curvelo quando, a 31 de maio de 1956, o padrinho da primeira comunhão do seu filho António Carlos, o Cónego Anacleto Pires da Silva Martins, lhe ofereceu uma imagem em prata do Santo<sup>129</sup>. Desde essa data e até 13 de agosto de 1996, data da sua morte, não deixou de colecionar peças.

<sup>126</sup>“Retrospectiva Pintura de Herculano Curvelo.” in *Fonte Nova*, Ano VII, n.º 324 de 18-04-1991, p.4

<sup>127</sup>Ibidem.

<sup>128</sup>Idem p.4.

<sup>129</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 49.

A coleção é composta por 788 peças, na sua maioria por esculturas (256) possuindo no entanto peças diversas (532), que abrangem campos como, pinturas, medalhística, diapositivos, baixos-relevos, estampas, gravuras, azulejos, livros, porta-chaves, numismática, filatelia, folhetos, catálogos, vinhetas, bilhetes-postais, registos, calendários, recortes de jornais, fotografias, desenhos, moldes e revistas.

Da sua coleção fazem parte peças portuguesas, italianas, brasileiras, francesas, canadianas, alemãs, mexicanas e flamengas. Umas foram adquiridas, outras oferecidas por familiares e amigos. As peças de origem italiana foram adquiridas durante os períodos que passou na zona de San Remo com a sua segunda mulher e nos passeios que davam noutras zonas de Itália.

Apesar do seu grande amor pela sua coleção, Curvelo era bastante regrado economicamente pois as únicas posses que tinha advinham do seu trabalho, da venda de quadros e de alguns livros sobre finanças que escreveu com colegas. Assim, se gostava de uma peça só a comprava se tivesse disponibilidade. Era um colecionador compulsivo, não olhando nem à qualidade estética nem ao valor monetário nas suas aquisição, mas ao gosto de colecionar representações diversas de Santo António. As peças eram adquiridas em leilões e antiquários.

Herculano Curvelo esteve presente no 5º Salão de Antiguidade de 1970, com o Stand Nº12. No catálogo a coleção foi descrita como “Iconografia de Santo António, composta por imagens dos séculos XVII e XVIII e exemplares curiosos do artesanato nacional e estrangeiro contemporâneo.”<sup>130</sup> Podemos documentar ainda que uma das peças que esteve exposta foi a MMP. 0224/087.E.<sup>131</sup>

Em termos monetários, as peças desta coleção apresentam valores muito desiguais. Algumas têm somente valia sentimental, como é o caso de algumas feitas pela neta quando frequentava a escola primária.

Ao adquirir as peças, Herculano Curvelo preencheu uma ficha que criou para registar as principais características e especificidades de cada uma. Assim, constituem-na os seguintes campos: 1 – Época; 2 – Origem; 3 – Autor; 4 – Descrição; 5 – Material; 6 – Dimensões; 7 - Estado de Conservação; 8- Outras Particularidades.

A informação contida nessas fichas era da autoria do colecionador que investigou a origem dos materiais e os descreveu. Os inúmeros livros (em português, italiano e francês) e catálogos que fazem parte da coleção e que falam da vida do Santo, as descrições de exposições e de peças são um indício do tempo que Curvelo passava a estudar a sua coleção.

---

<sup>130</sup>5º Salão de Antiguidade de 1970 - Catálogo Oficial

<sup>131</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 51.

Os comentários que encontramos nas fichas que preencheu dão-nos informações importantíssimas para compreender a coleção e o espírito do colecionador.

Herculano Curvelo iniciou a tradução de italiano para português de uma biografia de Santo António, em colaboração com Adriana, que nunca foi concluída.

Em casa tinha algumas peças expostas, mas o espaço era exíguo para um acervo que chegou a atingir razoáveis dimensões.

Decorria o ano de 1985, quando decidiu doar a coleção ao Museu Municipal de Portalegre tendo, para tanto, logrado obter a aprovação dos filhos. Durante os onze anos que mediaram entre esta doação e a sua morte, visitou regularmente o museu doando todos os anos mais peças.

A coleção chegou ao museu acondicionada em caixas de cartão com palha e serradura. Foi aquando da inauguração da exposição que o colecionador teve possibilidade de visualizar a coleção por inteiro, pois em casa, como já havíamos mencionado, somente era possível exibir alguns objetos.

As vitrinas onde, até junho de 2006, estavam expostas as peças foram produzidas propositadamente para a coleção, e de acordo com as suas características, pelos carpinteiros da autarquia. A exposição foi idealizada pelo Padre Francisco António Rosado Belo, responsável à data pelo museu.

A última peça da coleção (MMP.0208/071.E)<sup>132</sup> foi doada pelo Cónego Anacleto Pires da Silva Martins - o mesmo que na década de cinquenta tinha sido o responsável pela génese colecionista - após a morte do colecionador. Também após esta data e até ao encerramento do Museu para remodelação, o filho de Herculano Curvelo continuou a visitar todos os anos a coleção como o pai sempre fizera.

A sala “Herculano Curvelo” foi inaugurada a 27 de fevereiro de 1985 e nela estiveram presentes as elites portalegrenses e inúmeros convidados. O Presidente da Câmara de Portalegre, Rui Simplício, o Padre Francisco Belo, diretor do Museu, e Herculano Madeira Curvelo proferiram discursos.

A imprensa local fez eco da inauguração, documentando de forma hiperbólica o seu impacto na vida da cidade.

“O Museu Municipal passa a contar com uma coleção impar, certamente única em Portugal e mesmo na Europa. E isto porque um Portalegrense de coração generoso entendeu doar à sua terra a coleção que ao longo de anos dedica e sistematicamente reuniu, formando um conjunto admirável no seu todo. Imagens do século XV até à actualidade de todos os materiais possíveis e imaginários, com as formas e os suportes mais variados, constituem esta coleção de que só conhecemos paralelo, embora de

---

<sup>132</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 50.

temática diferente nos “meninos Jesus” do Padre Belo<sup>133</sup> e “ a Coleção considerada ímpar em toda a península foi conseguida ao longo de muitos anos por Herculano Curvelo natural da nossa cidade, que agora a resolveu oferecer ao Museu Municipal acto que muito veio a enriquecer o património daquela sala de visitas da nossa cidade considerada por muitos especialistas o melhor museu da província.”<sup>134</sup>

Podemos ver ainda:

“exposta uma muito rara e valiosa coleção Antoniana constituída por mais de 700 peças referentes a S. António desde o século XV à actualidade. De origem popular e erudita proveniente de Portugal, Itália, Brasil e de outros países há estatuetas de barro, terracota, madeira, marfim, pedra, cerâmica metais diversos, cartão, etc... O santo está também representado em selos de correio, notas do banco de Portugal, cautelas de lotaria, livros recentes de jornais, revistas, cartazes, medalhas, porta-chaves, iluminuras desenhos infantis, pias de água benta e muitas outros objectos.”<sup>135</sup>

Na mesma altura, o jornal *Fonte Nova* fez um convite que ao mesmo tempo era um alerta para quem ainda não sabia da existência de mais um motivo de interesse no Museu “O senhor já visitou a Nova Sala do Museu Municipal? Não?! Então Vá!”<sup>136</sup>

Ao analisarmos as fichas que o colecionador preencheu sobre cada um dos objetos do seu acervo, podemos tirar algumas ilações. Palavras como “bom”, “impecável”, “regular”, “muito bom”, “novo” e “mau” serviram para Curvelo descrever o estado de conservação das suas peças.

Em várias fichas colocou a anotação de que em 1975 foi feita uma desinfestação por meio de expurgo, evidenciando preocupação prática com a manutenção física da coleção. Exemplos disso são as esculturas MMP.0217/080.E<sup>137</sup> e MMP.0224/087.E<sup>138</sup> e onde podemos ler “peça muito atacada pelos bichos, foi desinfestada pelo gás em 1975.”<sup>139</sup>

Como já havíamos mencionado, a coleção chegou ao museu acondicionada em caixotes com palha e serradura, o que fez com que tivesse de ser limpa com trinchas. Em algumas peças, ainda se podem ver vestígios de serradura, como é o caso da peça MMP.0354/211.E.<sup>140</sup>

Na categoria de “Outras Particularidades” o colecionador diz-nos por vezes onde adquiria as peças “em Bruges (Bélgica) em 1984”; “em Piza em 1981”; “em Bruxelas”; “no Mónaco em 1982”; “em Itália”, em 1982/1983 por intermédio do Professor Pietro Novis.”<sup>141</sup>

<sup>133</sup>“A partir de hoje o museu de Portalegre tem o património enriquecido com uma rara e encantadora coleção de 470 Santos Antónios.” in *Fonte Nova*, Ano I, nº18 de 27-02-1985, p.16

<sup>134</sup>“Coleção Antoniana impar valoriza Museu Municipal – Doada por Herculano Curvelo.” in *A Rabeca*, Ano 70, nº 3207 de 28-02-1985, p.2.

<sup>135</sup>“Santo António em Portalegre.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 100, n.º 5917 de 8-03-1985, p.1.

<sup>136</sup>*Fonte Nova*, Ano I, nº17 de 16 de Março de 1985, p.13

<sup>137</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 54.

<sup>138</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 55.

<sup>139</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>140</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 56 e 57.

<sup>141</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

Algumas peças da coleção, no que toca à iconografia hagiológica, fogem um pouco aos cânones habituais:

- Escultura em plástico de origem italiana, “peça curiosa rara na representação do Santo em estatuária de joelhos”<sup>142</sup> (MMP.0399/254.E).<sup>143</sup>

- Escultura em barro do século XX onde Santo António está de pé com o Menino despido sobre um alforge que o Santo tem no ombro direito. (MMP.0380/235.E)<sup>144</sup>

- Escultura em gesso policromado do final do Século XIX (?) de origem Itália “adquirida em Roma em 1983, por intermédio do Professor Pietro Noris.”<sup>145</sup> Santo António de pé com o alforges no ombro direito e, na mão, um pão. O Menino está assente sobre o braço esquerdo. (MMP. 0307/164.E)<sup>146</sup>

- Escultura em marfinito onde o Santo António está de pé com o Menino ao colo e do lado esquerdo outra criança que o abraça. (MMP. 0383/238.E)<sup>147</sup>

- Escultura em madeira do século XVII onde Santo António está de pé com o Menino sobre o livro e uma sacola no ombro direito. (MMP. 0215/078.E)<sup>148</sup>

- Escultura em terracota de meados do século XX “antigas colónias Portuguesas?”<sup>149</sup> Santo António de tez negra com o Menino nu nos braços. (MMP. 0316/173.E)<sup>150</sup>

- Duas esculturas com características achinesadas (MMP.0249/107.E<sup>151</sup> e MMP.0413/268.E<sup>152</sup>)

Os materiais utilizados na produção das peças escultóricas são muito diversificados, desde os tradicionais como a madeira, a pedra, o barro, o gesso, o marfinito, o marfim, osso, plástico, liga metálica, a porcelana e a faiança ou alguns bem incomuns como folhelho de milho (MMP. 0422/277.E)<sup>153</sup>, cortiça (MMP.0421/276.E)<sup>154</sup> ou pedras e cimento (MMP. 0431/286.E).<sup>155</sup>

Ao examinarmos o espólio documental de Herculano Curvelo, encontramos dentro de um dos dois exemplares do livro *Santo António de Lisboa 1231-1931* uma carta que nos dá mais um dado de como a coleção era importante e até conhecida no país antes de ser doada ao Museu. Trata-se de uma carta, datada de 14 de Junho de 1983, escrita a Curvelo por Joaquim Lopes Cravo, da Coimbra Editora, Lda e nela se lê “Ao ver pela televisão a sua

<sup>142</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>143</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 58.

<sup>144</sup>Idem. Foto 59.

<sup>145</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>146</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 61.

<sup>147</sup>Idem Foto 62.

<sup>148</sup>Idem. Foto 63.

<sup>149</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>150</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 64.

<sup>151</sup>Idem Foto 65.

<sup>152</sup>Idem. Foto 66.

<sup>153</sup>Idem. Foto 67.

<sup>154</sup>Idem. Foto 68.

<sup>155</sup>Idem. Foto 69.

devoção por Santo António, tenho o prazer de informar que, por este mesmo correio, em separado, fiz seguir 2 livros sobre o referido Santo, que não sei se o meu Exm<sup>o</sup>. Amigo conhece, espero que chegue a seu verdadeiro contento.”<sup>156</sup>

Podemos também analisar vários recortes de jornais e revistas portuguesas e italianas que falam do Santo, da sua vida, os bailes em sua honra, as procissões, os casamentos de Santo António em Lisboa entre muitas outras coisas.

Um dos exemplos é a peça MMP.0800/303.ED<sup>157</sup> um recorte da revista *Civilização*<sup>158</sup>, sobre a qual Curvelo faz a seguinte descrição “Artigo alusivo à Noite de Santo António intitulado “vésperas de Santo António” com ilustração.” Ou um recorte “A Santo António – Agradeço graça recebida e peço protecção futura. J.I.S.”<sup>159</sup>

Não podemos também deixar de falar em peças que tornam a coleção única, não pelo seu valor venal, mas pelo carinho com que as colecionava:

- Bilhete de ingresso no Museu Antoniano de Lisboa peça MMP. 2389/532.ED<sup>160</sup> resultante da “visita efectuada em 13-06-1989.”

- Roteiros do Museu Antoniano de Lisboa e do de Faro.

- 18 Diapositivos tirados durante uma visita que fez em 1982 à Basílica do Santo em Pádua.

- Invólucro do “Pão de Santo António distribuído em 13 de Junho de 1985 na Igreja do Santo de Lisboa” (MMP. 2352/495.ED)<sup>161</sup>

- Calendários portugueses e italianos com imagens do Santo.

- Folhetos de exposições, nomeadamente dos 750<sup>o</sup> Anos da Morte de Santo António.

- Vários exemplares da revista italiana “Messaggero di Sant’ António”

- Folheto de uma marca de plástico com o nome do Santo<sup>162</sup>.

- Almanaque de Santo António de 1986 e 1994.

As peças que a neta, Rita Paralta Curvelo Ribeiro, criou para lhe oferecer possuem um enorme valor afetivo para o colecionador, como podemos comprovar através da ficha da peça MMP.036/225.E<sup>163</sup> uma escultura em barro onde o colecionador escreve “peça de grande valor estimativo por ter sido executada pela minha neta aos 10 anos de idade, na sua Escola, inteiramente concebido por ela para me oferecer no Natal de 1982.”<sup>164</sup> ou no cartão MMP.0760/018P<sup>165</sup> de fevereiro 1983 de “Rita aos 10 anos e meio.”<sup>166</sup> Ao analisar as

<sup>156</sup>Carta de Joaquim Lopes Cravo a Herculano Curvelo (14 de Junho de 1983).

<sup>157</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 70.

<sup>158</sup> De 12 de junho 1929, editada pela Livraria Civilização, do Porto.

<sup>159</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 71.

<sup>160</sup>Idem. Foto 72.

<sup>161</sup>Idem. Foto 73.

<sup>162</sup>Idem. Foto 74.

<sup>163</sup>Idem. Foto 75.

<sup>164</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>165</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 76.

<sup>166</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

fichas não podemos deixar de mencionar mais três peças. Uma escultura em barro feita por “Maria Rute é colega da Rita. Entre as várias peças feitas pelas crianças na Escola, que aguardavam cozedura no dia 24-01-1983, em que se verificou um sismo de média intensidade, esta foi a única peça que não se quebrou, nem tombou.”<sup>167</sup> (MMP.0370/227E.)<sup>168</sup> Uma escultura em barro feita também em 1983 por um amigo da neta Rita, João Miguel aos 13 anos (MMP. 0376/231.E).<sup>169</sup> Uma escultura em barro foi feita por volta de 1960, “peça executada por um doente mental internado no Hospital Miguel Bombarda, foi oferecida pelo seu médico, Álvaro Luz e Silva, como sendo Santo António.”<sup>170</sup> (MMP. 0369/226.E.)<sup>171</sup>

Pelo seu valor estético e material destacaremos, a título exemplificativo, as seguintes peças:

- MMP.0237/095.E<sup>172</sup> - Escultura em marfim do século XVIII. Santo António com o Menino encaixados dentro de um nicho encimado por uma cruz. “Peça Raríssima, de inestimável valor.”<sup>173</sup>

- MMP.0209/072.E<sup>174</sup> – Escultura em gesso do século final do XVII ou XVIII. Santo António com as mãos e cabeça em barro e os olhos de vidro. “Pasta de cartão “cartapesta”. Adquirida em Itália em 1982 por intermédio do Professor Pietro Norris”<sup>175</sup>

- MMP.0236/094.E<sup>176</sup> – Escultura em marfim do século XVIII. Santo António com o Menino “Peça que fez parte da coleção Comandante Ernesto Vilhena, esteve presente na Exposição Antoniana da Sé Patriarca de Lisboa de Junho de 1947.”<sup>177</sup>

- MMP.0382/237.E<sup>178</sup> – Escultura em madeira meados do Século XVIII (?). Santo António com o Menino “Trata-se de uma das peças de maior interesse da coleção.”<sup>179</sup>

- MMP. 0320/177.E<sup>180</sup> – Escultura em gesso do final do século XIX (?). Santo António com o Menino “Adquirida em Roma em 1983, por intermédio do Prof. Pietro Novis.”<sup>181</sup>

- MMP. 0230/091.E<sup>182</sup> – Escultura em madeira. Santo António com o Menino onde o corpo do Santo é em madeira, as mãos, pés e cabeça em marfim. O menino também é em marfim.

---

<sup>167</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>168</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 77.

<sup>169</sup>Idem. Foto 78.

<sup>170</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>171</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 79.

<sup>172</sup>Idem. Foto 80.

<sup>173</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>174</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 81.

<sup>175</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>176</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 82.

<sup>177</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>178</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 83.

<sup>179</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>180</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 84.

<sup>181</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas.

<sup>182</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 85.

- MMP.0198/062.E<sup>183</sup> – Escultura em madeira do século XVII ou XVIII. Santo António de pé com hábito franciscano com debruados a dourado.

Herculano Curvelo colecionou peças únicas como é o caso da primeira prova em chumbo de uma medalha em baixo relevo feita por Cabral Antunes. “Trata-se de peça raríssima, é a primeira das duas ou três provas em chumbo, tiradas do molde da medalha que constituiu a peça nº 228-D da coleção. Ambas as peças foram adquiridas na igreja-casa de Santo António, de Lisboa, em 16-01-1983.”<sup>184</sup> A prova em chumbo a que nos referimos e a peça MMP. 0855/001.MD<sup>185</sup> e a medalha que foi feita em bronze, a peça MMP. 0856/002.MD.<sup>186</sup>

Da coleção fazem ainda parte dois objetos doados ao Museu por visitantes que estabeleceram uma relação empática com o espírito da coleção - um azulejo doado em 1999 (MMP.2836/494.E) e o “Menino Jesus Brincalhão”<sup>187</sup> oferecido em 2004.

Esta coleção era uma das que mais atraía os visitantes.

---

<sup>183</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 86.

<sup>184</sup>CURVELO, Herculano Maria - Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo, manuscritas. Peça Nº229D.

<sup>185</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 87.

<sup>186</sup>Idem. Foto 89.

<sup>187</sup>Idem. Foto 90.

### 3-Relatório das atividades desenvolvidas durante o estágio

O presente Relatório reflete dois períodos temporais bem distintos. O primeiro teve início no final de 2006 e terminou no início de 2007 e, o segundo, iniciou-se no final de 2011 e foi concluído no início de 2012, facto que explica a necessidade de rever todas as peças da coleção Antoniana de Herculano Curvelo, já analisadas, bem como todas as que anteriormente se encontravam embaladas a aguardar obras no edifício.

O estágio decorreu no Museu Municipal de Portalegre e permitiu o contacto com uma realidade museológica diferente da observada no dia-a-dia de trabalho. As soluções e métodos de trabalho empregues por outros obrigam-nos a pensar e a refletir sobre as nossas próprias decisões.

O primeiro passo deste Estágio foi o contacto com a base de dados, em suporte digital, denominada *In arte*<sup>188</sup>, o sistema documental adotado pelo Museu, no qual já estava definido o campo referente ao estado de conservação. Com fundamento nestes elementos documentais, acrescidos da experiência profissional adquirida, elaborei uma ficha de verificação, em papel.<sup>189</sup>

Para facilitar a análise do estado de conservação das peças, optou-se por criar uma escala de urgência de intervenção: muito bom - necessitam de uma intervenção mínima, uma simples limpeza de poeiras e manutenção; bom – apesar de necessitar de conservação, esta não é urgente, estando o processo de degradação controlado; regular – não levanta problemas de maior mas deverá ser intervencionada após a resolução dos casos mais urgentes; mau – a intervenção destas peças requer celeridade; muito mau - necessita de uma intervenção urgente, pois corre-se o risco de degradação imediata da peça.

Em 2006/2007 e, apesar do objeto do Estágio ter sido a Coleção Antoniana, foram analisadas somente 371 peças referentes à escultura, pintura, medalhística, utensílios e equipamentos. As peças encontravam-se em doze vitrinas, duas delas de parede, e algumas suspensas nas próprias paredes. Devido ao processo de transferência para outras instalações, as peças já não estavam expostas como até aqui, ainda que permanecessem dentro das vitrinas.

Neste estudo não foi utilizado nenhum meio técnico auxiliar de exame e análise, a observação foi feita a olho nu.

As peças escultóricas apresentavam vários materiais de suporte, nomeadamente, faiança, madeira, marfim, osso, pedra, plástico, porcelana, prata, terracota e vidro. Na medalhística os materiais eram bronze, chumbo, vidro, latão, mármore, ouro e prata. No que se refere aos utensílios e equipamentos foram inventariadas velas, pias de água benta e

---

<sup>188</sup> Anexo III.III – Ficha da Base de Dados *In Arte*.

<sup>189</sup> Anexo III .I – Fichas de Verificação.

porta-chaves. Os materiais que as compunham são bronze, cera, cobre, as ligas metálicas, o plástico, a porcelana e a terracota.

Durante o segundo período foi também analisado o acervo documental, que tinha como suporte uma variedade diferente de papéis, que vão do cartão ao papel vegetal. Nesta categoria podemos encontrar jornais, revistas, calendários, livros, registos, postais, estampas, cautelas de lotaria, folhetos, catálogos, vinhetas e bilhetes de ingresso em museus.

Em 2006/2007, de uma maneira geral, o estado de conservação das esculturas em madeira era regular, apesar de alguns casos, devido ao ataque de insetos xilófagos [MMP 0194/059E; MMP 0195/060E; MMP 0198/062E; MMP 0200/064E; MMP 0214/077E; MMP 0217/080E; MMP 0224/087E; MMP 0225/088E] estarem em muito mau estado. Ainda no que se refere às peças em madeira, sofriam de diversas patologias, sendo que o suporte apresentava lacunas volumétricas, fendas e elementos de ligação sem consistência, enquanto que a superfície apresentava sujidade superficial, lacunas na camada cromática, *craquelés* e amarelecimento do verniz.

As esculturas criadas com outros materiais, a nível do suporte, apresentavam lacunas volumétricas, fendas e falta de elementos anatómicos, mas o seu estado de conservação era bom.

As peças constituídas por ligas metálicas (escultura e medalhística) estavam em bom estado de conservação, apesar de alguma oxidação pontual e da sujidade superficial.

No que se refere a intervenções anteriores, nas peças de madeira predominavam as colagens feitas sem qualquer cuidado e com adesivos inadequados, facto que levanta grandes problemas de conservação, nomeadamente o amarelecimento e as escorrências. Neste tipo de peças encontramos ainda repolicromias; e preenchimento de lacunas volumétricas. Nos casos onde o suporte era a cerâmico, deparamo-nos com colagens de elementos anatómicos que sofriam as mesmas patologias que as de madeira. Também identificamos bases novas em algumas peças carentes de maior estabilidade. Na medalhística, e em equipamentos e utensílios não diagnosticamos intervenções anteriores.

Alguns elementos, por serem amovíveis, já não existiam e em algumas peças já não eram os originais, como é o caso da auréola, do livro e do Menino Jesus.

Em algumas peças reconhecemos pingos de cera, indiciando práticas de devoção.

Na última avaliação, ao estado de conservação das peças da coleção, foi possível registar que somente quatro peças tiveram alterações. A peça MMP.0195/060.E<sup>190</sup>, um Santo António com o Menino em madeira, o Menino tinha a perna direita partida. Outra das peças que apresentava alterações era o Santo António com o Menino, MMP.0379/234.E, em

---

<sup>190</sup>Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 91 e 92.

barro, onde o adesivo que prendia o braço direito do Menino perdeu a elasticidade e estava solto. A peça MMP.0380/235.E<sup>191</sup>, um Santo António com o Menino, em barro, tinha na pasta do suporte colónias microbiológicas de fungos, especificamente no alforjes e na cruz, que provocaram alteração na camada cromática. Por último, a peça MMP.0417/272.E<sup>192</sup>, um Santo António com o Menino, em barro, onde a auréola estava descolada da peça.

Como anteriormente mencionamos, todas as peças de madeira existentes no Museu foram alvo de um processo de desinfestação. Em consequência desta desinfestação, as peças que em 2006/2007 exibiam vestígios de ataque de insetos xilófagos, aparentam agora estabilização, apesar de bastante fragilizadas pelas galerias retraçadas. Impõe-se, por isso, com urgência, uma intervenção que confira às peças a solidez física perdida.

As peças referentes ao acervo documental revelavam bom estado de conservação, apresentando somente amarelecimento do papel devido à oxidação da celulose pela ação da luz e, no caso dos recortes de jornais e revistas, pudemos observar diversos vincos resultantes de um armazenamento inadequado.

Tal como já foi mencionado, em 2006/2007 a coleção encontrava-se em bom estado de conservação necessitando somente de uma limpeza superficial pois, tirando os casos já elencados e que necessitavam de consolidação, elas estavam estáveis.

A escala apresentada, hierarquizando urgências na intervenção, deverá ser levada em conta quando se puder concretizar um plano de conservação para este acervo museológico.

Da conversa mantida com Sónia Alves, conservadora do museu, foi possível constatar que o atual programa museológico, pensado para a remodelação do espaço, passará por expor somente as peças mais significativas. No entanto, é minha convicção que o segmento não exposto do acervo antoniano não poderá ser menorizado, sendo imperativo estudar cada peça ao pormenor. Da futura investigação integral desta coleção, tão rica e diversificada, poderão resultar várias exposições temporárias.

À medida que fui analisando o acervo, pude verificar que o número de inventário que o colecionador atribuiu a cada peça, por estar colocado numa etiqueta colada, nem sempre no local mais adequado à sua integridade física, poderá vir a danificá-la se se vier a optar por as remover. Importaria assim ponderar uma avaliação casuística dos objetos mais expostos. Na realidade, o adesivo utilizado encontra-se geralmente amarelecido, potenciando prováveis destacamentos da policromia quando retirado.

Em 2006/2007, após verificar o estado de conservação das peças, as mesmas foram embaladas para que pudessem ser transferidas para o local onde permaneceram enquanto decorreram as obras no Museu. Como material de embalagem foi utilizado o papel de seda, o papel vegetal e o plástico-bolha. De seguida, foram colocadas em caixas de cartão

---

<sup>191</sup>Idem. Foto 59 e 60.

<sup>192</sup>Idem. Foto 93.

previamente reforçadas com fita-cola larga<sup>193</sup>. Os elementos amovíveis das peças foram retirados, embalados e colocados na embalagem em conjunto com a peça correspondente. Quando nos deparávamos com peças que tinham algum elemento anatómico mais fragilizado – por se encontrar saliente – primeiro protegia-se com papel de seda e de seguida com plástico- bolha de forma a uniformizar o volume. Todas as peças foram em primeiro lugar embaladas em papel de seda. As mais pequenas - medalhas - após ter-se colocado o respectivo número de inventário foram embaladas em papel vegetal e as restantes em plástico-bolha onde foi colado um papel com o número de inventário. Foram de seguida colocadas verticalmente em caixas de cartão com os espaços vazios preenchidos com espuma de poliestireno. Para as peças de maior dimensão foram construídas, pela empresa responsável pela mudança do espólio, caixas próprias.

No período mais recente, as peças já se encontravam desembaladas, as esculturas arrumadas numa das reservas, as medalhas em bolsas de PVC e colocadas em caixas de PVC e o espólio documental em caixas de cartão.

Durante o meu Estágio foi possível analisar a base de dados do Museu, em formato digital e em suporte de papel, bem como alguns documentos referentes à história e funcionamento da Unidade Museológica.

Para cada peça foi elaborada, manualmente, uma ficha de verificação através da observação de todo o espólio, mas somente algumas foram passadas para a base de dados *In Arte*. No entanto, atualmente todas estão em suporte informático, de maneira a poderem migrar para a base de dados do Museu.

Durante a primeira fase do estágio fui integrada na equipa de trabalho do Museu, no entanto, após já ter cumprido o plano de Estágio, foi solicitada a minha participação e auxílio noutras atividades, nomeadamente a remoção de certas peças – quadros - da parede, a colagem – com Paraloid B72 em acetona – de um porta-moedas em madreperla e a desmontagem de um retábulo.

Este retábulo teve que ser desmontado para se poder embalar. O retábulo era formado por doze baixos-relevos, em barro, configuração que não deverá ser a original devido ao tipo de suporte em que estão inseridos (uma simples moldura de madeira). Em 1965, já era esta a disposição das peças pois no *Roteiro de Portalegre – O Museu Municipal* escrito por António Rovisco e Carlos Mourão, dois alunos do 6º Ano do Liceu, para o Jornal *O Distrito de Portalegre*, se faz a seguinte descrição: “da esquerda para a direita: Última Ceia, Agonia no Horto, Beijo de Judas, Julgamento, Flagelação Junto a uma Coluna, Escárnio dos

---

<sup>193</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 94 a 100.

Guardas, Levando a Cruz e Intervenção de Verónica, Pregado na Cruz, Morto aos Pés de sua Mãe, Descendo ao Sepulcro, Ressurreição.”<sup>194</sup>

Os relevos<sup>195</sup> estavam assim emoldurados e presos entre si por cavilhas. A remoção desta estrutura foi bastante complicada, correndo-se o risco de danificar as peças, pelo que se optou pela destruição do suporte (moldura). Com a ajuda de chaves de fendas, utilizadas como alavancas, foram removidos os pregos que prendiam as costas da moldura. Após esta operação, foram removidos um a um os relevos. De seguida foram todos fotografados para introduzir na base de dados, analisando o seu estado de conservação, e posteriormente embalados.

Os doze baixos-relevos foram entretanto alvo de uma intervenção de conservação e restauro, enquadrada no protocolo que o Município de Portalegre tem com o Instituto Politécnico de Tomar<sup>196</sup>.

O estudo e o tratamento foram levados a efeito nos laboratórios de conservação e restauro da Escola referida anteriormente, no âmbito de uma tese de mestrado. Uma vez que a tese e o relatório de tratamento ainda não chegaram ao Museu, não é possível referir com exactidão os tratamentos efectuados e as opções técnicas que o conservador perfilhou. Desse modo, foi feita somente uma leitura do que conseguimos observar e do que nos parecem terem sido as soluções adotadas.

Do meu ponto de vista, o *modus operandi* passou pela limpeza superficial e remoção do verniz amarelecido de todas as peças, remoção dos “gatos” (*Lamentação sobre Cristo Morto e Última Ceia*), preenchimento das lacunas volumétricas da moldura, preenchimento das lacunas de preparação na moldura, reintegração pictórica da moldura através da técnica do *tratteggio* e das fendas da colagem da peça através da técnica mimética e aplicação da camada de protecção em todas as peças. No caso das intervenções anteriores, somente se removeram os “gatos” e os adesivos que já tinham perdido as propriedades, as restantes estavam estáveis e não foram intervencionadas.

A utilização do *tratteggio* permitiu restituir a legibilidade global das peças, ao mesmo tempo que deixou bem marcada qual a área de intervenção, ou seja foi detetada a curta distância e não à distância de observação. Nas peças *Última Ceia* e *Cristo Crucificado* houve a necessidade de se fazer preenchimentos volumétricos na composição, e optou-se pela reintegração cromática em tons semelhantes aos envolventes. No entanto, na peça *Lamentação sobre Cristo Morto*, devido ao facto do preenchimento na zona das figuras ter sido de grandes dimensões, foi utilizada como técnica de reintegração o *tratteggio*.

<sup>194</sup>ROVISCO, António e MOURÃO Carlos; “O Roteiro de Portalegre – O Museu Municipal.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 81, n.º 4915 de 10-04-1965, p.6.

<sup>195</sup> Anexo I.I - Fotografias do Museu Municipal de Portalegre. Foto 101.

<sup>196</sup> Anexo III.II – Fichas de Verificação Baixos-relevos.

As lacunas volumétricas (*Cristo Corado de Espinhos* e *O Beijo de Judas*) e cromáticas que existem nos elementos anatómicos e figurativos dos baixos-relevos não foram reconstituídos nem reintegrados pois não estava em causa a estabilidade das peças. Optou-se a meu ver, por realizar um tratamento mínimo que pudesse conferir de novo a leitura a todo o conjunto.

Em última análise, recomendamos a elaboração de um plano de trabalho para a conservação de todo o acervo.

#### 4- Unidades Museológicas de Portalegre e a Rede de Património de Portalegre

##### 4.1 - Casa Museu José Régio de Portalegre

José Régio<sup>197</sup> chegou a Portalegre em outubro de 1929, para lecionar no Liceu Mousinho da Silveira e instalou-se no anexo da Pensão 21.

José Régio ficou conotado como um dos maiores rostos da cultura portuguesa devido à sua obra literária, no entanto foi também um dos primeiros colecionador de arte popular em Portugal.

Em finais dos anos cinquenta do século XX, surgiu a ideia de transformar a casa onde habitara José Régio num Museu. O poeta pretendia que a coleção que foi adquirindo ao longo da vida ficasse na região onde foi recolhida e à qual pertencia.

De início, a Câmara Municipal de Portalegre não se mostrava interessada em comprar a coleção pois achava que o poeta acabaria por a oferecer. Em 1964, toma posse um novo executivo camarário e a questão ganha outros contornos, quando se fez saber na cidade que a Câmara Municipal de Vila do Conde a pretende adquirir.

Numa carta dirigida ao amigo Jorge Sena, datada de 21 de abril de 1964, José Régio contava-lhe que: “atravesso uma fase da vida ocupadíssima: a Câmara de Portalegre pretende adquirir a propriedade (a mim o usufruto) da casa que tenho ocupado só uma parte. Começaram obras na parte restante que eu terei de dirigir, assim como de a preencher com coisas da minha coleção guardadas em mais dois prédios que também já aqui aluguei. Tenho três prédios alugados em Portalegre!”<sup>198</sup>

Na sessão de Câmara de 12 de maio de 1964 o executivo decidiu “adquirir o prédio e o recheio desta casa Museu, que tanto valoriza a cidade de Portalegre”<sup>199</sup>. Para fechar o negócio são nomeados o Presidente da Câmara Manuel da Silva Mendes e o vice-presidente Francisco Fino amigo do Poeta. A compra teve ainda o apoio do Engenheiro Macedo Santos, Director Geral dos Serviços de Urbanização do Ministério das Obras Públicas, que após uma visita à cidade escreveu um ofício a incentivar a aquisição:

“o valioso recheio da residência do grande poeta, no seu valor artístico e espiritual constituirá um notável elemento de interesse para a cidade, pelo que urge concluir todas as fases preliminares da instalação do Novo Museu Municipal. Dentro das possibilidades das dotações, essa Ex.<sup>a</sup> Câmara poderá contar com a ajuda da comparticipação do Estado e até com a assistência destes Serviços para a adaptação do edifício.”<sup>200</sup>

Em sessão camarária de 23 de junho o Presidente de Câmara, Manuel Silva Mendes, na presença de Francisco Fino, de Sampaio Soares, do Governador Civil do Distrito, Tovar

<sup>197</sup> Ver Anexo IV - Textos Complementares – IV.II – José Régio o Poeta Colecionador.

<sup>198</sup>NOVAIS, Isabel Cadete - *José Régio itinerário fotográfico*. Coleção Presenças de Imagem; Imprensa Nacional Casa da Moeda; Câmara Municipal de Vila do Conde; 2002,p 220.

<sup>199</sup>VENTURA, António – “A Casa Velha, Tosca e Bela.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.18.

<sup>200</sup>Idem, p.18

Faro, do Presidente da Junta Distrital, Armando Sampaio, de Themudo de Castro, engenheiro da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, do poeta José Régio e de várias individualidades, fez saber que o negócio tinha sido efetuado. Após a sessão todos os presentes deslocaram-se à Casa de José Régio para “uma visita orientada pelo próprio”<sup>201</sup> poeta.

Assim, as obras que José Régio colecionou ao longo dos anos deram origem a duas Casas Museu, a de Portalegre e a de Vila do Conde<sup>202</sup> instalada na Rua Santo Amaro, casa onde o Poeta nasceu e que lhe foi deixada pela sua tia e madrinha Maria Libânia da Conceição.

Ao vender a coleção que deixou em Portalegre ficou com um maior desafogo financeiro continuando a comprar peças que de seguida eram “distribuídas pelos seus acervos de Portalegre e de Vila do Conde. À casa de Portalegre acrescentou, para completar certas séries, um bom número de peças não incluídas no Inventário.”<sup>203</sup>

A compra do espólio de José Régio previu diversas cláusulas. O Município comprometeu-se a adquirir o imóvel onde o poeta viveu, a realizar obras de manutenção sobre a sua orientação e permitiu o usufruto da casa até à sua morte. Por seu lado, José Régio comprometeu-se a entregar um inventário manuscrito das peças. A 15 de dezembro de 1964 José Régio entregou 106 páginas manuscritas que eram mais uma relação de peças que ia encontrando em cada sala do que uma descrição. As últimas linhas do inventário são disso mesmo exemplo:

“Deixei-me redigir este Inventário o mais espontâneo e familiarmente possível, até o mais ingenuamente. Não me apurei no estilo, e as breves indicações sobre as peças inventariadas são muitas vezes, incertas. É, todavia, completo como Inventário, à data presente. Outras peças entrarão no conjunto, desde que possa ser este distribuído por todo o prédio de que não ocupo actualmente senão uma parte. Então poderá ser organizado um catálogo para o qual poderá este primeiro esboço fornecer alguns dados.”<sup>204</sup>

No entanto da compra não faziam parte “todas as obras modernas - pintura -, livros, e o seu espólio”<sup>205</sup> documental.

Após a aposentação, José Régio foi viver para Vila do Conde vindo só esporadicamente a Portalegre.

---

<sup>201</sup>Idem, p.20.

<sup>202</sup>A Casa Museu José Régio de Vila do Conde foi inaugurada no dia 17 de setembro de 1975.

<sup>203</sup>GONÇALVES, Flávio – “Uma carta inédita de José Régio.” in VENTURA, António (coord) - *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre, número especial*. Lisboa: Edições Colibri, 1984, p.94.

<sup>204</sup>RÉGIO, José – “Inventário do recheio da casa por mim ocupada na Boavista, nº22, conforme a sua disposição à data presente.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.180.

<sup>205</sup>VENTURA, António – “A Casa Velha, Tosca e Bela.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular* Setúbal: Cordelito, 2001, p.20.

A escritura de compra e venda foi lavrada a 13 de agosto de 1964 e, um mês depois, a Câmara Municipal de Portalegre adquiriu o “recheio da casa, pela importância de 1.190.000\$00”<sup>206</sup>, sendo o imóvel adquirido a 30 de março de 1967 por “48.00\$00”<sup>207</sup>. Em 19 de maio de 1966 ainda a Casa Museu não tinha aberto e já recebia a visita do Presidente da República, Américo Tomas.

José Régio tinha uma grande ligação ao povo e a consciência de que as peças que colecionou faziam parte do “património cultural da comunidade”<sup>208</sup> levaram-no a permitir a visita a qualquer pessoa, antes mesmo de instituída a Casa-Museu.

Numa carta que o Poeta endereçou ao Presidente de Câmara, datada de 8 de junho de 1967, podemos perceber que tinha ideias bem claras de como queria que a Casa Museu ficasse. Uma das obras que José Régio achava prioritárias era a criação de umas instalações sanitárias para os visitantes no 1º andar. Quanto às restantes divisões, deixou expresso que “seja conservado e defendido tanto quanto possível, o seu aspecto primitivo”<sup>209</sup> na sala do rés do chão onde funcionou a cavaleriça diz que “sonhei sempre instalar a minha coleção de Cristos.”<sup>210</sup> Fez ainda notar que a maioria da coleção de Cristos “seria, na sua maioria, oferecida por mim à Câmara ou a cidade de Portalegre, visto que particularmente me pertence na sua maioria.”<sup>211</sup> José Régio fazia assim pressão para que nesta divisão não ficasse instalada a Biblioteca da Fundação Caluoste Gulbenkian. José Régio “escolheu a tijoleira para pavimentar a casa e determinou que os arranjos exteriores tivessem o aspeto que ainda hoje possuem, com as rochas que lhe faziam lembrar a espuma das ondas do mar da sua terra natal.”<sup>212</sup>

José Régio começou a arrumar a coleção no que viria a ser a sua Casa Museu e a orientar as obras de recuperação no imóvel. Contudo, a sua morte inesperada não permitiu que concluísse estas duas importantes tarefas. Em sessão camarária de 23 de março de 1970 o professor João Tavares e Júlio Maria dos Reis Pereira foram convidados a “colaborar na organização da futura Casa-Museu.”<sup>213</sup>

No dia 23 de maio de 1971, foi inaugurada a Casa Museu José Régio de Portalegre com a presença do Presidente do Concelho, Marcelo Caetano, o Presidente da Câmara, Manuel Silva Mendes, o vice-presidente Francisco Fino bem como diversas entidades civis, militares e eclesiásticas da região assim como a família do poeta.

---

<sup>206</sup>“Relatório da Câmara Municipal de Portalegre - Casa do Poeta José Régio.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 90, n.º 5268 de 11-3-1972, p.6.

<sup>207</sup>Ibidem.

<sup>208</sup>MARQUES, João; “José Régio e a paixão das antiguidades- a sensibilidade de um artista e de um místico.” in *Boletim Centro de Estudos Regionais* nº 6-7. Câmara Municipal de Vila do Conde, 2000, p.46

<sup>209</sup>VENTURA, António – “A Casa Velha, Tosca e Bela.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.25.

<sup>210</sup>Ibidem.

<sup>211</sup>Ibidem.

<sup>212</sup>Ibidem, p.26.

<sup>213</sup>Ibidem.

A CMJR é tutelada pela Câmara Municipal de Portalegre.

O edifício da casa onde viveu José Régio, e que hoje é a sua Casa Museu, está datada dos finais do séc. XVII, foi um anexo do convento de S. Brás, depois quartel das tropas do general Jorge Avillez, aquando das guerras peninsulares e, anos mais tarde, anexo da Pensão 21.

A Casa Museu<sup>214</sup> tem dois andares que estão divididos em quinze salas, duas cozinhas e duas instalações sanitárias. A cavaliariça e a oficina de ferreiro que nunca foram ocupadas pelo poeta entraram também no negócio de compra da casa e fazem parte das divisões atuais. Assim, a oficina foi transformada em sala de acolhimento dos visitantes e a cavaliariça em sala dos Cristos por vontade expressa do poeta.

As divisões mais utilizadas por José Régio em vida mantiveram-se inalterados até aos nossos dias, são eles o quarto, a cozinha dos “bons cheiros”, o salão nobre, a sala de leitura e a sala de trabalho.

Na biblioteca ficou uma ínfima parte do acervo literário, a restante encontra-se na Casa Museu José Régio de Vila do Conde.

A Casa Museu José Régio de Portalegre<sup>215</sup> é um espaço onde para além das peças contatamos com o quotidiano do poeta. Como em qualquer outra casa museu os objectos encontram-se dispostos sobre os móveis.

A coleção de José Régio que pode ser vista em Portalegre está inserida em diversas categorias: arte sacra (Cristos, Santos António, Nossa Senhora da Piedade, da Conceição, da Assunção, Santa Bárbara, S. José com o Menino, registos); faiança (Coimbra, Estremoz, Lisboa, Talavera de la Reina); metais (cobres – braseiras, tachos, caldeiras, chocolateiras; ferros – suportes de espetos, espetos, suportes de ferro, candeias, fateixas; estanhos – medidas, gomis, pichéis, pratos; bronze – coleção de almofarizes); mobiliário (arcazes, contadores, cómodas, bancos, cadeiras); arte pastoril (marcadores de pão e bolos, dedeiras, polvorinhos, córneas, colheres de pastor, tropeços); têxteis (linhos, chitas de Alcobaça, bordados de Castelo Branco).

A sua grande paixão foram os Cristos tendo mais de 400 quase todos em madeira e de cariz popular. Segundo Maria José Maças, os Cristos são muito populares no Alentejo pois “as noivas incluíam no seu enxoval um Cristo Crucificado, popular, feito por quem tinha um certo jeito”,<sup>216</sup> têm assim as mais variadas formas.

Como se pode ver esta coleção é bastante diversificada pois José Régio tinha preferências consoante as épocas da sua vida. Como o próprio diz:

---

<sup>214</sup> Anexo II.II – Plantas da Casa Museu José Régio.

<sup>215</sup> Anexo I.II – Fotografias da Casa Museu José Régio. Foto 106 a 111.

<sup>216</sup>PIRES, Maria José Maças; “Casa – Museu José Régio.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.33.

“mania dos pratos e dos cobre, dos estanhos e dos belos trabalhos de pastores, das candeias de folha e dos ferros forjados, das imagens de barro e das floridas “lâminas” de freiras, das cadeiras ou mesas rústicas e dos curiosíssimos Cristos Alentejanos [...] tudo, mais ou menos acabara por me interessar, pois em tudo que sai da mão do homem transparece um espírito.”<sup>217</sup>

Em suma e de uma maneira geral as peças que colecionou podem ser inseridas dentre da arte popular, são o símbolo de um povo dos seus usos e costumes. Entre as peças de arte sacra encontramos diversos barros de Portalegre feitos por autores anónimos, datadas desde o início de XVIII até à década de 70 do século XX.

Do recheio da Casa Museu apenas faz parte uma única foto de família, a da mãe do poeta e que pode ser apreciada na sala de visitas.

No que se refere ao inventário do acervo, até 2004 estava somente em papel a partir dessa data passou a estar informatizado, sendo o sistema escolhido a plataforma *In-arte*.

A Casa Museu José Régio tem uma política de empréstimo sendo a peça que mais é solicitada para exposições nacionais e internacionais a mesa de dobradiças do século XVI. Um dos empréstimos mais volumosos foi feito em junho de 1975 quando foi filmada a obra do Poeta “Benilde ou a Virgem Mãe”. Assim, em sessão camarária de 26 de junho deliberou-se “ceder a título de empréstimo à “Tobis Portugal”, várias peças de mobiliário e objetos fazendo parte do recheio da casa museu José Régio.”<sup>218</sup>

No dia 16 de março de 1989, a Casa Museu passou a contar com o Centro de Estudos José Régio que se assumiu como um centro bibliográfico. Para assinalar esse dia, o Centro “recebeu de Francisco Fino manuscritos inéditos de Régio que irão enriquecer o seu espólio”<sup>219</sup>. Quando da sua abertura ao público o centro era formado por uma sala para o funcionário, uma sala de consulta e outra de depósito. No entanto, em 2010 todo o acervo do Centro de Estudos, passou para as instalações da Biblioteca Municipal de Portalegre, onde pode ser consultada.

No que diz respeito aos diversos espaços da Casa Museu podemos referir a sala de acolhimento<sup>220</sup>, os serviços administrativos e a reserva. Esta última é no entanto somente uma pequena sala no primeiro andar, o que não é suficiente para todo o espólio tendo assim as peças restantes que estar guardadas dentro dos armários que se encontram no circuito expositivo. O museu não possui assim sala de exposições temporárias, sala para o serviço educativo nem salas técnicas.

<sup>217</sup>RÉGIO, José – “A Minha Casa de Portalegre. Como Principia uma coleção de Velharias.” in VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001, p.186.

<sup>218</sup>“Deliberação de Câmara de 26 de Junho.” in *O Distrito de Portalegre*, ano 95, n.º 5387 de 6-07-1975, p.2.

<sup>219</sup>“Na evocação a José Régio Centro de Estudos toma posse.” in *Fonte Nova*, Ano VI Nº221 de 23-3-1989, p.4.

<sup>220</sup>Até 2010 nesta sala funcionava também os serviços administrativos devido a questões de espaço. Com a passagem do Centro para a Biblioteca os serviços foram instalados no espaço deixado vago.

A Casa Museu não tem serviços educativos, no entanto desde 1994 tem atividades direcionadas aos diversos públicos. No início eram só destinadas às crianças passando mais tarde a abranger o público sénior. Estas atividades são feitas nas próprias salas de exposição, na sala de acolhimento dos visitantes ou no pátio interior.

No que se refere aos visitantes, a Casa Museu é muito visitada por escolas nos meses de abril e maio e, nos últimos anos, pelas universidades seniores durante todo o ano. As famílias visitam o museu nos meses de verão. Segundo a atual Diretora do Museu, Maria José Maças Pires, os habitantes locais trazem os amigos para visitar o museu, no entanto há portalegrenses que nunca aqui entraram. O museu não tem estudos de público, somente a contagem dos visitantes. Segundo a sua diretora, a Casa Museu tem cerca de “7 mil visitantes”<sup>221</sup> anuais. Em outubro de 2011, quando o museu fez quarenta anos, calculava-se que desde que abriu as portas ao público já havia sido visitado por “300 mil”<sup>222</sup> pessoas. Na sua maioria são visitantes nacionais muito devido à temática em causa. Quem conhece José Régio é “enquanto figura literária e não pela faceta de colecionador.”<sup>223</sup>

Como em muitas Casas Museu as visitas são sempre acompanhadas e os grupos têm no máximo 15 pessoas. A Casa Museu não está adaptada a público com necessidades especiais, pois a ligação entre os dois andares do edifício é feito por escadas. Também as instalações sanitárias são um constrangimento estando uma delas no primeiro andar mesmo no meio da exposição.

Atualmente também não disponibiliza aos visitantes nenhum folheto informativo.

Em termos de conservação, apresenta bastantes problemas, desde logo a proximidade que os visitantes têm com as peças expostas que leva por vezes a que estas sejam mesmo tocadas. Também os diferentes tipos de matérias-primas com que são formadas as peças contribuem para a sua degradação.

A Casa Museu José Régio teve que fechar as portas ao público, entre 28 de junho 2004 a 8 de julho de 2006 devido às obras que estavam a decorrer para a instalação do Centro de Artes e Espetáculos de Portalegre. As peças do espólio, após terem sido limpas por questões de segurança, tiveram que ser embaladas e transportadas para as divisões que ficavam mais afastadas das obras. Nessa altura foram “feitas obras de manutenção e conservação do edifício, arranjo do telhado, pinturas interiores e exteriores, arranjo de portas e janelas.”<sup>224</sup>

Ao longo dos anos, a Casa Museu tem tentado atrair novos públicos. Em 2011, por ocasião dos quarenta anos da Casa Museu, foram feitas diversas visitas temáticas e

---

<sup>221</sup> LOPES, Catarina – “40 anos de intensas actividades - 30 mil já visitaram a Casa-Museu José Régio.” in *Fonte Nova*, Ano XVI Nº 1844 de 11 de Outubro de 2011, p. 3.

<sup>222</sup> *Ibidem*.

<sup>223</sup> *Ibidem*.

<sup>224</sup> “2006 em Revista.” in *Fonte Nova*, Ano XXXIII, Nº1429 de 9-01- 2007, p.9.

organizaram-se ateliês. Segundo Maria José Maçãs, o museu pretende “divulgar e celebrar a obra de José Régio.”<sup>225</sup> Deste modo, durante os meses de maio, junho e julho, foram levadas a cabo as seguintes atividades: *mãos no barro*, *decorar um prato*, *dourar uma peça* e *histórias de um colecionador de antiguidades*. Todas elas foram realizadas por diversos voluntários. No entanto, o ponto alto foi o dia 23 de maio durante as festas da cidade quando as entradas foram gratuitas e foi oferecido um bolo. Esta estratégia revelou-se bastante positiva pois o número de visitantes aumentou consideravelmente, foi assim uma aposta ganha, uma boa publicidade.

Desde há alguns anos que se tem vindo a falar no alargamento da Casa Museu para que esta possa ser dotada das várias valências impossíveis de cumprir atualmente, nomeadamente sala para os serviços educativos, salas de exposições temporárias, serviços administrativos e sala de acolhimento dos visitantes.

Em 2009, no jornal *Fonte Nova*, a Diretora do Museu afirmava que “devido ao elevado número de peças que compõem o espólio do poeta”<sup>226</sup> “há muitas que não estão expostas por falta de espaço”<sup>227</sup> assim sendo “as obras de ampliação são uma necessidade, já há um projecto na Câmara Municipal para alargar o espaço”<sup>228</sup> e existem mesmo “três espaços contíguos que pertencem à autarquia”<sup>229</sup> que poderiam vir a servir para o alargamento do museu. Ainda segundo Maria José Maçãs, a ligação às novas instalações seria feita pelo pátio interior.

Também em julho de 2006, quando a Casa Museu reabre as portas o Vereador da Cultura José Polainas anuncia que espera que o “encerramento da Casa Museu para obras de requalificação possa acontecer brevemente.”<sup>230</sup>

José Régio, um dos nomes maiores da cultura portuguesa, ficara para sempre ligada a duas cidades Portalegre onde viveu longos anos e Vila do Conde<sup>231</sup> onde nasceu e às quais legou Casas Museu. As duas casas e as suas coleções refletem a personalidade do poeta nelas “perdura o espírito, a sensibilidade as vivências de José Régio [...] não vimos um Museu, mas uma “casa habitada” por um Homem, na dupla faceta de poeta e artista.”<sup>232</sup>

Em maio de 1971, no discurso de inauguração, o irmão do poeta, Júlio dos Reis Pereira, diz que “há tanto ainda para descobrir em José Régio”, ontem como hoje estas

---

<sup>225</sup> LOPES, Catarina – “40 anos de intensas actividades - 30 mil já visitaram a Casa-Museu José Régio.” in *Fonte Nova*, Ano XVI Nº 1844 de 11 de Outubro de 2011, p. 3.

<sup>226</sup> “Casa Museu José Régio centenas de obras aguardam novo espaço.” in *Fonte Nova*, Ano XXV, Nº1666 de 4-07-2009, p.6

<sup>227</sup> Ibidem.

<sup>228</sup> Ibidem.

<sup>229</sup> Ibidem.

<sup>230</sup> “Casa Museu José Régio de novo de portas abertas.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 123 nº 6974 de 13 Julho 2006, p.11.

<sup>231</sup> Desde 27 de junho de 1994 que as cidades de Portalegre e Vila do Conde se encontram germinadas para que em conjunto possam melhor preservar a memória da vida e da obra de José Régio.

<sup>232</sup> Associação de Defesa Patrimonial – Visita Guiada a casa Museu José Régio.” in *O Distrito de Portalegre*, ano 100, n.º 5919 de 22-03-1985, p.3.

palavras são o espelho do muito que ainda temos para aprender sobre este grande escritor e colecionador.

#### 4.2 - Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino

O Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino (MTP-GF) foi inaugurado a 14 de julho de 2001. Concretizou-se assim, o sonho do Homem que lhe deu nome e que desde os primeiros tempos lutou para que a tapeçaria de Portalegre fosse uma realidade. A criação do Museu era um sonho bastante antigo de Guy Fino, pois em 1969 quando a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre<sup>233</sup>, estava já a dar lucros ele dizia que “de acordo com os meus irmãos aplicamos inteiramente todas as verbas na aquisição de móveis antigos e na execução de tapeçarias que um dia virão a fazer parte do recheio do Museu juntamente com os cartões originais.”<sup>234</sup>

Na inauguração estiveram presentes o Presidente da República, Jorge Sampaio, o Presidente da Câmara Municipal de Portalegre, Amílcar Santos, o Ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, entidades civis, militares e eclesiásticas da região, as famílias Fino e Peixeiro, inúmeros artistas que fizeram cartões para tapeçarias e “mais de uma centena de convidados.”<sup>235</sup>

Os presentes na inauguração visitaram o novo Museu e de seguida no auditório teve lugar a sessão inaugural, nos diversos discursos foram lembrados os dois fundadores Guy Fino e Manuel Celestino Peixeiro. O Presidente da República afirmou que “este museu representa um valioso serviço à cidade e ao país e contribuirá para um ainda maior conhecimento de uma manufatura que tanto tem prestigiado a cultura Portuguesa”<sup>236</sup> e ainda que “ao percorrermos este museu apreciamos a extraordinária coleção apresentada e temos presente o trabalho das qualificadas tecedeiras que com perícia das suas mãos deram vida a este projecto.”<sup>237</sup> O Presidente de Câmara afirmou que para a concretização deste projeto tiveram o apoio “técnico e científico”<sup>238</sup> do Instituto Português de Museus. Por seu lado Mercedes Fino, viúva<sup>239</sup> de Guy Fino, disse que era um “grande desejo do meu falecido marido, ter um Museu das Tapeçarias, [...] ele ia coleccionando tudo para o Museu.”<sup>240</sup>

---

<sup>233</sup> Ver Anexo IV - Textos Complementares – IV.III – Manufatura da Tapeçaria de Portalegre.

<sup>234</sup> “Cinquentenário da Manufatura das Tapeçarias de Portalegre.” in *Fonte Nova*, Ano XII, nº579 de 20-06-1996, p.13.

<sup>235</sup> “O Presidente da República Inaugura o Museu de Tapeçaria.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 117, nº6731 de 20-07-2001, p.8.

<sup>236</sup> “Museu de tapeçaria de Portalegre a realização de um sonho.” in *Fonte Nova*, Ano XVII, nº885 de 18-06-2001, p.10.

<sup>237</sup> Ibidem

<sup>238</sup> “O Presidente da República Inaugura o Museu de Tapeçaria.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 117, nº6731 de 20-07-2001, p.8.

<sup>239</sup> Guy Fino faleceu a 13 de Setembro de 1997.

<sup>240</sup> “O Presidente da República Inaugura o Museu de Tapeçaria.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 117, nº6731 de 20-07-2001, p.8.

O MTP-GF está instalado no Palácio Caldeira e Castelo Branco, situado na Rua da Figueira, edifício barroco da “primeira metade do século XVIII”<sup>241</sup>. O único elemento arquitetónico que o distingue, pois ao longo dos anos sofreu grandes transformações, é o “portal, cujas ombreiras são constituídas por pilastras caneladas com capitéis que suportam um frontão de espaldar alto concheado, onde está esculpido num florão o escudo das armas dos Castelo Branco.”<sup>242</sup> Das inúmeras utilizações que o edifício teve podemos destacar “o clube Infante” e o “Club República.”<sup>243</sup> Este edifício foi adquirido em junho de 1991 quando a “Câmara compra solar para Museu da Tapeçaria.”<sup>244</sup>

O projeto de adaptação do edifício a museu é da autoria do arquiteto Fernando Sequeira Mendes responsável pelo Atelier Arquiespaços, ficando o custo do museu em mais de quatrocentos mil contos, no entanto foi “financiado a 75% pelo secretário de Estado da Administração Local.”<sup>245</sup>

O MTP-GF é considerado um museu de arte contemporânea, “especificamente dedicado à apresentação, conservação e estudo de uma parcela fundamental do património artístico nacional, [...] dá a conhecer a história da Tapeçaria de Portalegre, a única técnica de tapeçaria genuinamente portuguesa que se afirmou na primeira metade do século XX.”<sup>246</sup> Segundo o ex-presidente da Câmara Municipal de Portalegre, José de Fernando de Mata Cáceres, a visita ao Museu “permite conhecer a componente história e os processos técnicos de execução, bem como o envolvimento dos diferentes artistas e pintores e a evolução das obras.”<sup>247</sup>

Para a realização da exposição o Museu teve o apoio do Instituto Português de Museus e a colaboração da Manufatura de Tapeçaria de Portalegre.

Ao visitarmos o Museu podemos ver que a primeira preocupação ao escolher as peças a expor foi “uma componente técnica, onde se revisita a história da Manufatura tendo abarcado as várias idades do projecto e a forma como contribuiu para o florescimento da Tapeçaria Moderna em Portugal.”<sup>248</sup>

A exposição do MTP-GF está dividida em dois núcleos. No rés-do-chão temos “a componente histórica relativa à Manufatura de Tapeçaria de Portalegre bem como os

---

<sup>241</sup>KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre, Vol I*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes. 1943, p.135.

<sup>242</sup>Ibidem

<sup>243</sup>GARRAIO, Isilda - *O Centro Histórico da Cidade Portalegre*. Portalegre: Edições - Região de Turismo de S. Mamede/ Norte Alentejano, 2002, p.36.

<sup>244</sup>“O ano de 1991 em Revista.” in *Fonte Nova*, Ano VIII, nº358 de 2-1-1992, p. 10.

<sup>245</sup>Ibidem.

<sup>246</sup>PAIS, Ana Cristina – “*Apresentação do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.*” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.21.

<sup>247</sup>CÁCERES, José Fernando da Mata – “Tapeçarias em Portalegre.” in GASPAS, Diogo (coord) -*Nós na Arte – Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea*. Lisboa: Museu da Presidência da República, 2009, p.15.

<sup>248</sup>COSTA, Sandra Vaz e PAIS, Ana Cristina – “Roteiro do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.35.

processos técnicos de execução”<sup>249</sup> e também as “primeiras tapeçarias e cartões.”<sup>250</sup> Iniciamos assim a visita por este andar e podemos ver na sala 2 *A primeira Fabrica de Lanifícios de Portalegre*, sala 3 mini auditório onde se pode assistir a um pequeno filme e ver diversas fotos sobre a vida na cidade de Portalegre e a Manufatura, salas 4 e 5 *Manufatura da Tapeçarias de Portalegre* onde podemos ver uma tábua cronológica que vai dos anos de 1940 a 2001, os primeiros cartões e tapeçarias, *Diana* de João Tavares, *A Bela Aurora* de Júlio Pomar, *Alentejo* de Lima de Freitas, *O Pescador* de Maria Keil, as duas tapeçarias *Le coq Guerrier* de Jean Lurçat uma feita em Aubusson (França) a outra realizada nas tapeçarias de Portalegre, cartão, ampliação e tapeçaria *Le Roi Soleil* de Jean Lurçat; sala 6 e 7 *Escolha de Cores, desenho e ampliação*, 1150 carolos de lã, roca de fiar, dobadeira, meadeira, caldeira de tinturaria; ampliador e papel milimétrico, cartão de Manuela Cargaleiro intitulada *Grande Festa na Cidade Imaginária* e respectiva ampliação; sala 8 “Tecelagem” três tapeçarias, replicas dos murais que Almada Negreiros fez para a Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, painel com fotos da Manufatura da Tapeçaria de Portalegre. De seguida podemos ver a galeria de exposições temporárias ou continuar a visita ao primeiro andar.

No primeiro piso diversas tapeçarias e cartões que tentam seguir “tanto quanto possível, a cronologia da Tapeçaria de Portalegre, desde o nascimento [...] até à actualidade”<sup>251</sup>. A última sala desde andar “está reservada para novas peças, as mais recentes feitas pela tapeçaria.”<sup>252</sup> Deste modo no primeiro andar podemos ver por ordem cronológica obras de Manuel Lapa *História da Lã*, Renato Torres, *O Vento é Bom Bailador*, Jean Lurçat *Haut Tropiques*, Le Corbusier *Les Deus Musiciens*, Fred Kradolfer *Os Pinheiros*; Costa Pinheiro a série *Reis, Dona Inês de Castro, D. Pedro, D. João, Dona Leonor Teles, D. Duarte, D. Afonso Henriques, Dona Leonor Teles*; Rolando Sá Nogueira obra *sem Título*; Eduardo Nery, *Estrutura Ambígua*; Manuela Casimiro *Reflexos*; António Charrua *Uma Asa*; Guilherme Camarinhas *A Primavera*; Eugénio Granell *I Jardim de Las Estátuas*, Arpad Szenes *Manufatura*, Vieira da Silva *Biblioteca*; Lurdes de Castro *As quatro estações*; Menez, tríptico *Janela I, II e III*; sala dedicada a Eduardo Nery outra a José de Guimarães.

Desde 21 de junho de 2003 o Museu passou a ter mais um motivo de interesse o vídeo “*Portalegre entre a tradição e a vanguarda – O Nascimento da tapeçaria Moderna em Portugal* que fará parte da exposição (co-autoria: Ana Cristina Pais; Fernando Sequeira

<sup>249</sup>Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, s.d. (policopiado).

<sup>250</sup>COSTA, Sandra Vaz e PAIS, Ana Cristina – “Roteiro do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.33.

<sup>251</sup>Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, s.d. (policopiado).

<sup>252</sup>COSTA, Sandra Vaz e PAIS, Ana Cristina – “Roteiro do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino.” in BARBOSA, Maria Manuel Pinto et. al. - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre* Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005, p.33.

Mendes; António Ventura)<sup>253</sup> que pode ser visto num pequeno auditório logo na segunda sala do museu.

Na exposição podemos ver tapeçarias de artistas nacionais e estrangeiros como “João Tavares, Almada Negreiros, Guilherme Camarinha, Maria Keil, Júlio Pomar, Arpad Szenes, Vieira de Silva, Maria Velez, Costa Pinheiro, Sá Nogueira, Lurdes Castro, Eduardo Nery, Menez; Graça Morais, José Guimarães, Lurdes de Castro, Menezes, Jean Lurçat e Le Corbusier, além de muitos outros.”<sup>254</sup>

Uma das características que distinguem este Museu é o facto do programa museológico obedecer “à necessidade de circulação das obras. Daí que a colecção de tapeçarias não seja uma colecção permanente podendo o público encontrar sempre novos motivos de interesse em cada visita ao museu.”<sup>255</sup>

O MTP-GF é formado por salas de exposição de longa duração, galeria de exposições temporárias, auditório com capacidade para cem pessoas, salas técnicas, cafetaria, foyer e jardim. Estes últimos três são espaços abertos ao público que se adaptam facilmente a diversas atividades sejam elas de carácter lúdico ou cultura.

Os serviços educativos do Museu têm diversas atividades, muitas das quais se prendem com as várias exposições temporárias que ao longo dos anos organizaram.

Em 2007 os serviços educativos lançam o projeto “Vem ao Cinema – Descubra um Museu”, as sessões destinavam-se ao público infantil, a entrada era “grátis para crianças e os adultos pagavam um euro que dava direito ao Bilhete para visitar o museu durante um mês.”<sup>256</sup> Durante esse ano o número de participantes por sessão não ultrapassou as 80 pessoas “mas em 2008 os números aumentaram”<sup>257</sup>.

No ano de 2009, na tentativa diária de trazer novos públicos ao museu, foi realizado no dia do aniversário, uma programação destinada aos jovens assim foi “criada uma visita jogo, onde participaram 200 jovens, juntando a música aos jogos lúdicos”<sup>258</sup>, terminando com um espetáculo musical de rock e hip-hop.

São inúmeras as iniciativas para atrair novos públicos desde entradas gratuitas, a visitas guiadas em ocasiões especiais como aconteceu em 2008 quando do aniversário do museu “abertos também das 20:30 as 23:00horas e com duas visitas guiadas 1ª - 21h; 2ª - 22horas,”<sup>259</sup> ou até “beberete aberto ao público”<sup>260</sup>

No entanto uma das últimas iniciativas foi o projeto *Matinés de Ouro* que:

---

<sup>253</sup>“Próximo Sábado realiza-se no Museu da tapeçaria uma oferta da família Fino de cinco obras de vulto da sua colecção oferecidas ao abrigo da lei do mecenato cultural.” in *Fonte Nova*, Ano XVIII, n.º 1073 de 18-06-2003.

<sup>254</sup>Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, s.d. (policopiado).

<sup>255</sup>Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino (texto policopiado).

<sup>256</sup>“O Museu da tapeçaria nem grátis se consegue convencer a população.” in *Fonte Nova*, Ano XXIV n.º 1558 de 31-05-2008.

<sup>257</sup>Ibidem.

<sup>258</sup>“Um aniversário especial.” in *Fonte Nova*, Ano XXV, nº1670 de 18-07-2009, p. 4.

<sup>259</sup>“Cores e Sons no Museu da Tapeçaria.” in *Fonte Nova*, Ano XXIV, nº1566 de 28-06-2008, p.6.

<sup>260</sup>Ibidem.

“visa tornar o Museu num espaço cultural mais apetecível, quebrando as barreiras e preconceitos que muitas pessoas têm em relação a um espaço museológico. É importante tentar a aproximação do Museu às pessoas, fazer com que este deixe de ser um espaço imutável, para passar a ser uma entidade pluridisciplinar de todos e para todos, especificamente para o público sénior.”<sup>261</sup>

Uma vez por mês é assim passado um filme português no auditório do Museu.

Uma das atividades do serviço educativo que podemos destacar foi realizado em 2009 com a exposição de Anabela Afonso “Imaginar criar e colorir” da qual contaram com diversas atividades para as crianças da “pré-escola e 1º ciclo”<sup>262</sup>, no entanto “arrancou com a participação de um grupo de crianças com necessidade especiais”.<sup>263</sup>

Ao longo dos anos muitas foram as exposições temporárias que estiveram patentes no Museu. Na inauguração do Museu “na galeria de exposições temporárias podíamos ver uma mostra de cartões de tapeçarias da autoria de Guilherme Camarinha.”<sup>264</sup>

Em junho de 2003 esteve patente uma exposição de escultura “Voara variações sobre uma asa” de Maria Leal da Costa.<sup>265</sup> Em Outubro desse mesmo ano uma exposição de escultura de Isabel e Rodrigo Cabral.

Integrada nas festas da Cidade de 2004, o Museu teve patente uma exposição sobre “O surrealismo na Coleção da Fundação Cupertino de Miranda”<sup>266</sup>

Em 2005 uma exposição de pintura “Shapshot” de João Chicharro, nesse mesmo ano esteve também patente a exposição de pintura “Cores Tecidas” de Margarida Lagarto.

No ano de 2010 o museu teve exposta duas exposições, em Março cartões e tapeçarias de Cruzeiro Seixas<sup>267</sup> e em Julho quando do aniversário do museu uma exposição de Tapeçaria Contemporânea<sup>268</sup> de 21 Jovens alunos e ex-alunos da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

A exposição “ArteLAB – mostra colectiva de tapeçaria contemporânea”<sup>269</sup> com trabalhos dos alunos das Belas Artes esteve patente em julho de 2011.

O acervo do Museu é bastante reduzido, as peças que se encontram expostas estão na sua maioria em depósito, pois pertencem à Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e a

---

<sup>261</sup>BRANCO Manuela Lã, - “Museu da Tapeçaria Guy Fino comemora 10 anos com ArteLab.” in *Fonte Nova*, Ano XXVII nº1835 de 26-07-2011, p.10

<sup>262</sup>“Museu da Tapeçaria - Crianças exploram “Imaginaram criar e colorir”.” in *Fonte Nova*, Ano XXV, nº1694 de 24-10-2009, p. 6.

<sup>263</sup>Ibidem.

<sup>264</sup>“O Presidente da República Inaugura o Museu de Tapeçaria.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 117, nº6731 de 20-07-2001, p.8.

<sup>265</sup>“Próximo Sábado realiza-se no Museu da tapeçaria uma oferta da família Fino de cinco obras de vulto da sua coleção oferecidas ao abrigo da lei do mecenato cultural.” in *Fonte Nova*, Ano XVIII, n.º 1073 de 18-06-2003.

<sup>266</sup>*Fonte Nova*, Ano XX, nº1165 de 22-05-2004.

<sup>267</sup>“Museu da Tapeçaria Guy dá a conhecer a obra de Cruzeiro Seixas.” in *O Distrito de Portalegre*, Ano 127, N.º 7148 de 4-03-2010, p.6.

<sup>268</sup>“O Museu da Tapeçaria comemora 9 anos.” in *Fonte Nova*, Ano XXVI, n.º 1765 de 6 -07-2010, p.6.

<sup>269</sup>BRANCO Manuela Lã, - “Museu da Tapeçaria Guy Fino comemora 10 anos com ArteLab.” in *Fonte Nova*, Ano XXVII, nº1835 de 26-07-2011, p.10.

outras empresas e instituições como é o caso da Caixa Geral de Depósitos e a Fundação Calouste Gulbenkian. Até à presente data as peças que o Museu possui foram doadas. Em junho de 2003 o Museu recebeu uma significativa doação por parte da família Fino,<sup>270</sup> *O Beijo de Malangatana* (doada por Francisco Fino), *Diana* de João Tavares (doada por Gertrudes Fino), *Espaço Ambíguo* de Eduardo Nery (doada por Manuel Fino), *Le Roi Soleil* de Jean Louçart (tecelagem de 2001 e doada pela Manufatura de Tapeçaria de Portalegre). Também em maio de 2004 foram doadas três peças, duas delas oferecidas por Mercedes Fino feitas a partir do cartão de Jean Lurçat a que foi tecida em França e a que a Manufatura realizou e que confundiu o artista, a terceira foi “Arrufo” de Júlio Pomar, oferecida pelo mecenas Millennium BCP<sup>271</sup>.

Apesar de recente este museu já foi sujeito a obras, as primeiras das quais aconteceram logo em 2003 quando o museu esteve fechado durante três meses para “correção nos pavimentos e reparação da Galeria de Exposições Temporárias”<sup>272</sup> durante esse período também se renovou “a exposição permanente.”<sup>273</sup>

No que se refere ao público em julho de 2010 o museu já havia sido visitado desde a sua abertura por “68.559 pessoas, sendo 57.945 portugueses”.<sup>274</sup>

Em julho de 2011 quando o Museu fez 10 anos a sua diretora a Dra. Paula Fernandes afirmava que os “80 mil visitantes, exposições variadas e uma mostra permanente de Tapeçarias de Portalegre comprova a qualidade e a actividade desenvolvida,”<sup>275</sup> e que havia “novos projectos em que estamos a trabalhar e que englobam conferências, pós-graduações e mestrado em Tapeçaria.”<sup>276</sup>

As visitas a este espaço podem ser livres ou guiadas mediante marcação prévia para grupos grandes ou solicitadas na recepção nos restantes casos.

No que diz respeito às condições de acesso o museu pode ser visitado por pessoas com mobilidade reduzida pois está dotado de uma plataforma elevador de escada.

A luz existente nas salas de exposição é artificial e feita através de lâmpadas reguláveis suspensas de calhas, as janelas estão assim fechadas com portadas interiores, no entanto na sala de exposições temporárias e nas zonas de acesso a luz é ao mesmo tempo natural e artificial. A nível ambiental tem somente radiadores nas paredes, o que por si só não garante uma temperatura constante nas salas, sendo mesmo a sala de exposição temporárias bastante húmida por se encontrar adossada à antiga muralha medieval.

---

<sup>270</sup>“Família Fino oferece quatro tapeçarias ao Museu de Portalegre.” in *Fonte Nova*, Ano XVIII, n.º 1075 de 25-06-2003, p.4.

<sup>271</sup>“Mecenas Oferecem Tapeçarias ao Museu.” in *Fonte Nova*, Ano XX, nº1166 de 26-05-2004, p.11.

<sup>272</sup>“O Museu da Tapeçaria encerrado para obras.” in *Fonte Nova*, Ano XVIII, nº 1038 de 15-02-2003, p.3.

<sup>273</sup>Ibidem.

<sup>274</sup>“O Museu de Tapeçaria – Guy Fino é o ex-libris da Cidade.” in *Fonte Nova*, Ano XXVI, n.º 1767 de 24-07-2010, p.5.

<sup>275</sup>BRANCO Manuela Lã, - “Museu da Tapeçaria Guy Fino comemora 10 anos com ArteLab.” in *Fonte Nova*, Ano XXVII nº1835 de 26-07-2011, p.10.

<sup>276</sup>Ibidem.

A nível de segurança tem alarme contra incêndios, extintores em todas as salas, bem como alarme anti roubo.

Devido às características da coleção, as peças estão suspensas da parede, ao passo que os objectos tridimensionais estão expostos em expositores de madeira. Todas as peças estão legendadas e existem textos explicativos nas diferentes salas, o museu tem diversas publicações de exposições temporárias e um catálogo da exposição.

Desde a sua abertura e até outubro de 2011 que o MTP-GF foi gerido pela Câmara Municipal de Portalegre, a partir do dia 4 desse mês através de um protocolo de colaboração assinado por esta autarquia e a Manufatura de Tapeçaria de Portalegre Unipessoal, lda a gestão museológica, museográfica e atividade de extensão cultural passou para as mãos desta última.

O protocolo teve como objetivo a:

“valorização da Tapeçaria de Portalegre e com ela aumentar a visibilidade do Museu da Tapeçarias de Portalegre – Guy Fino, otimizando recursos e potenciando os meios disponíveis:

a) Rentabilizar o equipamento instalado no palácio Castelo Branco, edifício Barroco no centro histórico da cidade alentejana, que para além da dignidade do espaço é um repositório histórico de memórias sempre vivas de uma empresa, de uma actividade e de um produto cultural hoje reconhecido nacional e internacional;

b) Aproveitar as relações pessoais e profissionais estabelecidas ao longo de muitos anos entre a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e os artistas contemporâneos;

c) Aproveitar as relações institucionais criadas entre a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e inúmeras instituições públicas e privadas detentoras de um importante acervo de tapeçarias e arte contemporânea;

d) Aumentar a visibilidade do Museu da tapeçaria de Portalegre- Guy Fino junto dos seus congéneres, nomeadamente os de arte contemporânea, assumindo um papel de relevo na valorização do seu património;

e) Aumentar a visibilidade do Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino na rota do turismo cultural no Norte Alentejano, atraindo novos públicos.”<sup>277</sup>

A partir desse dia o Município de Portalegre ficou obrigado à manutenção e bom estado de conservação do edifício do Museu e do espaço envolvente, ao pagamento de salários aos técnicos afectos ao Museu, manutenção dos contratos anteriores que permitem o funcionamento das instalações nomeadamente, eletricidade, água, telefone, internet. Por seu lado a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre passou a ser responsável pela gestão museológica e museográfica, a programação e conseqüentemente toda a atividade de

---

<sup>277</sup>“Protocolo de colaboração entre o Município de Portalegre e a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, Lda para a gestão museológica, museográfica e actividade de extensão cultural do Museu Tapeçarias de Portalegre – Guy Fino.” in [http://www.cm-portalegre.pt/resources/8162/protocolo\\_CMP\\_MGF.pdf](http://www.cm-portalegre.pt/resources/8162/protocolo_CMP_MGF.pdf) [consultado em 14 de Julho 2012]

extensão cultural; apresentar ao Município a programação anual, obtenção de verbas para realizar dos projetos culturais, criar estratégias de comunicação com o público, estabelecer parcerias de colaboração com diversas entidades tendo em vista o concretizar dos objetivos, gestão de todo o espaço do Museu e criação de uma linha de merchandising.

Em última análise, podemos dizer que o MTP-GF é um Museu de arte contemporânea que está sempre em crescimento, pois as suas tapeçarias acompanham os movimentos artísticos contemporâneos. Estamos perante uma forma de arte única em todo o mundo, uma técnica genuinamente portuguesa.

#### 4.3 - Fundação Robinson

A Fundação Robinson (FR) é uma das muitas no país que atravessa um período de grande instabilidade e incerteza devido ao censo dirigido às fundações, nacionais ou estrangeiras, que prossigam os seus fins em território nacional, realizado pela Inspeção-geral das Finanças. A avaliação a esse censo foi conhecida a 2 de agosto de 2012, estando a FR entre as que podem vir a ser extintas. No entanto o seu futuro ainda é incerto pois foi pedida uma nova avaliação e a decisão final está prevista para 15 de setembro. Por outro lado, a Câmara Municipal de Portalegre (CMP) pode vir a viabilizar a Fundação, ficando neste caso com toda a responsabilidade financeira, pois o Estado pode retirar todos os apoios públicos.

Não sabemos de momento, se o projeto que, desde 2005, tem tentado ser uma âncora para o desenvolvimento da cidade se vai manter e se os projetos que ainda estão por concretizar vão alguma vez chegar a ser concluídos. Assim, escrevemos este texto sem ter muitas certezas se de futuro poderemos falar do Espaço Robinson como o grande centro cultural e sem saber muito bem o que vai acontecer ao património que tem à sua guarda. Mas não podíamos deixar de nos referir a ele, pela intervenção que tem tido dentro dos outros espaços culturais referidos e pelo muito que já modificou o rosto da cidade.

A ideia de criar uma Fundação surgiu em 2000 quando a *Sociedade Corticeira Robinson Bros S.A.* tomou consciência do “potencial de memória histórica local, propriedade da Fábrica ou ali depositado”<sup>278</sup> e na importância da salvaguarda desse património. A CMP desde logo que apoia o projeto, a fim de “impedir a degradação do espaço urbano.”<sup>279</sup> Como na altura a empresa atravessava algumas dificuldades económicas, a CMP propôs a sua deslocação para a zona industrial da cidade.

---

<sup>278</sup>CARRILHO, Alexandra – “Estatutos, actividades e factos relevantes da constituição e funcionamento da Fundação Robinson” in GOUVEIA, António Camões - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*; Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.44.

<sup>279</sup>ROMÃO, Laura Portugal - *Colecção Sequeira – Do Armazém há reserva*. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009 Projecto final de Licenciatura.

A FR surgiu assim “por escritura Pública celebrada a 12 de Agosto de 2003. Eram instituidores a Sociedade Corticeira Robinson Bros, S.A., a Região de Turismo de S. Mamede, o Instituto Politécnico de Portalegre e a Câmara Municipal de Portalegre.”<sup>280</sup>

No entanto, por questões legais que se prendiam com o facto de não terem autonomia financeira, o Instituto Politécnico de Portalegre e a Região de Turismo de S. Mamede não podiam fazer parte. Ficando somente representados no concelho de curadores.

Por fim, no dia 11 de janeiro de 2005, mediante “Despacho do Ministério da Administração Interna, foi reconhecida a Fundação Robinson. Este reconhecimento foi publicado no Diário da Republica – II Série, no dia 31 de Janeiro de 2005 - Portaria 166.”<sup>281</sup>

Desde novembro de 2006 que a FR foi admitida como membro do Centro Português de Fundações. Em janeiro de 2009 requereu o estatuto de utilidade pública, mas sem ainda lograr obtê-lo.

Segundo os estatutos da FR, esta tem “por fim a prossecução de ações de ordem cultural, educativa, social e da ciência, podendo também atuar nas áreas do desporto e da filantropia.”<sup>282</sup> Tendo como “fim específico a preservação de espólios: a) do arqueológico-industrial da Sociedade Corticeira Robinson Bros S.A.; b) de qualquer outro espólio cuja preservação lhe seja confiada.”<sup>283</sup>

A FR tem como missão o desenvolvimento de um

“projecto integrado para criação de uma rede que visa potenciar a área da cultura enquanto factor de desenvolvimento de um concelho que se caracteriza pela existência de património edificado e património móvel de especial valia histórica e artística. Aqui, o turismo e o património edificado assumem uma dimensão cultural mais ampla, incorporando, para além do artístico o imaterial.”<sup>284</sup>

Com a transferência da fábrica para a zona industrial, era urgente pensar num projeto que pudesse ocupar os 7 hectares que ficaram desocupados em pleno centro da cidade. Em 2006 foi aberto um concurso público para a recuperação e adaptação dos 7 hectares, o projeto *Elaboração de ordenamento e requalificação da Robinson, em Portalegre e dos projectos de edifícios a recuperar ou a construir*, o qual foi ganho pelo gabinete do Arquiteto Eduardo Souto Moura.<sup>285</sup>

---

<sup>280</sup>CARRILHO, Alexandra – “Estatutos, actividades e factos relevantes da constituição e funcionamento da Fundação Robinson.” in GOUVEIA, António Camões - Publicações da Fundação Robinson nº 0. *Para a História da Fundação*; Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.47.

<sup>281</sup>Idem, p.50.

<sup>282</sup>Segundo a alínea 1 do Artigo 2º da portaria 166 de 31 de janeiro, do Diário da Republica II Série.

<sup>283</sup>Segundo a alínea 2 do Artigo 2º da portaria 166 de 31 de janeiro, do Diário da Republica II Série.

<sup>284</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,5,14,14.aspx> [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>285</sup>O projeto do Arquiteto Souto Moura foi alvo do reconhecimento internacional ao receber uma menção honrosa nos prémios Philippe Rothier European Prize for Architecture. Integrando assim a exposição que esteve patente no Museu de Arquitectura La Loge, em Bruxelas de 18 de outubro a 20 de novembro 2011.

Desde o início foi solicitado ao arquiteto que respeitasse ao máximo a maquinaria existente em cada espaço e que os elementos novos teriam de se enquadrar em todo o conjunto.

Assim, neste projeto, surgem dois edifícios novos, a Escola de Hotelaria e Turismo e o Auditório A. Este auditório também é conhecido como *A Máquina*, pois para a sua construção, o arquiteto inspirou-se num dos filtros que existia na fábrica e que infelizmente já foi desmantelado, para além disso o seu revestimento exterior é todo metálico.

Neste projeto de recuperação, a Fundação “propõe redefinir as funções dos diversos edifícios,”<sup>286</sup> assim está previsto que no futuro o Espaço Robinson possa ter para além do Museu Robinson, a reserva municipal, uma oficina de conservação e restauro, uma área de restauração, livraria especializada na área das artes, salas de exposição temporária, arquivos, auditórios, gabinetes de trabalho, sede de várias associações locais e de escolas de cultura. Bem como um International Center for Technology in Virtual Reality e um estacionamento.

Como se trata de uma área tão grande, que é necessário requalificar, houve a necessidade de recorrer a apoios comunitários e como tal nem todo o projeto está concluído ou, infelizmente, em vias de poder ser concluído em breve.

Assim sendo, atualmente estão terminados a Escola de Hotelaria e Turismo<sup>287</sup>, os Auditórios A e B, o International Center for Technology in Virtual Reality e o estacionamento, onde ainda podemos ver uma das máquinas para triturar a cortiça, que é o exemplo de como os novos habitantes da Robinson se têm de adaptar à maquinaria existente no local, pois está previsto que a maioria seja recuperada e mantida no local de origem.

Está também previsto a criação de “uma área de lazer que agrega, de forma integrada, as áreas cultural, tecnológica, associativa, educacional, urbanística, paisagística e ecológica.”<sup>288</sup> Por último quando todo o espaço estiver recuperado e ocupado pretende-se criar um “passeio urbano” que ligue o Largo do Jardim do Operário à Rua Olinda Sardinha nas traseiras da fábrica.

O Museu Robinson deverá ficar instalado em parte do edifício fronteiro, no entanto o museu não deixará de ser todo o espaço ocupado pela antiga fábrica.

O espólio que pode ser visto no futuro Museu Robinson pode categorizar-se na arqueologia industrial. Estas peças estão espalhadas por todo o espaço, e deverão ficar *in-situ*, tendo os novos habitantes de conviver com elas.

No edifício principal podemos ver diversas peças, mas as mais emblemáticas são sobretudo 3 Caldeiras a Vapor Babcock & Wilcox (1905, 1924,1934) e a linha de 12

---

<sup>286</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,5,17,17.aspx> [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>287</sup>Inaugurada em 12 de dezembro de 2008.

<sup>288</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,5,17,17.aspx> [consultado em 20 agosto 2012].

autoclaves para fabrico de aglomerados Negros. O espólio do antigo Corpo de Bombeiros Privativos da Robinson também poderá ser visto, dele fazem parte 2 carros do final do século XIX.

Antes do encerramento da fábrica foi feito o inventário a todo o espólio existente, no entanto e devido a alguns atos de vandalismo de que tem sido alvo foi realizado novo inventário em 2011. O inventário encontra-se informatizado através do programa *in patrimonium*.

Em finais de 2005 a FR contratou o antropólogo e realizador Jorge Murteira para documentar em vídeo os últimos tempos de laboração da fábrica. Estas imagens eram importantes para o projeto que se queria pôr em prática e que poderiam ser utilizadas no programa Museológico do futuro Museu Robinson. Era assim imprescindível “reter a memória dos operários, a relação com as máquinas, as sociabilidades existentes, quer dentro do espaço fabril, como fora dele.”<sup>289</sup>

Mas esse trabalho, que de início parecia bastante simples, tornou-se difícil e demorado. Durante dois anos, a Administração da *Sociedade Corticeira Robinson Bros S.A.*, não permitiu a entrada pois estava em litígio com a CMP. Quando Jorge Murteira conseguiu entrar pairava no ar o iminente fecho da fábrica, os salários estavam em atraso e os trabalhadores não sabiam o que ia acontecer mas mesmo assim não falavam pois temiam represálias. Mesmo nessa altura o realizador não podia andar por toda a fábrica, tinha muitas limitações e foi somente duas semanas antes da fábrica fechar, no início de 2009, que a administração lhe pediu que filmasse a secção do negro.

Foram assim gravadas 60 horas em bruto, que podem ser divididas em dois conjuntos distintos. O primeiro, “antes do encerramento da fábrica”<sup>290</sup>, permite ver os ambientes da fábrica interiores e exteriores, os edifícios, os objetos, as máquinas, os gestos dos operários nas diversas tarefas. E um segundo, “depois do encerramento da fábrica”<sup>291</sup> onde estão sobretudo entrevistas aos antigos operários, onde “contam as suas vivências na fábrica, e diferentes experiências pessoais e profissionais”<sup>292</sup>, foram também filmados os espaços exteriores situando a fábrica na malha urbana, todos os locais de habitação dos funcionários e os seus espaços de sociabilidade. Algumas dessas filmagens deram origem ao

---

<sup>289</sup>MURTEIRA, Jorge – “Um caminho longo para memória futura.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 22. *A ideia nunca abala*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2012. P.19.

<sup>290</sup>SILVA, Luís Nuno Espinha – “A evolução da indústria no século XIX.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 3. *ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p. 32.

<sup>291</sup>Idem, p.34.

<sup>292</sup>Ibidem.

documentário de 95 minutos *A ideia nunca abala*, apresentado no dia 23 de maio de 2011 e onde está representada “uma personagem colectiva: a própria fábrica.”<sup>293</sup>

Para além da Fábrica Robinson o projeto de requalificação incluiu a Igreja do Convento de S. Francisco, onde está instalado, atualmente, o primeiro núcleo do Museu Robinson e o Lagar dos Robinson.

No antigo Lagar dos Robinson, após obras de reabilitação, funciona desde 5 de agosto de 2005 a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.

Como anteriormente vimos, um dos fins da FR é a preservação de espólios, tendo em vista este pressuposto uma das suas primeiras aquisições foi a coleção Sequeira. Esta coleção foi adquirida pela FR aos herdeiros do colecionador Rui Serrano Nunes Sequeira por 250 mil euros pagos em duas prestações.

Rui Serrano Nunes Sequeira era natural de Santo António das Areias onde nasceu a 16 de novembro de 1933, tendo vindo a falecer a 31 de março de 2000. Começou a colecionar aos 6 anos e só terminou quando faleceu. Era um colecionador compulsivo, colecionava peças em fim de vida e não pelo valor estético ou monetário, não deixando assim que as destruíssem. Ao longo da vida colecionou peças de arte sacra, de onde podemos destacar a coleção de Presépios que deixou à Diocese de Portalegre e Castelo Branco e que é a “maior colecção nacional”<sup>294</sup>, a coleção de 98 imagens de Santo António, vendidos ao Museu Municipal de Portalegre, a coleção de 60 imagens de Nossa Senhora, vendidas ao Museu Municipal de Marvão, diversas imagens de roca que foi vendendo a antiquários da região e a coleção adquirida pela Fundação Robinson.

A coleção adquirida pela FR é composta na sua maioria por Cristos. Se no início se pensava que eram 3 mil peças no final constatou-se que estávamos perante 7 mil peças. Segundo os seus familiares, esta coleção iria tornar-se num dos grandes sonhos de Rui Sequeira, pois pretendia “criar o Grande Museu do Cristo”, até lá a coleção seria mantida em segredo o “objectivo não era mostrá-los, tanto que muito poucas pessoas conheciam a sua colecção de Cristos.”<sup>295</sup>

As 7 mil peças são maioritariamente de cariz popular e foram recolhidas na região do Alto Alentejo e Beira Baixa, na sua maioria são Cristos Crucificados, no entanto, também encontramos:

“mobiliário litúrgico (altares, maquetinas, sacrários, púlpitos, tocheiros, colunas e diversos elementos em talha), telas pintadas com temas religiosos, mas tem predominantemente esculturas, incluindo vários santos, imagens de vestir (principalmente de Menino Jesus), imagens de São João Evangelista, imagens de Nossa Senhora, ambos pertencentes a

<sup>293</sup>UCHA, Paula – “Inventariação do Arquivo Robinson: contributo para a preservação e difusão da memória da indústria corticeira Portuguesa.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 3. ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.38.

<sup>294</sup>Idem, p.10.

<sup>295</sup>Idem, p.11.

calvários desmantelados, e em número mais representativo, imagens de Jesus Cristo em diferentes representações - como Sagrado Coração de Jesus, Cristo Flagelado, Senhor dos Passos, Cristo Jacente.”<sup>296</sup>

A sua dimensão é variada, temos peças “muito pequenas até esculturas com uma escala superior à humana”<sup>297</sup>. O material predominante é a madeira, das mais variadas espécies, no entanto também encontramos representações em “terracota, gesso, marfinita, metal e plástico, passando pelos materiais têxteis, em várias imagens de vestir.”<sup>298</sup> As peças estão datadas do “XVII ao século XX (havendo um Cristo crucificado de grandes dimensões datável do século XIV – XV e um outro de hipotética execução flamenga, dos finais do século XV)”<sup>299</sup>.

A coleção Sequeira encontrava-se na Quinta do Rosal, uma das propriedades da família, que se situa na Serra de S. Mamede. A coleção estava assim dispersa em três locais distintos da Quinta, num dos anexos da casa principal, numa pequena adega e num armazém.

Em finais de 2006 foi contratada uma equipa pluridisciplinar para fazer o levantamento da coleção e levá-la para as instalações da FR. Assim, sob a orientação da Conservadora Restauradora Laura Romão Portugal, estiveram a trabalhar entre fevereiro e julho de 2007, o antropólogo e realizador Jorge Murteira, a empresa de arqueologia Ocrimira - Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda e posteriormente a empresa de transporte FeirExpo. Cada um dos intervenientes teve um papel bastante importante para se poder manter de futuro a memória de como a coleção se encontrava e a relação que existia entre as diferentes peças. Esta equipa tinha funções bem distintas, Jorge Murteira filmou<sup>300</sup> e fotografou a coleção, a equipa de arqueologia fez o levantamento estratigráfico para que de futuro se possa saber onde se localizava cada peça, e Laura Romão fez o registo de cada peça.

As condições de trabalho eram difíceis devido à chuva, frio, vento, falta de luz elétrica, mas principalmente a dificuldade que tinham em aceder às peças. De início não havia mesmo espaço para montar um tripé para filmar ou fotografar e na sala dos Cristos tiveram mesmo de montar uma plataforma elevada para os arqueólogos registarem as várias camadas de Cristos.

Antes de serem transportadas, as peças passaram por um processo moroso que teve como ponto de partida a remoção do lixo, o etiquetar de todas as peças, os respetivos registos gráficos e fotográficos do todo e por último o registo individual de cada peça. Houve a necessidade de retirar as peças por camadas como se estivéssemos perante uma escavação arqueológica.

---

<sup>296</sup>Idem, p.14.

<sup>297</sup>Ibidem.

<sup>298</sup>Ibidem.

<sup>299</sup>Ibidem.

<sup>300</sup>Existem 14 horas de gravação em bruto.

Segundo Laura Romão, as peças que se encontravam mais expostas “apresentam destacamentos de policromia, fendas e fissuras, e ataque biológico (manchas de fungos e presença de insecto xilófago)”<sup>301</sup>, devido às condições adversas a que foram sujeitas.

Com já mencionámos, a coleção encontrava-se dispersa, o anexo da casa principal era formado por duas divisões, onde se encontravam, “peças de grande dimensão, como mobiliário litúrgico, com uma série de altares desmontados, colunas, e maquetinas, além de inúmeros objectos dos proprietários”<sup>302</sup> bem como imagens do Menino Jesus, de Maria, de Nossa Senhora, “praticamente todas de calvários.”<sup>303</sup> O armazém era formado por dois pisos, o térreo onde foram encontradas peças só na adega e o primeiro piso onde existiam quatro salas com peças. Na adega, foram encontradas 100 imagens de São João Evangelista “pertencentes a Calvários desmantelados a que também pertenciam as imagens da Virgem Maria, que se encontravam num dos armários do anexo.”<sup>304</sup>

O piso superior foi “aparentemente realizado/adaptado para albergar as esculturas, e onde se denota uma tentativa de criar um espaço com um certo cariz religioso.”<sup>305</sup> No entanto, as obras não foram concluídas. Nesta sucessão de salas:

“entre algumas peças de mobiliário litúrgico, milhares de Cristos amontoados de uma forma quase sinistra, num entrelaçar de braços, pernas, e cruces, literalmente ao monte, de tal forma que se torna difícil caminhar entre eles e passar de uma sala para a outra. Inúmeras peças estavam cobertas de lixo, desperdícios e envoltas em sacos de plástico, tecidos e caixas de cartão, sem qualquer tipo de ordem, não sendo possível sequer definir o que tínhamos pela frente.”<sup>306</sup>

Em suma, de tudo o que foi referido podemos concluir que as peças estavam em más condições, no entanto se não tivessem sido recolhidas já não existiam, o que não inviabiliza o facto de algumas se terem degradado irremediavelmente.

Por fim as peças foram transportadas para as antigas oficinas da CMP. As peças de madeira foram desinfestadas pela empresa Rentokil que utilizou a técnica da atmosfera controlada, assim as peças estiveram dentro de bolhas herméticas de PVC durante 45 dias. De seguida foram transferidas para as instalações da FR onde se encontram em reservas após terem sido alvo de um pré-inventário, que atualmente foi inserida numa base de dados.

Ao adquirir a coleção Sequeira, a FR pretendeu salvaguardá-la, evitar a sua degradação e conseqüente destruição, preservado assim um património que vale pelo seu

---

<sup>301</sup>ROMÃO, Laura Portugal - Coleção Sequeira – Do Armazém há reserva. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009 Projecto final de Licenciatura, p. 15.

<sup>302</sup>Idem, p.16

<sup>303</sup>Idem, p.18

<sup>304</sup>ROMÃO, Laura Portugal - *Coleção Sequeira – Do Armazém há reserva*. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009 Projecto final de Licenciatura, p.31.

<sup>305</sup>Idem, p. 21.

<sup>306</sup>ROMÃO, Laura Portugal – “A Coleção Sequeira – Do armazém à reserva.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº10. *A requalificação da igreja do Convento de São Francisco*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2009, p.84.

todo, pois muitas das peças não têm valor estético, histórico ou material. Em muitos casos não “vivem” isoladas.

Apesar da Igreja do Convento de S. Francisco nunca ter feito parte da Fábrica Robinson, a sua requalificação foi integrada dentro deste projeto e atualmente é o primeiro núcleo do Museu Robinson, albergando a coleção Sequeira.

Existem muitas teorias quanto à data de fundação do Convento de S. Francisco de Portalegre pois as fontes documentais são reduzidas. Os historiadores apontam para que possa estar “entre o reinado de D. Sancho II (r.1223-1248) e o de D. Dinis (r.1279-1325) [...] o documento mais antigo que se conhece relativo ao convento data de 1266 e mostra que já então, isto é, no reinado de D. Afonso III, havia frades na zona.”<sup>307</sup> Ou seja, o convento está assim datado da segunda metade do século XIII.

A igreja do Convento de S. Francisco que chegou aos nossos dias “resulta sobretudo de três momentos construtivos [...] um medieval, outro no século XVI, e finalmente outro já do século XVIII.”<sup>308</sup>

No dia 30 de maio de 1834 são nacionalizados todos os bens das ordens religiosas e extintas as suas casas. No caso da Igreja de S. Francisco esta permanece ao culto até 1910.

Desde 1835 que o Convento sofreu várias alterações servindo para diversos usos. A primeira utilização foi a de quartel<sup>309</sup>, albergou a pequena oficina de transformação de cortiça e mais tarde a Fábrica Robinson que ocupou quase a sua totalidade, foi ainda um “anexo do Liceu Nacional de Portalegre, instalações do Arquivo Distrital de Portalegre nos anos 80 e 90, da CERCI (até à atualidade), do grupo de teatro “O Semeador”, de casa de arrumação e despejo municipal, zona de habitação.”<sup>310</sup>

A igreja teve várias utilizações, mas esteve votada ao abandono durante muitos anos, facto que explica a degradação encontrada quando se iniciou o processo de conservação e restauro. Onde os principais problemas eram a humidade e a sujidade, sobretudo dejetos de pombos.

Atualmente, podemos ver diversos estilos arquitetónicos e artísticos que foram valorizados pela intervenção e que vão do século XIII ao XVIII. Estamos perante uma igreja com planta em forma de cruz latina, com duas capelas adjacentes, um transepto, uma nave central com abóbada de canhão, e 6 capelas laterais, sendo as do lado do evangelho fingidas.

---

<sup>307</sup> SENOS Nuno – “A igreja do Convento de São Francisco de Portalegre: história de um edifício.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº10. *A requalificação da igreja do Convento de São Francisco*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2009, p.41.

<sup>308</sup>Idem, p.42.

<sup>309</sup>O claustro ainda hoje está afecto ao Ministério da Defesa.

<sup>310</sup>ALCERTO, Jorge Maroco – “O Convento de São Francisco de Portugal.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº10. *A requalificação da igreja do Convento de São Francisco*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2009, p.21.

A capela adjacente do lado da epístola é o túmulo funerário de Gaspar Fragoso, o retábulo que se encontra nesta capela é feito em argamassa e representa o Calvário de Cristo. Durante o tratamento de Conservação e Restauro foram feitas sondagem e constatou-se que era policromado e não branco devido à caiação que tinha sofrido. Nesta sondagem foi ainda encontrada a data do altar, 1571.

Na capela lateral do lado da epístola, junto ao coro alto, podemos ver um altar em fresco com a temática da Anunciação, que também foi alvo de conservação.

Na abóbada do transepto, nas paredes e abóbada das capelas laterais foram encontrados, durante a intervenção, esgrafitos que remontam ao século XVI. Na capela-mor podemos ver um retábulo em mármore, e um friso de azulejos azuis com a temática Franciscana. Esta capela, a par do coro alto e da fachada, remonta ao século XVIII.

A igreja está classificada como imóvel de interesse público desde 1967<sup>311</sup>. Em maio de 2001 foi aberto o processo para a classificação de todo o Convento.

A igreja do Convento de S. Francisco foi sujeita a obras de reabilitação e ampliação, sendo o projeto de arquitetura de Cândido Chuva Gomes Arquitectos. Para além da reabilitação das estruturas edificadas, foram realizados trabalhos de arqueologia pela empresa Ocrimira - Investigação Arqueológica e Patrimonial, Lda e de conservação e restauro pela empresa In Situ.

Durante as prospeções arqueológicas foram encontrados vestígios da cerca primitiva junto da cabeceira da igreja, assim como de uma estrutura assente sobre a rocha, que se pensa ser da primitiva igreja e que se localiza do lado direito do altar-mor. A descoberta da cerca obrigou o arquiteto Cândido Chuva Gomes a refazer o projeto. No entanto esta descoberta tornou-se num novo ponto de interesse arqueológico e foi alvo de preservação.

Os tratamentos de conservação e restauro levados a cabo durante o processo de requalificação “seguem os princípios orientadores de intervenção mínima, autenticidade, compatibilidade, reversibilidade de materiais e técnicas utilizadas. Pretendeu-se igualmente a estabilidade dos materiais constituintes sem prejuízo da harmonia do conjunto de todos os elementos decorativos.”<sup>312</sup>

Durante os anos em que a Igreja foi alvo de requalificação muitas foram as iniciativas realizadas com o intuito de manter a população informada sobre o que se estava a passar. Assim, "aberto para obras"<sup>313</sup>, "aberto para estudo"<sup>314</sup>, "aberto para inauguração"<sup>315</sup> e “aberto

---

<sup>311</sup>Pelo Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24 janeiro de 1967.

<sup>312</sup>LLERO, Fátima de; BARREIROS, Belany; TEIXEIRA, Telma – “Igreja do convento de São Francisco de Portalegre: conservação e restauro dos revestimentos decorativos e elementos artísticos.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº10. *A requalificação da igreja do Convento de São Francisco*; Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2009, p.62.

<sup>313</sup>Nos dias 17 de setembro 2007, 6 de janeiro e 10 de maio 2008.

<sup>314</sup>No dia 16 de maio 2009.

<sup>315</sup>No dia 17 setembro 2008.

aos novos habitantes”<sup>316</sup> levaram muitos interessados a visitar o espaço. Cada uma das iniciativas foi orientada e acompanhada pelos diferentes técnicos que trabalharam na intervenção desde arqueólogos, arquitetos, engenheiros, conservadores restauradores e historiadores. Estas iniciativas tiveram como finalidade explicar o trabalho que foi sendo feito ao longo do tempo. Em setembro de 2008 durante a iniciativa “aberto para inauguração” estiveram expostas na igreja do Convento de S. Francisco pela primeira vez 80 peças coleção Sequeira, que já se encontravam “restauradas e reabilitadas.”<sup>317</sup>

A igreja do Convento de S. Francisco, após a intervenção realizada, passou a ser um espaço cultural onde foi instalado o primeiro Núcleo do Museu Robinson.

A ampliação que a igreja sofreu está adossada à sua direita e atrás da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre. A ligação entre estes dois espaços é feita pela capela lateral que se situa junto ao transepto. O seu aspeto exterior lembra a antiga muralha defensiva que aí foi encontrada. Este novo elemento arquitetónico veio melhorar a acessibilidade ao espaço e dotá-lo de novas valências. A entrada é assim feita nesta zona. Neste novo espaço funciona no piso térreo a área de acolhimento aos visitantes, as instalações sanitárias, os gabinetes de trabalho e um elevador. No primeiro piso a sala de exposição permanente. No corpo da igreja funciona a sala de exposições temporárias e na capela adjacente do lado esquerdo, o ateliê de conservação e restauro “ao vivo” onde está uma imagem de Cristo Jacente em constante tratamento. No fundo da igreja foi instalada a *Casinha de aprender e brincar*.

Em 2006 a Fundação contratou diversos profissionais, da área da Museologia, para elaborar o plano Museológico do Núcleo da Igreja de S. Francisco, onde está inserida a Coleção Sequeira. Este plano teve como intervenientes o Coordenador Científico da FR, António Camões Gouveia, João Carlos Brigola, António Pimentel, Graça Filipe e o Pintor António Viana. Este último responsável pelo projeto museográfico.

No dia 20 de setembro de 2011 foi inaugurado o primeiro núcleo museológico da FR, o Museu Robinson | Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco. Na sala de exposição permanente podemos ver cerca de 98 peças da coleção Sequeira.

O plano museológico tentou, tanto quando possível, preservar a memória de como a coleção estava “armazenada”. A disposição das imagens de S. João Evangelista assemelha-se à encontrada na adega<sup>318</sup>, por seu lado a sobreposição de Cristos Crucificados remete-nos para a sala dos Cristos e a vitrina com várias peças soltas, os inúmeros fragmentos encontrados. Foi ainda integrado na exposição um vídeo realizado por Jorge Murteira durante os trabalhos de levantamento da coleção.

---

<sup>316</sup>No dia 17 setembro 2009.

<sup>317</sup>“Coleção Sequeira mostra-se” in Fonte Nova, ano XXIV, nº1587 de 23 de setembro 2008, p.7.

<sup>318</sup>Na adega foram encontradas 100 imagens de S. João Evangelista em cima de uma mesa.

Apesar da igreja não ter património móvel, pois este foi disperso ao longo dos anos, os elementos arquitetónicos e decorativos por si são um ponto de interesse durante a visita.

Na sala de exposições temporárias podemos ver várias fotografias da fábrica Robinson. No entanto, a sala ainda acolheu, de 17 de maio a 31 de agosto de 2012, a exposição *Olhares Sincrónicos*, da autoria de Mafalda Almeida e Magda Cordas, e de 7 de julho a 28 de agosto de 2012, a exposição *Património cultural da Freguesia da Sé* que resulta do Concurso de Fotografia promovido pela Junta de Freguesia da Sé sob o tema *Venha conhecer melhor este património*.

A igreja é também um espaço multifuncional, onde já foram realizadas atividades diversas como “conferências, seminários, apresentação de publicações, exposições temporárias, workshops e acções de formação, actividades do Serviço de Educação, entre muitas outras.”<sup>319</sup>

No dia 1 de agosto de 2012 o Museu Robinson | Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco atingiu os 3 mil visitantes desde a sua abertura, numa média diária de 14 pessoas. Os visitantes “ficam muito surpreendidos e satisfeitos com a qualidade da reabilitação arquitectónica, do trabalho aqui levado a cabo e da recepção e acompanhamento dos visitantes, salientando que vale a pena conhecer este espaço.”<sup>320</sup>

A função educativa da FR vem logo anunciada como um dos objetivos nos seus estatutos. O serviço educativo tem como objetivo:

“o desenvolvimento de actividades que estimulem as aprendizagens, em contexto não formal, de uma forma construtiva, crítica, inclusiva e criativa. Pretendemos, paulatinamente, alargar e delinear um conjunto de práticas e actividades educativas que possam abranger outros segmentos de públicos, com o objectivo de proporcionar o acesso e fruição de bens culturais. O Espaço Robinson reinventa-se como Espaço Educativo numa dinâmica que pretende contribuir para a formação sociocultural de cada indivíduo, em contexto escolar e não escolar, a partir das Artes, da Cultura e do Património.”<sup>321</sup>

Tendo como ponto de partida o público escolar, os serviços educativos disponibilizam às escolas um DVD pedagógico que aborda as temáticas da *Industrialização no Portugal Contemporâneo (1830-1974)* e o empréstimo da exposição de 6 cartazes *Portalegre, cortiça e industrialização*.

Dentro do Museu Robinson | Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco as atividades dedicadas ao público escolar têm início na *Casinha de aprender e brincar*. Trata-se de um espaço didático “uma casa dentro de uma casa”, o primeiro elemento de ligação

<sup>319</sup>“O Museu Robinson | Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco abriu há 6 meses.” in <http://www.fundacaorobinson.pt/noticias,63,322,detalhe.aspx>. [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>320</sup>Ibidem.

<sup>321</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,9,44,44.aspx>. [consultado em 20 agosto 2012].

dos seus utilizadores mais jovens a este espaço museológico.”<sup>322</sup> A Casinha Pedagógica, um projeto da autoria pintor António Viana foi inaugurada no dia 9 de março de 2011. Nos 3 primeiros dias foi visitada por 600 crianças a quem foi solicitado que “trouxesse um livro ou um jogo, de maneira a que algo seu fique em São Francisco e também para que se apropriem do espaço e se identifiquem com ele, estabelecendo um elo que se visa estender às respectivas famílias.”<sup>323</sup>

Os serviços educativos oferecem ao público escolar dois ateliês, *À descoberta dos símbolos franciscanos* e *O meu olhar*. Este último centra-se principalmente na coleção Sequeira. Existem ainda dois roteiros também destinados ao público escolar, *Portalegre: um percurso pela história. Três tempos, três monumentos*, sendo esses 3 monumentos o Castelo, a Sé Catedral e a Fábrica Robinson e *Portalegre, cidade dos sete conventos*.

Existe ainda o projeto *Encontro de Gerações*, dirigido às crianças do 1º ciclo. A primeira iniciativa teve lugar entre abril e maio de 2011 e foi destinado às escolas da cidade de Portalegre. Estas puderam visitar a Fábrica Robinson, tendo como guias dois antigos operários da fábrica, que explicaram como ela funcionava e como era o seu dia-a-dia.

Para os grupos com necessidades especiais são adaptados os diferentes ateliês.

Aproveitando um dos recursos humanos que a fundação dispõe, realizam também workshops de Conservação e Restauro adaptados a diferentes públicos.

São ainda realizadas vistas guiadas ao Espaço Robinson, que incluem o Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco e o Núcleo da Fábrica Robinson. Neste último as visitas são realizadas segundo marcação prévia, sendo muito solicitadas por parte de universidades ou do público especializado nas áreas em causa.

Os técnicos da FR desenvolvem ainda projetos de ação educativa em parceria com outras instituições da cidade. O Atelier de Douramento, realizado na Casa Museu José Régio, durante o ano de 2011, foi disso exemplo.

O Arquivo Robinson (ArqRob) é outro dos projetos da FR. A sua missão passa:

“pela preservação e difusão da documentação oral e escrita, seja manuscrita ou impressa, bem como de outras colecções de artefactos que testemunhem a memória da Fábrica Robinson, da industrialização e da cidade de Portalegre. Pretende-se permitir a investigação e disponibilização online de documentos, para benefício dos investigadores nacionais e estrangeiros, assim como das escolas ou dos simples curiosos.”<sup>324</sup>

O projeto ArqRob teve início em outubro de 2005 e foi financiado pelo Ministério da Cultura ao abrigo do Programa Operacional da Cultura e no âmbito da Medida *Utilização de*

<sup>322</sup>“Casinha de aprender a brincar.” in <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,9,45,50.aspx> [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>323</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/noticias,63,320,detalhe.aspx> [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>324</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,11,53,53.aspx>. [consultado em 20 agosto 2012]

*Novas Tecnologias da Informação para Acesso à Cultura e da Ação Inventariação e Divulgação do Património Imóvel e Móvel e sua divulgação.*

Nele trabalhou uma vasta equipa de diferentes áreas, arqueologia, arquivística e história. A equipa era assim formada por: “Gregório Filipe Caldeira, Jorge Maroco Alberto, Célia Gonçalves Tavares, Alexandra Xisto Pinto, Nuno Miguel Lima, Paula Ucha e Luís Espinha da Silveira, desenvolvendo trabalho sob a coordenação científica de António Camões Gouveia.”<sup>325</sup>

O período cronológico abrangido pela pesquisa baliza-se entre 1840 e 1974, “data convencionalmente face os constrangimentos arquivísticos e legais para o acesso à documentação.”<sup>326</sup>

Foram inventariados documentos existentes na Direcção Geral de Arquivos, no Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, no Arquivo Histórico Diplomático, no arquivo Distrital de Portalegre. Neste último os documentos encontrados estão no Fundo do Cartório Notarial de Portalegre e no fundo Administrativo do Concelho de Portalegre.

Na base da recolha e da pesquisa estiveram 4 núcleos temáticos, são eles: A Família Robinson; A Fábrica Robinson; A Fábrica e o espaço urbano de Portalegre; Os operários da Fábrica Robinson.

Atualmente o ArqRob<sup>327</sup> que é “sobretudo um repositório de documentos recenseados em arquivos públicos e privados”<sup>328</sup>, é composto por 6357 registos e 3600 imagens.

Infelizmente a equipa de investigadores não teve acesso “a documentação da própria família, ou nem sequer, da fábrica Robinson,”<sup>329</sup> este facto leva a que a história da família e da Fábrica Robinson tenha ainda muito por investigar e escrever.

Mesmo assim as poucas publicações que existem sobre a família ou a sobre a fábrica são recentes e resultam de artigo dos investigadores da Fundação.

Neste sentido, estão a ser lançadas várias publicações intituladas *Publicações da Fundação Robinson*<sup>330</sup>. Estas Publicações foram alvo de uma candidatura, atualmente já foram lançadas 19, de um total de 26.

---

<sup>325</sup><http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,11,57,57.aspx>. [consultado em 20 agosto 2012]

<sup>326</sup>ibidem.

<sup>327</sup>O arquivo já esteve disponível através da página Web da FR, no entanto, de momento não está acessível.

<sup>328</sup>UCHA, Paula – “Inventariação do Arquivo Robinson: contributo para a preservação e difusão da memória da indústria corticeira Portuguesa.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 3. *ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.38.

<sup>329</sup>ALCERTO, Jorge Maroco – “ArqRob. Um percurso na investigação.” in GOUVEIA, António Camões (dir.) - Publicações da Fundação Robinson nº 3. *ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007, p.100.

<sup>330</sup> Das já lançadas podemos destacar: *Para a história da Fundação Robinson; ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson; Famílias inglesas e a economia de Portugal; Igreja do Convento de São Francisco. História do Convento; Igreja do Convento de São Francisco. História do Edificado; Igreja do Convento de São Francisco. Restaurantes; Um projecto de arquitectura para a igreja do Convento de São Francisco; Igreja do Convento de São Francisco. Colecção Sequeira; A requalificação da Igreja do Convento de São Francisco; Museu Municipal;*

A FR em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional abriu duas empresas de inserção social “Portalegre Ajuda” – oficina de ajuda domiciliária para pequenas reparações, dirigida a cidadãos com deficiência e idosos carenciados. “Portalegre Valoriza” – prestação de serviços na área de manutenção urbana/valorização do património e jardinagem.”<sup>331</sup> Esta é assim uma das primeiras iniciativas levadas a cabo tendo em vista as ações de apoio social um dos objetivos referidos nos estatutos da Fundação.

Desde 2007 que a Fundação Robinson comemora a 17 de setembro o Dia Robinson. Nesse mesmo dia mas em 1857 nascia, em Portalegre, George Wheelhouse Robinson. Neste dia são levadas a efeito diversas iniciativas que vão desde visitas guiadas aos diversos espaços Robinson, conferências, exposições, lançamentos de publicações da FR e espetáculos que têm como objetivo a divulgação do trabalho desenvolvido e dos seus diversos espaços.

No seu discurso de abertura do V dia Robinson, em 2011, Adelaide Teixeira, Presidente da CMP e Presidente do Conselho de Curadores disse que é muito:

“importante para a cidade de Portalegre, pois comemora-se o facto de ter existido uma Fábrica Corticeira que nos tornou uma referência no sector, no país e no Mundo. Assinalamos também a existência da Fundação Robinson, que foi criada para gerir o património arquitectónico e industrial da antiga Fábrica Robinson, e que se transformará num espaço cultural e museológico de enorme prestígio.”<sup>332</sup>

Para a concretização dos vários projetos que já levou a cabo, a Fundação Robinson teve vários financiamentos: INTERREG III A; Programa Operacional de Cultura (POC); Programa de Intervenção do Turismo; Programa Operacional Alentejo 2007-2013 (QREN); projeto FENIX; Projeto NETUR; Projeto JUVENTU-e TRANSFRONTEIRIZA; Candidatura PROVERE; candidatura ao Instituto de Emprego e Formação Profissional – Empresas de Inserção.

Quando todo o projeto do Espaço Robinson estiver concluído está previsto que venha a ter novos habitantes: associações e escolas artísticas da cidade, que irão viver nos edifícios recuperados da Fábrica Robinson, dando vida e dinamizando, através das suas atividades, este importante espaço da cidade. Estes novos habitantes serão, a Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, a Escola de Artes do Norte Alentejano, o Conservatório Regional de Portalegre, o Orfeão de Portalegre, a Sociedade Musical Euterpe, o Grupo Folclórico e Cultural da Boavista, O Semeador - Grupo de Trabalho e Acção Cultural de Portalegre, a Qualifica - associação nacional de Municípios e de produtores para a

---

*história do edifício e do museu; História ilustrada do convento de São Francisco; A ideia nunca abala e Conflitos sociais no tempo dos Robinson.*

<sup>331</sup>“Uma linha de rumo com o Património e com as Comunidades. A construção Local de uma Cultura global, o GLOCAL.” in <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,5,16,40.aspx>. p.14 [consultado em 20 agosto 2012].

<sup>332</sup>“Cidade de Portalegre Comemora o V Dia Robinson.” in <http://www.portalalentejano.com/cidade-de-portalegre-comemora-v-dia-robinson/> [consultado em 22 agosto 2012.]

valorização e qualificação dos produtos tradicionais portugueses e a Associação Juvenil Verdade.

Não podemos deixar de salientar que o Espaço Robinson é muito mais que os 7 hectares físicos, é também a memória das pessoas que trabalharam na fábrica, os montados de onde era retirada a matéria-prima e toda a história da cidade, que foi crescendo à sua volta.

Com vimos a FR tem vindo a desenvolver ao longo dos anos, ações que visam a reabilitação, valorização, promoção e divulgação de um vasto legado que é a Fábrica Robinson e a memória coletiva de toda uma cidade. A Fundação é acima de tudo uma instituição cultural da cidade, que com a sua política cultural quer deixar bem vincada a sua marca, com já o fez a família que lhe deu origem, os Robinson.

#### 4.4 - Rede de Património de Portalegre

Em Portugal, nos últimos anos, muito se tem falado na criação de Redes de Museus. Em Maio de 2000 foi criada a Rede Portuguesa de Museus (RPM), que tem como objetivos:

“a valorização e a qualificação da realidade museológica nacional; a cooperação institucional e a articulação entre museus; a descentralização de recursos; o planeamento e a racionalização dos investimentos públicos em museus; a difusão da informação relativa aos museus; a promoção do rigor e do profissionalismo das práticas museológicas e das técnicas museográficas; o fomento da articulação entre museus.”<sup>333</sup>

Ao longo destes 12 anos, a RPM tem contribuído para uma melhoria significativa da panorâmica museológica nacional. À semelhança da RPM, mas com abrangência e objetivos um pouco diferentes surgiram, um pouco por todo o país, redes de museus com abrangência local ou até regional. Podemos destacar a título de exemplo a Rede de Museus do Algarve, Rede Regional de Museus dos Açores, Rede de Museus do Distrito de Beja, Rede de Museus de Matosinhos, Rede Municipal de Museus de Loures, e Rede de Museus Municipais de Sintra.

Em Portalegre a ideia de criar uma rede estava a ser equacionada há já algum tempo, assim, em março de 2008 a Câmara Municipal de Portalegre e a Fundação Robinson assinaram um protocolo para a apresentação conjunta ao *Eixo 3 – Conectividade e Articulação Territorial Regulamento específico – Património Cultural; Tipologia – Projecto integrado de Salvaguarda do QREN – Programa Operacional Alentejano 2007 – 2012*, da candidatura da Rede de Património de Portalegre – edificado, móvel e imaterial.

Tanto a CMP como a FR pretendem a “elaboração de um Plano Integrado de Promoção, Salvaguarda e Fruição do Património Cultural de Portalegre, que visa conseguir

---

<sup>333</sup><http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx>.

a rentabilização das estruturas de Cultura, envolvendo esforços de instrumentalização, dinamização, gestão, programação e valorização cultural”<sup>334</sup>

Da RPP faziam parte nesta primeira fase: “o Museu Municipal, o Castelo de Portalegre, o Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, a Igreja da Misericórdia, a Biblioteca Municipal, a Casa Museu José Régio, a Igreja de São Francisco e Espaço Robinson (que envolve diversas áreas culturais).”<sup>335</sup>

Num primeiro momento a prioridade foi a de requalificar os diferentes espaços da RPP, nomeadamente o MMP e a Igreja do Convento de S. Francisco. No entanto, também, foram realizadas ações de outra natureza.

No núcleo da Fábrica Robinson foi feito o levantamento de património oral. Por um lado com o documentário de Jorge Murteira, *A ideia nunca abala*, por outro com o projeto de recolha oral *Memoria Média*<sup>336</sup> realizada com os novos habitantes, respetivamente Banda Euterpe, Grupo Folclórico e Cultural da Boavista e O Semeador – Grupo de Cantares de Portalegre.

No núcleo do Castelo de Portalegre, foi feita a museografia e o quiosque informático (centro interpretativo do castelo).

No MMP para além das obras de requalificação e das sondagens arqueológicas, efetuou-se a desinfestação do acervo em madeira, adquiriu-se o sistema de controlo de visitantes e lançou-se a publicação *Rede de Património de Portalegre: edificado, móvel e imaterial. Museu Municipal: História do Edifício e do Museu*, nº 16 das Publicações da Fundação Robinson.

Por seu lado, no Museu Robinson | Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco, além das obras de requalificação, efetuou-se a conservação do Altar de Gaspar Frágoso e desenvolveu-se o projeto e execução museográfica do espaço.

Em Março de 2010 a CMP e a FR candidataram de novo a RPP ao programa *eixo 3 – Conectividade e Articulação Territorial Regulamento específico – Património Cultural; Tipologia – Projecto integrado de Salvaguarda do QREN – Programa Operacional Alentejano 2007 – 2012, 2.ª fase*.

Nesta segunda fase passaram a fazer parte da RPP, a Delegação de Cultura do Alentejo e a Diocese de Portalegre – Castelo Branco.

As verbas obtidas contribuíram, no caso do MMP, para os projetos e execução da museologia, da museografia, do design de sinalética e da maqueta da cidade de Portalegre.

<sup>334</sup>“Relatório de Gestão. Exercício de 2008”, p.45 in <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,5,16,36.aspx> [consultado 27 Agosto 2012].

<sup>335</sup>[http://www.cm-portalegre.pt/Newsletter2\\_Dez2010.pdf](http://www.cm-portalegre.pt/Newsletter2_Dez2010.pdf) [consultado em 27 agosto 2012].

<sup>336</sup>Trata-se de um projeto da responsabilidade de Memoria Imaterial - Cooperativa Cultural CRL. em parceria com o Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Criado em 2006 para a recolha e divulgação do património imaterial.

O MMP passou a ter um novo espaço, o Núcleo Rural – Museu Municipal de Portalegre, Coleção Emílio Relvas, para o qual contou com apoios a nível da desinfestação do espaço e do acervo, elaboração e execução do projeto museográfico.

Na Sé Catedral de Portalegre foi realizado o levantamento topográfico e arquitetónico.

A Biblioteca Municipal de Portalegre, ao abrigo dos investimentos desta fase, irá ter no seu jardim exterior um novo elemento de interesse. Trata-se de uma janela com sacada, que estava no pátio do MMP, mas que após recuperação será instalada naquele local. Ao ser recolocada no jardim, ficará junto do local de origem, pois fazia parte de um edifício demolido na década de 40 do século XX, para dar lugar às atuais instalações da Caixa Geral de Depósitos

No Museu Robinson | Núcleo da Fábrica está previsto a conservação e restauro de algumas peças pertencentes ao património arqueológico industrial. Na Igreja do Convento de S. Francisco, será feita a requalificação do espaço envolvente.

Foi ainda lançado um concurso, para a criação do desenho e imagem gráfica de toda a sinalética urbana da RPP, a fim de uniformizar toda a rede e de poderem ser facilmente identificados os diferentes espaços, pois a sinalética urbana é quase inexistente em Portalegre, o que torna difícil o acesso às diferentes unidades museológicas.

No dia 8 de Agosto de 2011, o Diário da República II 2ª série nº 151 pública a declaração n.º 203/2011 da CMP onde esta faz saber que aprovou a *Estratégia de Reabilitação Urbana*, e a conversão da *Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do Centro Histórico de Portalegre*. Desta declaração faz também parte a Rede de Património de Portalegre. Nela podemos ver que os seus objetivos são:

“a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.”

Assim sendo, ao criar a RPP, a CMP e a FR acreditam que “o património histórico, o passado e a memória da cidade constituem-se como componentes essenciais de um programa de intervenção conjunto (...) de forma a estabelecer uma oferta sustentável e contemporânea de cultura de proliferação patrimonial.”<sup>337</sup>

Quando todos os espaços museológicos, que fazem parte da RPP, estiveram requalificados e tenham as condições museológicas adequadas, pretende-se que passem a fazer parte da RPM.

---

<sup>337</sup> Artigo 2.3.4 da Declaração n.º 203/2011 do Diário da República – II Série. De 8 de Agosto de 2011.

Desde que a RPP foi criada muitas iniciativas têm sido levadas a cabo. O facto dos técnicos, que trabalham em cada um dos parceiros da rede, poderem auxiliar dentro das suas valências noutros espaços, é uma mais-valia para todos eles.

Assim sendo, tem sido prestado apoio técnico na área da conservação e restauro. No MMP, a quando da sua reabertura, no Museu da Tapeçaria de Portalegre, quando tem que fazer alguma mudança nos tapetes expostos, na Sé Catedral ou nas associações cultural da cidade, quando estas necessitam de um parecer técnico.

A nível dos serviços educativos está prevista a realização de ações conjuntas para públicos diversos, com a criação, pelos técnicos da FR, de todos as ações dos serviços educativos do MMP, que brevemente serão apresentadas. Apesar do projeto ainda não estar concluído, foi já realizado um ateliê, na área da conservação, no dia 27 de junho de 2012.

Na Casa Museu José Régio, decorreu durante o ano de 2011 e no âmbito das comemorações dos seus 40 anos, o *ateliê Dourar uma peça*, realizado pela Técnica Laura Romão da FR. Durante esse ano foram vários os grupos que participaram, nomeadamente as escolas, os centros de dia e os ATL do concelho, bem como alguns grupos vindos de outros pontos do país.

São também realizadas, quando solicitado ou em ocasiões específicas, visitas às várias unidades museológicas e espaços de cultura pertencentes à RPP. Das várias visitas guiadas realiza, podemos destacar a de dia 23 de setembro de 2011, aquando das Jornadas Europeias do Património, onde foi dada a conhecer a “Rede de Património de Portalegre: o Museu Robinson (Núcleo da Igreja do Convento de São Francisco e da Fábrica Robinson), a Casa Museu José Régio, o Castelo de Portalegre, a Biblioteca Municipal, a Sé de Portalegre, o Museu Municipal e o Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino”<sup>338</sup>.

A preparação e montagem de algumas exposições na cidade contaram com o apoio dos técnicos da FR e das instituições envolvidas. Foi o caso da exposição *José Régio em Portalegre. Cenas do seu dia a dia* realizada no Castelo de Portalegre, de 24 abril a 19 de setembro 2010. E de algumas que estiveram patentes na galeria de São Sebastião, como é o caso da exposição *Euterpe e Portalegre. 150 anos de História*, da *exposição comemorativa dos 55 anos da Adegas Cooperativas de Portalegre* ou da *exposição de Presépios de Luís Alenquer*.

Pretende-se que no futuro, no Espaço Robinson, possa vir a nascer uma grande reserva municipal visitável, que acolha os acervos das unidades museológicas que fazem parte da rede.

---

<sup>338</sup><http://www.igespar.pt/media/docs/2011/09/19/ProgramaJornadasEuropeiasdoPatrimonio2011.pdf> [consultado em 21 Agosto 2012].

Ao longo dos anos têm sido realizados diferentes seminários e palestras que visam a troca de experiências entre os vários parceiros da rede, bem como a apresentação dos resultados do trabalho em prol do património que tem tido lugar em Portalegre. No entanto, não estão fechados em si mesmo, são abertos à comunidade e a todos os interessados. Uma dessas incitativas teve lugar em junho de 2012, no núcleo do Museu Robinson | Igreja do Convento de S. Francisco. Os vários seminários foram dedicados ao património e foram alvo de uma candidatura ao QREN que se intitulou *Rede Cultural - promoção e valorização de património natural, arquitectónico e arqueológico-industrial*. São parceiros neste projeto os membros da RPP, a Associação Qualifica, o Arquivo Distrital de Portalegre, a Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, a FCSH/UNL - Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, a Fundação Alter Real, o Instituto Politécnico de Portalegre e o Turismo do Alentejo.

A RPP pode ser encarada de duas formas, uma mais formal que resulta dos apoios comunitários para a realização dos vários projetos e uma informal. Esta última prende-se com a proximidade física existente entre os diferentes técnicos que trabalham nas várias instituições e que muitas vezes partilham experiências e problemas, tiram dúvidas, apoiando-se na medida dos possíveis no seu dia-a-dia.

O modelo de atuação conjunta que existe em Portalegre e que designamos de RPP tem contribuído de forma significativa para o estudo, salvaguarda e divulgação de um património coletivo, que conta a história da cidade de Portalegre e das suas gentes.

Em última análise, podemos dizer que o objetivo final de todos os intervenientes na RPP é tornar os diferentes espaços de cultura existentes em Portalegre, em polos de atração para diferentes tipos de público. Passando o património cultural da cidade a ser uma âncora para o desenvolvimento de toda a região.

## Considerações Finais

O estudo agora concluído e aqui apresentado teve início em finais de 2006. Durante este período, o país passou por inúmeras transformações, nomeadamente dificuldades económicas e políticas que condicionaram muitas das intervenções das autarquias locais. Portalegre não foge à regra e são inúmeras as alterações sofridas. Algumas alterações foram positivas pois os apoios da união europeia permitiram a realização de algumas obras importantes para a cidade. No entanto, a falta de pessoal afeto às diferentes unidades museológicas agrava-se de dia para dia, o que condiciona muito o trabalho que desenvolvem.

Assim sendo durante este período, a nível económico e social, e após longos anos de incertezas a Fábrica Robinson fechou portas em fevereiro de 2009. A nível culturais, se no início se discutia a criação de uma Rede de Património em Portalegre, atualmente, e desde 2008 é já uma realidade.

Também durante este período, o Museu Municipal de Portalegre (MMP) esteve encerrado para obras de ampliação e remodelação. Em maio de 2012 abriu as portas ao público com uma nova exposição ao mesmo tempo que foi inaugurado o Núcleo Rural – Museu Municipal de Portalegre Coleção Emílio Relvas, na freguesia de Reguengo.

A Casa Museu José Régio comemorou em 2011 os 40 anos da sua abertura com diversas atividades.

No Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, a gestão museológica, museográfica e as atividades de extensão cultural passaram a estar a cargo da Manufatura de Tapeçarias de Portalegre desde outubro de 2011.

A Fundação Robinson iniciou o processo de requalificação e adaptação dos 7 mil hectares de terreno mesmo no centro histórico de Portalegre. Atualmente o espaço foi dotado de várias valências, nomeadamente o Auditório A, a Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre, foram ainda recuperados dois armazéns, um para instalar um estacionamento e outro para o International Center for Technology in Virtual Reality. A Igreja do Convento de S. Francisco também sofreu obras de recuperação e ampliação para acolher o primeiro núcleo do Museu Robinson. Assim desde 20 de setembro de 2011 que está exposta a coleção Sequeira. Coleção esta que no final de 2006 ainda era desconhecida, pois só em inícios do ano seguinte é que se começou o levantamento e começaram a circular rumores da sua compra por parte da Fundação.

Todas as alterações que decorreram neste longo período (2006-2012) fizeram com que o meu estágio tenha sido bastante enriquecido. Por um lado permitiu-me analisar as alterações e melhorias por que o MMP passou ao longo destes anos, por outro analisar as restantes unidades museológicas da cidade.

De uma maneira geral, este estágio foi benéfico para mim do ponto de vista pessoal e profissional, pois permitiu-me o contacto com outra realidade e entender que cada vez mais as ligações, que se criam com os vários técnicos que trabalham na área do património e que possuem as mais diversas formações, são de extrema importância para todos. A troca de experiências e de ensinamentos, que muitas vezes são informais, são uma mais-valia para que o património possa ser salvaguardado.

Num Museu existe um sem número de profissionais das mais diversas áreas, que com o trabalho em equipa contribuem para que o mesmo possa desempenhar todas as funções museológicas estabelecidas pela Lei Quadro n.º 47/2004, de 19 de Agosto. Como a maioria dos museus se debate quotidianamente com o problema da falta de pessoal, este tipo de estágios é tão vantajoso para a unidade museológica como para o estagiário, pois se por um lado durante um certo período o museu conta com mais um funcionário, por outro o estagiário pode aprender e aprofundar os seus conhecimentos.

No início do estágio, temia-se que a transferência do acervo para novas instalações, enquanto decorressem as obras no MMP, poderiam trazer consequências muito graves a nível de conservação para as peças, no entanto os nossos maiores receios não foram materializados. Assim, as peças que há anos estavam estáveis e adaptadas às condições adversas do MMP, na sua maioria não apresentaram grandes alterações, nem durante a permanência noutra local, nem quando regressaram ao Museu. Na coleção antoniana, somente, quatro peças sofreram alterações mas que facilmente podem ser corrigidas. No restante acervo, a Nossa Senhora das Dores, devido a problemas anteriores, foi a que mais sentiu as mudanças. Atualmente, esta escultura encontra-se exposta no piso 2, *Imaginaria Sacra, Ourivesaria e Mobiliário Eclesiástico* e foi restaurada pela conservadora restauradora Laura Romão.

Da análise realizada às unidades museológicas existentes em Portalegre, podemos dizer que a nível qualitativo e quantitativo houve melhorias consideráveis, o que muito beneficiou do trabalho desenvolvido ao longo destes anos pela Fundação Robinson e o papel cada vez mais presente que a Rede de Património de Portalegre tem vindo a alcançar.

Todos os parceiros da Rede têm o seu papel e identidade bem distintos, podendo mesmo dizer que estamos perante museus únicos, que representam a identidade da cidade e não podiam existir noutra local. No entanto, as potencialidades de cada um podem ser maiores, trabalhando em conjunto e unindo esforços para defenderem e divulgarem o património que é de todos e que representa a memória desta cidade e desta região.

Se tivéssemos de descrever os Museus de Portalegre numa só palavra ela seria *sonho*.

O MMP, para além das peças ligadas aos diversos conventos da cidade, é o sonho de vários colecionadores, homem e mulheres, que de alguma maneira estiveram relacionados com a cidade e que a ele quiseram vender ou oferecer o esforço de uma vida. O Núcleo Rural – Museu Municipal de Portalegre Coleção Emílio Relvas, é o sonho do homem que, após se aposentar, dedicou o seu tempo a fazer bonecos em madeira.

A Casa Museu José Régio, é o sonho do poeta colecionador que ao longo de muitos anos foi adquirindo um sem número de antiguidades, ficando assim estas peças na região de onde são originárias e da qual contam a história.

O Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, é o resultado do sonho e do trabalho árduo do homem que lhe deu nome, e que fez com que hoje as suas tapeçarias sejam encaradas como autênticas obras de arte e dignas representantes da arte contemporânea.

O núcleo do Museu Robinson | Igreja do Convento de S. Francisco, é o concretizar do sonho de Rui Sequeira, que adquiria peças em fim de vida para assim as preservar e criar um grande *Museu dos Cristos*. Por seu lado, a Fundação Robinson, enquanto espaço cultural, simboliza o sonho e anseios de toda uma população que ao longo dos anos trabalhou na fábrica que lhe deu nome.

Em suma, podemos afirmar que, nos últimos anos em Portalegre, se tem apostado no património como um Pólo de dinamização e de desenvolvimento da cidade.

Por último, fica a esperança que este trabalho, enquanto estagiária do Museu Municipal de Portalegre, possa contribuir para futuros trabalhos de conservação e restauro, bem como para a realização de exposições da coleção antoniana.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes

#### Periódicos

*A Voz de Portalegre*

Do ano XXVII nº1364 de 13-01-1959 ao ano XXXII nº1649 de 12-09-1964.

*A Rabeca*

Do ano 3 nº153 de 22-12-1918 ao ano 70 nº3207 de 28-02-1985.

*O Distrito de Portalegre*

Do ano 35 nº2542 de 10-03-1918 ao ano 100 nº5919 de 23-03-1985.

Ano 117 nº6731 de 20-07-2001.

Ano 123 nº 6974 de 13-07-2006.

Ano127 N.º 7148 de 4-03-2010

*Fonte Nova*

Do ano I nº18 de 27-02-1985 a

Ano XXVII nº1835 de 26-07-2011

Ano XXVII Nº 1844 de 11-10-2011

Ano XXVIII, n.º 1876 de 29-05-2012

#### Arquivos do Museu Municipal de Portalegre

ALVES, Sónia – *Museu Municipal como Fonte de Desenvolvimento Local*, s.d., policopiado.

ALVES, Sónia - *Acções de Serviços Educativos*, s.d, policopiado

ALVES, Sónia – *Museu Municipal de Portalegre*, 2002, policopiado

ALVES, Sónia - *História do Museu de Portalegre*, 2006, policopiado

Curvelo, Herculano Maria - *Fichas de Inventário Coleção Antoniana Herculano Curvelo*, s.d, manuscritas.

SAJARA, Luis Ferreira - s.t., 1971, policopiado

*Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 16 Setembro de 1980 a Setembro de 1983*

*Livro de Apreciações do Museu Municipal de Portalegre de 8 Setembro de 1983 a 23 Junho de 1985*

*Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre de 2 de Julho de 1961 a 4 de Setembro de 1964.*

*Livro de Registos do Museu Municipal de Portalegre de 4 de Setembro de 1964 a 27 de Julho de 1968*

*Livro de reclamações de 30 de Janeiro de 1999 a 28 de Setembro de 2002.*

*Carta de Joaquim Lopes Cravo a Herculano Curvelo (14 de Junho de 1983).*

## **Bibliografia**

AA. VV. – *Exposição Santo António Padroeiro da Cidade e da Diocese*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 1996.

ALBERTO, Jorge Maroco; TAVARES, Célia Gonçalves – “La Fábrica Robinson de Portalegre (Portugal) Rehabilitación y preservación del patrimonio industrial.” in RIVELLA MARUGÁN, Guillermo (coor.) – *Lámpara Patrimonio Industrial nº 3*. Valladolid: Asociación Lámpar. Património Industrial, 2010.

ALONSO FERNÁNDEZ, Luis - *Museología y museografía*. Barcelona: Ediciones del Serbal; 1999.

ATTWATER Donald - *Dicionário de Santos*. Mem Martins: Publicações Europa América, 1992.

AZEVEDO, Fernando; SILVA, Maria do Carmo Marques da - *50 Anos de Tapeçaria em Portugal – Manufactura de Tapeçaria de Portalegre*. Lisboa: Eurolitho, Impressores Gráficos, 1996.

BARBOSA, Maria Manuel Pinto, *et. al.* - *Matéria e Cor Tapeçarias de Portalegre. Exposição Galeria e sala Ogival – Castelo de S. Jorge*. Lisboa: Gráfica Maiadouro, 2005.

BRAVO, Aurélio Bentes e - *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre nº Especial*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas, 1984.

BUTLER, Reverendo Aban - *Vidas dos Santos*. Lisboa: Dinalivros, 1999.

COUTO, João – *O Museu de Portalegre in Ocidente*, nº 282, VOL LXI, 1961.

GARRAIO, Isilda - *O Centro Histórico da Cidade Portalegre*. Portalegre: Garraio Edições: Região de Turismo de S. Mamede/ Norte Alentejano, 2002

GASPAR, Diogo (coord) - *Nós na Arte – Tapeçarias de Portalegre e Arte Contemporânea*. Lisboa: Museu da Presidência da Republica, 2009.

GONÇALVES, Flávio – “Uma carta inédita de José Régio.” in VENTURA, António (coord) - *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre, número especial*. Lisboa: Edições Colibri, 1984,

GOUVEIA, António Camões (dir.) - *Publicações da Fundação Robinson nº 0. Para a História da Fundação*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007.

IDEM - *Publicações da Fundação Robinson nº 3. ArqRob. O arquivo da Fundação Robinson*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2007.

IDEM - *Publicações da Fundação Robinson nº 10. A requalificação da igreja do Convento de São Francisco*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2009.

IDEM - *Publicações da Fundação Robinson, nº 16. Rede de Património de Portalegre: Edificado, Móvel e Imaterial, Museu Municipal: história do edifício e do museu*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2011.

IDEM - *Publicações da Fundação Robinson nº 22. A ideia nunca abala*. Portalegre: Gráfica Maiadouro, 2012.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández - *Manual de Museología*. Madrid: Editorial Síntesis; 2001.

KEIL, Luís – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Portalegre*. Vol.I. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1943.

LISBOA, Eugénio (dir.) - *Boletim Centro de Estudos Regionais nº 3*. Vila do Conde: Centro de Estudos Regionais, 1998

IDEM - *Boletim Centro de Estudos Regionais nº6-7*. Vila do Conde: Centro de Estudos Regionais, 2000.

MARCÃO, António Luís – “Santa Catarina de Alexandria.” in VENTURA, António (Coord) - *Boletim do Centro de Estudos José Régio nº6*. Portalegre: Edições Colibri, 2000,

MENDES, Manuela - Espaço Robinson: Notas Históricas. [consultado em 14 de julho 2012]. Disponível em <http://www.cm-portalegre.pt/resources/2080/zoom/robinson.pdf>

NOVAIS, Isabel Cadete – *José Régio e os mundos em que viveu*. [Consultado em 16 junho 2012] Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/joseregio/ficha.html>.

NOVAIS, Isabel Cadete - *José Régio itinerário fotográfico*. Coleção Presenças de Imagem; Vila do Conde: Imprensa Nacional Casa da Moeda; Câmara Municipal de Vila do Conde; 2002.

PATRÃO, J. Heitor; ALVES, Sónia - *Exposição Santo António Padroeiro da Cidade e da Diocese - Museu Municipal de Portalegre 17 a 26 de Maio 1996*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 1996.

PILOTO, Adelina; SANTOS, A. Monteiro dos - *José Régio Correspondência Familiar Cartas a seu Irmão Apolinário*. Vila do Conde: Edição dos Autores, Gráfica Vilar do Pinheiro, 2001.

RÉAU, Louis – *Iconografia de los Santos*. Volume 3, Barcelona: Ediciones del Serbal, 2000.

ROMÃO, Laura Portugal - *Coleção Sequeira – Do Armazém há reserva*. [Texto Policopiado] Lisboa: [s.n.], 2009 Projecto final de Licenciatura.

SEQUEIRA, Susana de Almeida - *Porcelanas do Oriente ao Ocidente Coleção do Museu Municipal de Portalegre*. Casal de Cambra: Caleidoscópico – edição e artes gráficas, AS., 2007.

SILVA, Luís F. Lopes da - *Roteiro e Subsídios para a História da Cidade de Portalegre*. Portalegre: Orbis Edições Ilustradas, Lda, 1981.

VENTURA, António (Coord) - *José Régio e a Arte Popular*. Setúbal: Cordelito, 2001.

IDEM- *Boletim do Centro de Estudos José Régio nº6*. Portalegre: Edições Colibri, 2000.

### **Textos não Publicados**

MAÇÃS Maria José; ALVES, Sónia - *Conservação Preventiva na Casa-Museu José Régio*.  
Portalegre, 2001 (policopiado)

Museu da Tapeçaria de Portalegre – Guy Fino, s.d. (policopiado)

Fundação Robinson - Rede de Património de Portalegre | edificado, móvel e imaterial (2ª fase) Memoria descritiva e justificativa. Olhar o Horizonte. Consolidar as memórias, 2010 (policopiado)

### **Legislação**

Lei n.º 47/2004 de 19 de Agosto –Lei-Quadro dos Museus Portugueses

Diário da República – II Série, De 31 de Janeiro de 2005 - Portaria 166

Diário da República – II Série. De 8 de Agosto de 2011 - Declaração n.º 203/2011

### **Recursos na Internet**

<http://www.cm-portalegre.pt> [Consultado em janeiro de 2007, janeiro de 2012, 14 de julho e 20 de Agosto de 2012]

<http://www.fundacaorobinson.pt> [Consultado em 20 de agosto 2012]

<http://www.mtportalegre.pt> [Consultado em 21 de julho 2012]

[www.facebook.com/pages/Fundação-Robinson/313312702094882](http://www.facebook.com/pages/Fundação-Robinson/313312702094882) [Consultado em 20 agosto 2012]

## Anexos

Anexo I – Fotográfico .....	I
I.I – Fotografias do Museu Municipal de Portalegre .....	I
I.II – Fotografias da Casa Museu José Régio .....	XXIX
I.III – Fotografias do Museu de Tapeçarias de Portalegre .....	XXX
I.IV – Fotografias da Fundação Robinson .....	XXXII
Anexo II – Plantas .....	XXXVI
II. I – Museu Municipal de Portalegre .....	XXXVI
II.II – Casa Museu José Régio .....	XLI
II.III – Museu de Tapeçarias de Portalegre .....	XLIII
II.IV – Fundação Robinson .....	XLIV
Anexo III – Fichas .....	XLV
III.I.I – Fichas de Verificação – Tipo 1 .....	XLV
III.I.II – Fichas de Verificação – Tipo 2 .....	XLVI
III.II – Fichas de Verificação – Baixos Relevos .....	LII
III.III – Ficha da Base de Dados <i>In Arte</i> .....	LXII
Anexo IV – Textos Complementares .....	LXIV
IV. I - Breve biografia de Santo António de Lisboa.....	LXIV
IV.I.II - Iconografia do Santo .....	LXV
IV. II - José Régio o Poeta Colecionador .....	LXVI
IV. III - Fábrica de Manufatura de Tapeçarias de Portalegre .....	LXXI
IV.IV - Fabrica Robinson .....	LXXVI